

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TATIANA MOL GONÇALVES

“FIXAR A VIDA DA ILUSTRE CIDADE”: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA EM
MARIANA, ROMANCE DE AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR.

Mariana
2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

TATIANA MOL GONÇALVES

“FIXAR A VIDA DA ILUSTRE CIDADE”: A REPRESENTAÇÃO DA MEMÓRIA EM
MARIANA, ROMANCE DE AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR.

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Letras, ao curso de
Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem,
da Universidade Federal de Ouro Preto.

Linha de pesquisa: Linguagem e Memória Cultural

Orientadora: Prof^a. Dra. Mônica F. R. Gama
Co-orientadora: Prof^a. Dra. Cilza C. Bignotto

Mariana
2021

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

G635f Goncalves, Tatiana Mol.
"Fixar a vida da ilustre cidade" [manuscrito]: a representação da memória em Mariana, romance de Augusto de Lima Júnior. / Tatiana Mol Goncalves. - 2021.
100 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Fernanda Rodrigues Gama.

Coorientadora: Profa. Dra. Cilza Carla Bignotto.

Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem.

Área de Concentração: Estudos da Linguagem.

1. Ficção - História e crítica. 2. Memória. 3. Mariana (MG). 4. Lima Júnior, Augusto de, 1889-1970. I. Bignotto, Cilza Carla. II. Gama, Mônica Fernanda Rodrigues. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 82-31(81)

Bibliotecário(a) Responsável: Edna da Silva Angelo - CRB6 2560



FOLHA DE APROVAÇÃO

Tatiana Mol Gonçalves

“Fixar a vida da ilustre cidade”: a representação da memória em Mariana, romance de Augusto de Lima Júnior

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras: Estudos da Linguagem.

Aprovada em 14 de outubro de 2021

Membros da banca

Profa. Dra. Mônica Fernanda Rodrigues Gama - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Dra. Elzira Divina Perpétua- Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP
Profa. Dra. Milena Ribeiro Martins - Universidade Federal do Paraná - UFPR

Profa. Dra. Mônica Fernanda Rodrigues Gama, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 14/10/2021.



Documento assinado eletronicamente por **Monica Fernanda Rodrigues Gama, COORDENADOR(A) DE CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ESTUDOS DA LINGUAGEM**, em 11/02/2022, às 08:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0231539** e o código CRC **788D3B8A**.

Para Francisco, meu filho,
minha maior alegria.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro que possibilitou o desenvolvimento da pesquisa.

Às minhas queridas orientadoras, Profa. Mônica Gama e e Profa. Cilza Bignotto, pelas leituras atentas e pela generosa contribuição que deram em minha trajetória acadêmica.

Ao Prof. Emílio Maciel e à Profa. Janaína de Paula, pelas disciplinas que muito me ensinaram.

À Dona Hebe Rola, da Casa de Cultura de Mariana, e à Ana Cláudia Santos, do Museu Alphonsus de Guimaraens, pelo apoio e pela parceria no projeto *Vozes & Letras*, que possibilitou a oficina “O romance *Mariana*, de Augusto de Lima Júnior”, aberta à comunidade marianense.

À Rita do Carmo, pela acolhida e auxílio na Biblioteca Municipal de Mariana no início da pesquisa.

Ao amigo Moacir Maia, pelo apoio e pelas conversas instigantes sobre *Mariana*.

À Denise, Leilane, Dayane, Natasha, Dâmares, Raquel, Felipe, Zé e demais colegas do PosLetras, pela convivência amistosa.

Às queridas amigas e amigos Kelly, Nati, Gi, Bráulio, Gilson, Alba e Cristiano, pelas muitas trocas, carinho e incentivo.

À Maria Edith e Naila Trícia, pela presença sensível em momentos intensos.

Aos meus pais e minha irmã, pelo apoio constante.

Ao Danny, meu amor, pela vida compartilhada nessa potente travessia.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas.

Walter Benjamin

RESUMO

O romance *Mariana* (1932) apresenta em seu enredo um momento singular da memória e da história da cidade mineira que dá título ao livro. Seu autor é Augusto de Lima Júnior, escritor que desenvolveu uma considerável produção intelectual sobre Minas Gerais no decorrer do século XX. Sua obra literária, contudo, que muito versa sobre algumas memórias e paisagens mineiras, é atualmente pouco conhecida e carece de estudos. Esta pesquisa que ora se apresenta tem por objetivo compreender a representação da memória elaborada por Lima Júnior nas páginas do romance *Mariana* e analisar as estratégias discursivas utilizadas na composição da referida obra, a fim de contribuir para a história da literatura brasileira, sobretudo a que ficou marginalizada, fora do cânone. Para isso, buscamos o conceito de “lugares de memória”, do historiador francês Pierre Nora e, nesse sentido, compreendemos que a fixação da vida da cidade num singular instante, à qual se refere Lima Júnior no prefácio da obra, parece ter sido contemplada pela vontade de criar uma cristalização da memória coletiva por meio da escrita literária, antes que ela se perdesse no contexto de transformações vivenciadas pela comunidade em questão, o que leva o romance a funcionar como um “lugar de memória”: um espaço material e simbólico que guarda uma memória pertencente a uma coletividade.

PALAVRAS-CHAVE: História e ficção; lugar de memória; Mariana; Augusto de Lima Júnior.

ABSTRACT

The novel *Mariana* (1932) presents in its plot a singular moment of the memory and history of the city of Minas Gerais state that gives title to the book. Its author is Augusto de Lima Júnior, a writer who developed a considerable intellectual production on Minas Gerais during the 20th century. Although ranging, in a wide sense, memories and landscapes from Minas Gerais, Lima Júnior's literary work is currently little known, lacking more studies. It is aimed to understand the representation of memory elaborated by the author along the pages of the novel and to analyze the discursive strategies used in its composition, in order to contribute to the history of Brazilian literature, especially that marginalized one, outside the canons. For this, we looked for the concept of "places of memory", by the French historian Pierre Nora to, in this sense, understand that the fixation of city life in a singular moment, to which Lima Júnior refers in the preface, seems to have been achieved by a desire to crystallize the collective memory through the literary writing, before it was lost in the context of transformations experienced by the referred community, which leads the novel to function as a "place of memory": a material and symbolic space that holds a memory belonging to a collectivity.

KEYWORDS: History and fiction; Place of memory; *Mariana*; Augusto de Lima Junior.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo 1 – “Ficam a cantar em minha memória”: a escrita literária de Augusto de Lima Júnior	15
1.1 Um escritor mineiro.....	15
1.2 Antes e depois do romance <i>Mariana</i>	23
1.3 O memorialismo de Lima Júnior.....	33
Capítulo 2 – Ficção, história, memória: o romance <i>Mariana</i>.....	42
2.1 O romance brasileiro nos anos 1930.	42
2.2 “Romance histórico”, “história romanceada” ou “a própria história amenizada”.....	50
2.2.1 O plurilinguismo no romance.....	51
2.2.2 Romance histórico.....	57
2.2.3 Balzac como modelo para Lima Júnior.....	67
Capítulo 3 – <i>Mariana</i> como “lugar de memória”.....	72
3.1 Memórias fixadas no romance.....	72
3.2 “O novo e o velho”.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
Referências.....	97

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. I	Fotografia de Augusto de Lima Júnior, no jornal <i>A Noite</i> , edição de 12/07/1935.....	26
Fig. II	Propaganda do livro <i>O amor infeliz de Marília e Dirceu</i> no jornal <i>A Noite</i> , s/n..	28
Fig. III	Capa da segunda edição do livro <i>Mariana</i>	31
Fig. IV	Capa do livro <i>Canções do Tempo Antigo</i> , 1966.....	37
Fig. V	Capa do livro <i>Quando os ipês florescem</i> , 1965.....	40

INTRODUÇÃO

*Literatura é o fragmento dos fragmentos;
do que aconteceu e foi dito escreveu-se o mínimo,
e restou o mínimo do que se escreveu.*

Goethe

Publicado no ano de 1932, o romance *Mariana* apresenta em seu enredo um momento singular da memória e da história da cidade mineira que dá título ao livro: a morte de um bispo da igreja católica, a chegada de um novo prelado na cidade e alguns desdobramentos que esse evento suscitou no cotidiano de parte de sua população. A religiosidade católica tem forte presença e marca não apenas a paisagem da interiorana e histórica cidade de Mariana – como é possível constatar ainda hoje, ao se lançar o olhar sobre suas imponentes edificações religiosas setecentistas e outras mais recentes – mas também está atrelada à própria história e memória local, caso se considere, por exemplo, que Mariana, então Vila do Carmo, tornou-se a primeira cidade de Minas ainda no século XVIII, justamente com a finalidade de sediar o primeiro bispado em terras mineiras¹. O autor do romance é o escritor mineiro Augusto de Lima Júnior (1889-1970), que desenvolveu uma considerável produção intelectual sobre Minas Gerais no decorrer do século XX, entre obras literárias e historiográficas, além de artigos jornalísticos. A narrativa apresentada em *Mariana* se passa 10 anos antes de sua publicação, em 1922, e contém vários elementos que podem ser discutidos em suas páginas no que tange aos estudos sobre a representação da memória na escrita literária, o que será o foco deste trabalho.

As escritas da memória e da história elaboradas em Minas Gerais e sobre essa espacialidade no início do século XX são um tema que muito me interessa enquanto pesquisadora. Este interesse surgiu durante a graduação em História, realizada na

1 Sobre a relação direta entre a criação do bispado e a fundação da cidade, a historiadora Cláudia Damasceno Fonseca esclarece que, em 1745, concretizou-se a criação do bispado e, no mesmo ano, a vila foi elevada à categoria de cidade, já que, segundo as leis da Igreja, somente terras livres poderiam manter sedes eclesiásticas, o que pressupunha a emancipação do município neste caso. FONSECA, Cláudia Damasceno. “O espaço urbano de Mariana: sua formação e suas representações”. In: *TERMO de Mariana: história e documentação*. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998, p. 40.

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), quando trabalhei em uma pesquisa de iniciação científica, na área de historiografia brasileira, sobre a fundação e primeira fase do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais (IHGMG). A agremiação foi fundada na capital mineira no ano de 1907 por um grupo de letrados, teve sua primeira fase de funcionamento até o ano de 1927 e tinha como objetivo constituir-se como “um lugar privilegiado para se pensar (e escrever) sobre a história mineira, contribuindo para tanto seus esforços no sentido de criar um arquivo documental, uma biblioteca, além de um museu onde fossem guardados objetos pertinentes à história do estado”².

Em minha monografia de conclusão de curso, ainda na área de história da historiografia, analisei um livro escrito sobre a Inconfidência Mineira pelo letrado Lucio José dos Santos (1875-1944), a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), no ano de 1922, e que viria a ser publicado em 1927³. O objetivo da pesquisa foi investigar a concepção de história assumida na obra *A Inconfidência mineira: papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*, bem como compreender quais foram os critérios utilizados por seu autor para legitimar sua representação do passado. Nesse sentido, observamos que o historiador utilizou em sua escrita da história a “exemplaridade” dos eventos do passado, aliada às exigências de “prova documental” e “método crítico”. Constatamos também que, para associar as exigências da crítica documental com um conhecimento histórico que deveria

2 GONÇALVES, Tatiana M.; NICOLAZZI, Fernando. O Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais: fundação e ‘primeira fase’, 1907-1927. In: FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente (orgs.). *Os Institutos Históricos e Geográficos: Nação e Região na Historiografia Brasileira*. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 188. Esta pesquisa foi realizada sob orientação do Prof. Dr. Fernando Nicolazzi, a quem agradeço pelas contribuições em minha trajetória acadêmica. Os resultados da pesquisa foram também publicados em: GONÇALVES, Tatiana M.; NICOLAZZI, Fernando. Inventando a historiografia mineira: o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais em sua ‘primeira fase’, 1907-1927. *Revista de Teoria da História*, v. 6, p. 93-109, 2014.

3 Lucio dos Santos foi um engenheiro, professor e historiador mineiro. Formou-se na Escola de Minas de Ouro Preto e em Direito na cidade de São Paulo. Atuou como professor de engenharia na instituição em que se formara e também na Escola de Engenharia de Belo Horizonte, além de ser professor de disciplinas de ciências humanas em outras instituições. Esteve na diretoria de algumas instituições ligadas à área educacional, como na Instrução Pública do Estado e na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico de Belo Horizonte. Foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de Minas Gerais, atual FAFICH/UFMG, além de assumir, por alguns anos, a reitoria da Universidade de Minas Gerais, hoje UFMG. Lucio dos Santos foi também um dos sócios efetivos do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. E, a pedido do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – agremiação que o teria em seu quadro de sócios correspondentes anos depois – ele escreveu, no ano de 1922, sua principal obra, editada em forma de livro em 1927, *A Inconfidência Mineira: papel de Tiradentes na Inconfidência Mineira*. GONÇALVES, Tatiana M. *Crítica, exemplaridade e poética: a escrita da história na pena de Lúcio dos Santos*. 2011. 73f. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011, p. 05. Esta pesquisa também foi realizada sob orientação do Prof. Dr. Fernando Nicolazzi.

ser ensinável às gerações vindouras – e, por isso mesmo, demandaria ao autor uma escrita mais aprazível a seu leitor – Lucio dos Santos construiu o agenciamento dos fatos em sua narrativa sob os moldes de uma “poética”, atribuindo a ela elementos que, no limite, colocam em contato os gêneros historiográfico e literário⁴.

Após este estudo realizado na pesquisa de monografia, surgiu o interesse em compreender melhor os caminhos da escrita literária e, então, anos depois, matriculei-me na disciplina isolada “Memória, arquivo e representação”, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem (PosLetras), da UFOP⁵. Em meio às instigantes discussões sobre memória e literatura promovidas ao longo do curso, deparei-me, na mesma época, com a curiosa informação de que havia um livro, talvez um romance histórico, escrito sobre a cidade de Mariana – primeira cidade de Minas Gerais e também sede do PosLetras/UFOP –, na primeira metade do século XX, pelo historiador mineiro Augusto de Lima Júnior⁶.

Augusto de Lima Júnior foi um dos sócios efetivos do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, já na quarta fase da instituição, e seu pai, o letrado Augusto de Lima, foi um dos sócios fundadores da agremiação, em 1907. Seu nome, portanto, já havia aparecido nas pesquisas que realizei anteriormente na área da História. Surpreendeu-me saber que o historiador mineiro também havia escrito várias obras literárias que versavam sobre memórias, paisagens, lendas e costumes de Minas Gerais.

O romance *Mariana* parecia não ser conhecido por muitos, no momento em que eu buscava um exemplar para conhecer sua narrativa. Ao localizar o livro na Biblioteca Municipal de Mariana e ao ler o romance, impulsionada pelas discussões então estabelecidas na disciplina do PosLetras, impressionou-me como o conteúdo da memória era marcante em tal obra, que parecia haver caído em esquecimento na história da literatura brasileira.

4 Ibidem, p. 60-61.

5 A disciplina foi ofertada, na ocasião, pela Profa. Dra. Cilza Bignotto, a quem expressei meu profundo agradecimento por ter me apresentado o romance *Mariana*, por sua disciplina ter inspirado esta pesquisa e por ter, ainda, orientado este trabalho.

6 O livro foi citado em um artigo escrito sobre o jardim histórico do antigo Palácio dos Bispos, de Mariana. Cf.: MAIA, Moacir R. C. Uma quinta portuguesa no interior do Brasil ou A saga do ilustrado dom frei Cipriano e o jardim do antigo palácio episcopal no final do século XVIII. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 881-902, out./dez. 2009.

De acordo com Luis Bueno,

é possível romper o círculo dos ‘principais’ autores, sempre confundidos com os ‘melhores’ autores, e voltar os olhos para escritores cuja obra, embora possa ser vista num determinado momento como falhada, representou esforço significativo e, mesmo, muitas vezes, definidor das letras do seu tempo. A restrição aos ‘melhores’ favorece o hábito de fazer da história literária um repisar das mesmas ideias sobre os mesmos autores, uma vez que seu escopo já aparece pré-definido, em função do que valeria a pena ou não ler. Ora, antes de ler efetivamente, é impossível saber se, para um determinado trabalho de história literária, vale a pena ou não ler esta ou aquela obra que, para alguém que trabalhou em outra perspectiva, anos antes, ficou claro que não valia⁷.

Nesse sentido, a pesquisa que ora se apresenta tem por objetivo compreender a representação da memória elaborada pelo escritor Augusto de Lima Júnior nas páginas do romance *Mariana* (1932) e analisar as estratégias discursivas utilizadas na composição da referida obra, a fim de contribuir para a história da literatura brasileira, sobretudo a que ficou marginalizada, fora do cânone.

Para isso, no capítulo 1, apresentaremos a trajetória intelectual de Augusto de Lima Júnior, no sentido de mapear seus possíveis interesses no campo da memória. Grande parte das obras literárias do autor – poesias, contos, crônicas, romances –, que muito versam sobre memórias e costumes das cidades históricas mineiras, caíram em esquecimento ao longo do tempo. Assim, buscamos apresentá-las, com base nas notas de divulgação que receberam na imprensa à época, além de discutir como Lima Júnior se tornou um escritor memorialista, a partir da ligação estabelecida por ele com as paisagens de sua terra.

No capítulo 2, analisaremos o romance *Mariana* tendo como eixo norteador as relações mantidas na obra entre ficção, história e memória. Inicialmente, com base nos trabalhos de João Luiz Lafetá e de Luís Bueno, visamos a compreender como eram escritos os romances brasileiros nos anos 1930, quais eram as principais questões abordadas pelas obras e se Lima Júnior, em *Mariana*, dialogava com os problemas lançados pela geração de romancistas contemporâneos seus. A partir da teoria de Mikhail Bakhtin, em *Questões de literatura e de estética*, discutiremos a respeito do plurilinguismo por gêneros intercalados que a obra

7 BUENO, Luís. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Campinas: Editora da Unicamp, 2015, p. 13.

apresenta em sua estrutura. Na sequência, questionaremos se a obra se trata ou não de um romance histórico, uma vez que seu enredo é tecido com personagens fictícios e reais, em meio a um evento integrante da memória recente da comunidade e apresenta, ainda, narrativas históricas sobre a cidade de Mariana. Para tal discussão, recorreremos às importantes informações apresentadas por Georgy Lukács em *O romance histórico*, além de outros autores que se debruçaram mais recentemente sobre o tema. E, a partir da análise de Erich Auerbach, em “Na mansão de La Mole”, sobre o realismo de Honoré de Balzac, apresentaremos as influências que o escritor francês parece ter desempenhado na composição de *Mariana*, para além de uma escrita da história social dos costumes por meio da ficção.

No terceiro e último capítulo da dissertação, iremos aprofundar na representação da memória no romance *Mariana*. Com base no conceito de “lugares de memória”, do historiador francês Pierre Nora, visamos a analisar como Augusto de Lima Júnior buscou fixar os costumes e as práticas cotidianas da comunidade católica marianense, antes que eles se perdessem em meio à ação do tempo e das mudanças do contexto em questão. E, por fim, apresentaremos como são feitas as composições de personagens e ambientes dentro deste romance híbrido, que apresenta a memória e a história da cidade de Mariana, junto ao conteúdo ficcional da narrativa.

“FICAM A CANTAR EM MINHA MEMÓRIA”: A ESCRITA LITERÁRIA DE
AUGUSTO DE LIMA JÚNIOR

[...] a verdade é que me fora dado um impulso à memória; [...] passava a maior parte da noite a recordar minha vida de outrora, em casa de minha tia-avó em Combray, em Balbec, em Paris, em Doncières, em Veneza, noutras partes ainda, a recordar os lugares, as pessoas que ali conhecera, tudo o que delas tinha visto, o que me haviam contado a respeito.

Marcel Proust

*Terra minha querida! Nas pelejas,
Volto saudoso o coração, sonhando,
Tua paisagem de serras e de igrejas.*

Augusto de Lima Júnior

1.1 Um escritor mineiro

Augusto de Lima Júnior foi um escritor, jurista, historiador e jornalista cujo nome figura com destaque em meio à intelectualidade mineira do século XX e cujas obras são ainda hoje referências para estudos históricos sobre Minas. Sua produção intelectual foi ampla: ele teria publicado, até onde se sabe, mais de 30 obras dentro dos gêneros literário e historiográfico, a maior parte delas versando sobre Minas Gerais. Algumas delas, inclusive, saíram em várias edições, como é o caso do livro de estudos históricos intitulado *A Capitania das Minas Gerais: suas origens e formação*, que teve quatro edições entre 1940 e 1978; ou ainda seu romance *O amor infeliz de Marília e Dirceu*, com cinco novas tiragens entre 1936 e 1998⁸. Vale lembrar igualmente sua profícua produção como jornalista, pois colaborou em

8 As referências sobre a quantidade de livros publicados ao longo de sua vida e o número de edições dos dois que foram especificamente citados nessa passagem foram retiradas do livro LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. Origens das principais evocações. Edição comentada,

diversos jornais, como *A Gazeta de Notícias*, *A Noite*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Comércio* e *Correio da Manhã*; estes, no Rio de Janeiro. Na capital mineira, fundou em 1927 o jornal *Diário da Manhã*, o qual, embora de pouca duração, foi considerado um marco de modernidade na história da imprensa mineira por sua diagramação, suas bem aparelhadas oficinas, seu serviço telegráfico internacional. O maquinário, importado por Lima Júnior, constituiu mais tarde o embrião do jornal *Estado de Minas*, quando vendido a Assis Chateaubriand⁹.

O escritor foi também um dos fundadores da *Revista de História e Arte*, no ano de 1963, em Belo Horizonte, juntamente com outros intelectuais de relevo no cenário mineiro, como Salomão de Vasconcelos, Victor Figueira de Freitas e Waldemar de Almeida Barbosa¹⁰. O periódico divulgava como sua missão, de acordo com Camila Ferreira, “restaurar a cultura brasileira por meio da busca pela verdade histórica” e ficou conhecido por seus trabalhos no âmbito das políticas patrimoniais e seus vários debates polêmicos, como o combate à valorização de Aleijadinho como grande artista do Barroco mineiro, ou as duras críticas reportadas à arquitetura moderna em templos católicos, especialmente a da Igreja São Francisco de Assis, em Belo Horizonte¹¹.

Além de ser membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, da Academia Mineira de Letras e de instituições congêneres no Brasil e em Portugal, Lima Júnior foi também responsável por práticas simbólicas relacionadas à construção da memória de Minas Gerais e da identidade brasileira, como a negociação do traslado ao Brasil dos restos

coordenada por Francisco Eduardo Andrade e Mariza Guerra de Andrade. Belo Horizonte: Autêntica Editora; Editora PUC Minas, 2008. p. 315 a 317.

9 LIMA, Luís Augusto de. “Augusto de Lima Júnior e sua coleção de gravuras de Nossa Senhora”. In: LIMA JÚNIOR, Op. Cit., 2008, p. 18. Luís Augusto de Lima adverte neste texto que a contribuição de Lima Júnior na imprensa ainda não foi devidamente levantada e se configura como parte indispensável para uma avaliação de sua vasta produção intelectual.

10 A historiadora Camila Ferreira, em pesquisa sobre Augusto de Lima Júnior e seu trabalho no campo patrimonial, ressalta que, reconhecendo os intelectuais envolvidos na *Revista de História e Arte*, é possível se observar que o periódico se apresentava como um espaço de sociabilidade de uma geração de intelectuais que já se reuniam nos espaços de produção da memória histórica do Brasil e, em especial, de Minas Gerais. Entre os envolvidos com a revista, observa-se que muitos deles já estavam concentrados no debate sobre a cultura histórica nacional a partir de agremiações como o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, a Academia Mineira de Letras e também o Arquivo Público Mineiro. FERREIRA, Camila Késia R. *A polêmica como patrimônio: Augusto de Lima Júnior e a Revista de História e Arte nos embates da política patrimonial (1930-1966)*. 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017, p. 102.

11 Ibidem, p. 12.

mortais dos Inconfidentes mineiros exumados em África, a escrita do projeto que elevava a cidade de Ouro Preto a monumento nacional e a idealização da entrega da Medalha da Inconfidência, que ocorre ainda hoje em todo 21 de abril.

Este marcante trânsito mantido pelo escritor dentro do cenário intelectual ao longo de grande parte do século passado – muito envolvido, há que se ressaltar, com questões concernentes à construção simbólica de uma memória – bem como as várias críticas que seus livros receberam em jornais da época¹², além das constantes reedições de suas obras, fazem-nos aventar a hipótese de que suas obras eram bastante lidas e possuíam relevância no contexto em que foram escritas, configurando-se como pertencentes a uma determinada cultura intelectual que buscamos compreender melhor.

Nesse sentido, ainda que analisar as intenções político-culturais de Lima Júnior ou suas redes de sociabilidades seja algo que escape aos objetivos deste estudo, compreendemos a literatura, conforme sugere Antonio Candido, como um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes duma fase”¹³. De acordo com o crítico literário, tais denominadores seriam as características internas do texto, além de certos elementos de natureza social e psíquica, entre os quais se distinguem: um conjunto de produtores literários em alguma medida conscientes de seu papel; um conjunto de receptores, que formam o público; um mecanismo transmissor, uma linguagem, que liga uns aos outros. O conjunto destes três elementos daria lugar a “um tipo de comunicação inter-humana, a literatura”, que aparece, portanto, como um “sistema simbólico, por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade”¹⁴. Assim, é relevante mencionar que Lima Júnior fazia parte de grupos intelectuais comprometidos com a construção, por meio da escrita, de uma identidade singular de Minas Gerais, que se articulava com o discurso da *mineiridade*.

Em 1965, o escritor registrou o que seria sua filiação intelectual no prefácio da 3ª edição daquele que talvez seja seu principal livro, *A Capitania das Minas Gerais*:

12 Algumas dessas críticas serão abordadas na sequência do trabalho.

13 CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Azul; São Paulo: FAPESP, 2017, p. 25.

14 *Ibidem*, p. 25.

O grupo de historiógrafos mineiros, a que pertenço, orienta-se pelo exemplo desse grande mestre que é Salomão de Vasconcelos, o admirável pesquisador, cujos trabalhos puseram fim ao desonesto sistema de compilação e de submissão aos erros e mitos, muitos destes, subvencionados pelos cofres públicos com intuitos políticos ou comerciais.¹⁵

Segundo Camila Ferreira, ao se vincular ao trabalho do médico e historiador marianense Salomão de Vasconcelos, tido como mestre de uma geração que se preocupava com a divulgação e a preservação da história mineira, Lima Júnior vinculava-se a uma historiografia que buscava revisar as pesquisas históricas para se por fim ao sistema de compilação e reprodução das tradicionais versões sobre Minas. Para a autora, a partir desse vínculo é possível mapear o campo discursivo no qual o enunciado do escritor é tramado. Nesse contexto, o discurso da mineiridade, aliado a uma perspectiva revisionista das versões tradicionais, pode ser, de acordo com Ferreira, uma possível leitura da cultura historiográfica limiana¹⁶.

De acordo com Walderez Ramalho, a origem do termo *mineiridade* remonta a uma conferência proferida em 1937 por Aires da Mata Machado Filho, na cidade de Diamantina, sobre o escritor Couto de Magalhães e abrange uma variada e numerosa produção intelectual concebida desde o século XIX, da qual fazem parte textos de historiadores, cronistas, memorialistas, literatos, entre outros. Tal produção pretendia definir “as supostas características, costumes e valores comuns partilhados pelos habitantes de Minas Gerais num discurso coerente e unificado”¹⁷. Segundo a socióloga Maria Arminda do Nascimento Arruda, em seu clássico livro que se debruça sobre o tema, o discurso da mineiridade tinha como objetivo ressaltar o papel de Minas no panorama nacional por meio da urdidura de aspectos mitológicos aos acontecimentos históricos mineiros¹⁸. No limite, a noção de mineiridade pode ser compreendida, segundo Liana Reis, como um “recurso ideológico para preservar papéis e

-
- 15 LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. *A Capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978, p. 9. Convém destacar também a dedicatória que o autor faz ao referido historiador marianense na segunda edição do livro *Mariana*: “À memória do grande historiador Salomão de Vasconcelos, homenagem do autor”. LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. *Mariana*. 2ª edição. Belo Horizonte: Edição do autor, 1966. p. 07.
- 16 FERREIRA, Camila Késia R. Op. Cit., 2017, p. 60.
- 17 RAMALHO, Walderez Simões Costa. “Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX”. In: *Revista História da historiografia*, Ouro Preto, n.18, ago. 2015, p. 249.
- 18 ARRUDA, Maria A. do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1990, p. 129. Grifos nossos.

lugares privilegiados dos políticos mineiros no cenário nacional”¹⁹. Esta construção simbólica foi amplamente difundida sobretudo na primeira metade do século XX, sendo constantemente reafirmada por artistas, memorialistas, literatos e políticos, que passaram a promover uma auto-imagem dos mineiros como “conciliadores, equilibrados, avessos aos radicalismos, ponderados”²⁰.

Segundo Camila Ferreira, entre os inúmeros trabalhos arrolados por Maria Arminda Arruda em seu denso estudo sobre essa representação simbólica de Minas, figura o nome de Augusto de Lima Júnior como um dos polígrafos ocupados com a construção do discurso da mineiridade, em que a experiência de ser mineiro é tomada como um dever cívico e sentimental de fazer conhecer as origens de sua terra e a formação cultural de seu estado²¹. Um discurso, portanto, firmado com características próprias desta tópica narrativa, que pode ser compreendida nos termos do *essencialismo identitário*, o qual prescreve a “manutenção das tradições ‘genuínas’, bem como a recusa das mudanças e das diferenças que poderiam ameaçar a integridade da união grupal”²².

Além de ser apresentado como um dos intelectuais que mobilizaram o discurso da mineiridade no decorrer do século XX, outras importantes interpretações acerca da narrativa de Augusto de Lima Júnior são encontradas na dissertação de mestrado, que recentemente se tornou livro, de Camila Késia Ferreira, já citada como importante referência neste estudo. Em sua pesquisa²³, a historiadora tem por objetivo discutir acerca dos debates na formação do campo patrimonial brasileiro por meio da análise das obras de Lima Júnior e da *Revista de História e Arte*, coordenada por ele em Belo Horizonte no idos de 1960²⁴.

19 REIS, Liana Maria. “Mineiridade: identidade regional e ideologia”. In: *Revista Cadernos de História (PUC Minas)*, Belo Horizonte, v. 9, n. 11, 1º sem. 2007, p. 95.

20 Ibidem, p. 93.

21 FERREIRA, Camila Késia R. Op. Cit., 2017, p. 35.

22 RAMALHO, Walderez Simões Costa. Op. Cit., 2015, p. 250. Vale lembrar, de acordo com Ramalho, que o “discurso essencialista vem sendo alvo de críticas contundentes por teóricos e estudiosos do tema da identidade cultural. O paradigma unitarista, que fundamentou o projeto moderno, vem perdendo espaço para a valorização das diversidades tanto externas quanto internas aos grupos culturais. A perspectiva da identidade como um ‘caráter coletivo’ fixo e homogêneo é vista atualmente como um obstáculo para a expansão da cidadania, que deve ser baseada no respeito e na valorização das diferenças socioculturais.” Ibidem, p. 262.

23 Trata-se da única pesquisa realizada até o momento em um Programa de Pós-Graduação que tenha se debruçado diretamente sobre a ampla produção intelectual do autor.

24 FERREIRA, Camila Késia R. Op. Cit., 2017.

Sobre o apagamento do escritor nos debates acadêmicos, Luís Augusto de Lima, sobrinho-neto de Lima Júnior, sugere que a “personalidade complexa” e o “temperamento intrépido e apaixonado” trouxeram muitas inimizades ao intelectual mineiro, o que fez com que nem sempre obtivesse “o reconhecimento e respeito que lhe são devidos”²⁵:

Vista com reservas pelos meios acadêmicos, sua obra vem sendo, no entanto, compulsada sistematicamente, dentro e fora das universidades, quando o assunto é a história de Minas Gerais. Seu texto empolgado, em que Waldemar de Almeida Barbosa reconhece ‘uma capacidade de síntese, qualquer coisa de impressionante’, traz a marca de um profundo apreço por sua terra natal, pelos cenários da sua infância, e nunca é isento de suas arraigadas convicções pessoais.²⁶

Camila Ferreira ressalta, do mesmo modo, o caráter “polêmico” do autor. Em sua pesquisa, a historiadora relata que o intelectual Mário Cassanta, no discurso de recepção de Lima Júnior na Academia Mineira de Letras, o chamou de “galo de briga”, num tom jocoso de camaradagem. Seus pares reconheciam nele uma inclinação para conflitos polêmicos²⁷. De acordo com Ferreira, as teses e interpretações de Lima Júnior foram, por causa de seu tom polêmico, muitas vezes ridicularizadas, e grande parte de suas conclusões foi esquecida. “Manifestações de ataques à sua capacidade fizeram que o autor angariasse, em alguns círculos, a reputação de louco, excêntrico, ou, ainda, pouco fidedigno nas referências documentais”²⁸. A autora afirma, contudo, que tais análises são “pouco plausíveis” ou “insuficientes” para uma compreensão mais específica que, no caso do trabalho dela, refere-se a uma análise da construção do jogo patrimonial que o envolve. Em sua percepção, essas

25 LIMA, Luís Augusto de. “Augusto de Lima Júnior e sua coleção de gravuras de Nossa Senhora”. In: LIMA JÚNIOR, Op. Cit., 2008, p. 34.

26 Idem.

27 Para além das querelas intelectuais, encontramos uma curiosa notícia no periódico carioca *A Noite* sobre uma expressiva briga em família envolvendo Augusto de Lima Júnior, na qual ele havia sido ameaçado de morte e desafiado a um duelo por um primo. Um fragmento da nota diz: “Foi destruída hontem á noite em Nova Lima, a golpes de machado por um grupo de pessoas desconhecidas, a casa onde nasceu Augusto de Lima. Segundo está apurado, o lamentavel facto teve origem numa desavença surgida entre os Drs. Heraldo e Bernardino de Campos Lima e o primo desdes Dr. Augusto de Lima Junior, depois de ter sido desafiado para um duello pelo Dr. Heraldo, está sendo ameaçado de morte em sua terra natal. [...]”. *A Noite*, 23 de julho de 1937, p. s/n. Optou-se por manter na dissertação a grafia original em todas as citações de fontes documentais.

28 FERREIRA, Camila Késia R. Op. Cit., 2017, p. 12 e 13.

declarações convêm mais para “desqualificar o historiador mineiro [...], comprometendo qualquer consideração sobre suas ideias e projetos político-institucionais”²⁹.

Para a compreensão que sua pesquisa requer, Camila Ferreira utiliza não apenas os trabalhos do intelectual dentro da *Revista de História e Arte* (principal fonte para discutir seu objeto de estudo), como busca também “expor o maior número possível de sua produção literária, aprofundando [...] em suas obras historiográficas, mas sem perder de vista seus poemas e romances”³⁰. Nesse sentido, Ferreira sugere que “mais do que uma história intelectual paralela à suas ações patrimoniais, a construção do enunciado sobre a História de Minas Gerais teve um papel central no âmbito das práticas preservacionistas defendidas pelo autor”³¹. Segundo a autora, a salvaguarda de bens históricos, artísticos e culturais encontra na produção historiográfica de Lima Júnior uma ferramenta eficaz de orientação de condutas por meio da constituição narrativa de sentido. Assim, ao analisar as obras de cunho historiográfico publicadas entre 1940 e 1960, ela busca comprovar seu argumento de “que a escrita da história para esse autor é mais uma estratégia de poder que o legitima e o autoriza perante as polêmicas patrimoniais”³². Ato essencialmente político, a escrita da história por Lima Júnior é apresentada, segundo a autora, numa clara reflexão sobre seu vínculo profundo com Minas³³. Em suas palavras,

Lima Júnior foi um típico polígrafo que utilizou de sua escrita sobre o passado para influir nas decisões do presente. Neste sentido, *o ofício de historiador é assumido como missão de salvaguardar e preservar um passado que além de ensinar, figura como relíquia de um tempo primordial para a construção do patrimônio nacional. Contudo, na narrativa de Lima Júnior, o historiador, além de perquiridor da verdade, apresenta-se também como poeta, como aquele a quem cabe ordenar e cantar a memória da coletividade das minas. A sensibilidade como tópica que fundamenta e autoriza o discurso limiano é recorrente na cultura histórica oitocentista e reiterada nas agremiações acadêmicas no início do século XX. A sua escrita é urdida de maneira a assumir o dever para com sua terra de origem, tópica retórica e poética clássica consagrada na teatralidade da cultura histórica dos Institutos Históricos e Geográficos.*³⁴

29 Idem.

30 Ibidem, p. 29-30.

31 Ibidem, p. 38.

32 Idem.

33 Ibidem, p. 49.

34 Ibidem, p. 47-48. Grifos nossos.

Para Camila Ferreira, portanto, o discurso produzido por Lima Júnior sobre Minas pertencia a uma cultura histórica produzida no oitocentos e que se manteve nos institutos históricos no século XX, além de apresentar intrínsecas relações com sua atuação no campo patrimonial. O passado era retomado e cristalizado em suas obras, a fim de figurar como uma “reliquia” de um tempo pretérito que constituiria o patrimônio nacional que se buscava consolidar. Nesse sentido, ainda que o conjunto narrativo de Augusto de Lima Júnior tenha servido a uma cultura histórica e às suas ações no campo patrimonial, a partir da observação de Camila Ferreira sobre a escrita poética do autor, que visava a “ordenar e cantar a memória da coletividade das minas”³⁵, algumas indagações surgem especificamente sobre a produção literária do autor. Produção esta que foi ampla, teve repercussão em seu contexto de publicação, fazia parte de uma cultura intelectual e ainda não foi objeto de pesquisas na área dos estudos literários. Assim, considera-se que pesquisas sobre as obras literárias de Augusto de Lima Júnior podem contribuir para a compreensão da história da literatura brasileira do período, sobretudo aquela que ficou marginalizada, fora do cânone.

As obras literárias de Augusto de Lima Júnior – poesias, contos, crônicas, romances –, que muito versam sobre memórias, costumes, experiências e paisagens das cidades históricas mineiras, foram amplamente apagadas ao longo do tempo. Não são muitos os leitores contemporâneos que sabem da existência da maior parte delas, mesmo dentro do território mineiro. Quando citadas em trabalhos acadêmicos, tais obras aparecem interpretadas apenas como aporte a outros projetos do autor no âmbito das políticas de memória ou história, o que denota a carência de análises literárias sobre elas.

O romance *Mariana*, quinto livro publicado pelo autor e terceiro de seus romances, é um exemplo das obras de Lima Júnior que caíram em profundo esquecimento na história da literatura brasileira e na memória coletiva. O livro chegou a ser publicado em duas edições (1932 e 1966), recebeu notas críticas da imprensa à época e se configura como uma importante narrativa, posto que guarda aspectos da história e da memória da primeira cidade de Minas, além de articular ambas (memória e história) a uma trama ficcional que dialoga com a produção literária brasileira dos anos 1930. Entre os moradores da cidade de Mariana, são bem difíceis de se encontrar, atualmente, aqueles que conhecem o romance. Quanto a

35 Idem.

pesquisadores acadêmicos, encontramos igualmente poucos até o momento que sabem de sua existência³⁶. Diante disso, faz-se importante revisitar a obra criticamente, discuti-la e problematizá-la, a fim de se contribuir para a história da literatura brasileira do período.

Na próxima sessão, serão apresentadas outras obras literárias do autor, a partir das notas de divulgação que receberam no periódico carioca *A Noite*³⁷. Trata-se de livros publicados durante o que se pode chamar de primeira fase do escritor, compreendida entre os anos de 1929 e 1936, já que, a partir de então, ele dedicou-se mais à publicação de livros historiográficos sobre a região de Minas Gerais³⁸.

1.2 Antes e depois do romance *Mariana*

No dia 03 de março de 1932, o jornal carioca *A Noite* anunciava em sua sessão de livros novos a publicação do mais recente romance de Augusto de Lima Júnior, escritor já conhecido em suas páginas em virtude dos livros anteriores que foram igualmente divulgados nele:

Tem sido fecunda a productividade do Sr. Augusto de Lima Júnior, nesses ultimos dois annos. / E cedo ha de se verificar a sua acção benefica no meio social tão necessitado dessas resistencias que se oppoñham ao desvirtuamento dos preceitos christãos. / Com a sua serenidade, com a sua fé

36 Em julho de 2019, apresentei a oficina “O romance *Mariana*, de Augusto de Lima Júnior” como uma atividade do Projeto “Ciclo de Oficinas Vozes & Letras”, na Casa de Cultura de Mariana, através de uma parceira entre o *PosLetras* (UFOP), o *Museu Casa Alphonsus de Guimaraens* e a *Casa de Cultura* da cidade. O público presente foi composto por professores da rede pública e privada, além de pessoas da comunidade local e da comunidade acadêmica. Entre os presentes, apenas três pessoas já conheciam previamente o romance. A maior parte dos que ali estavam se surpreenderam com o enredo do romance pela instigante articulação que faz entre memória, história e ficção e demonstraram interesse em lê-lo.

37 O vespertino *A Noite* foi fundado em 18 de julho de 1911 por Irineu Marinho, na cidade do Rio de Janeiro. Considerado um dos primeiros jornais populares da cidade, o periódico tratava principalmente da política nacional e de questões concernentes ao Rio de Janeiro, com destaque para o noticiário policial. *A Noite* teve vários donos e fases, consideradas as mais importantes as décadas de 1920 e 1930. O vespertino circulou possivelmente até 31 de agosto de 1964, data da última edição existente no acervo da Biblioteca Nacional. *A Noite (Rio de Janeiro, 1911)*. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>> Acesso em 26 jul. 2021.

38 A consulta às obras de Lima Júnior, localizadas durante a pesquisa em bibliotecas públicas na cidade de Belo Horizonte-MG, estava prevista para ocorrer no início de 2020, mas foi inviabilizada devido ao fechamento destas instituições diante das necessárias ações preventivas da pandemia de Covid-19. Por isso, foi de grande importância localizar e consultar as notas divulgadas pelo jornal *A Noite* para se conhecer melhor o conteúdo das obras, a partir do olhar que o periódico lançou a elas.

extraordinária, com os seus recursos intellectuaes, o autor de “Mansuetude” estava mesmo destinado a prestar esse serviço ás letras catholicas, diffundindo em paginas de grande elevação moral e de uncção religiosa, como essas de “Mariana”, os ensinamentos divinos. / Mariana - ‘a liturgica cidade de N. S. do Carmo de Mariana, berço da civilização christã na querida terra de Minas Geraes’ - tem nesse livro a sua historia com seus grandes vultos, historia que surge naturalmente do enredo do romance suave e cheio de belleza, que mais eleva o nome de Augusto de Lima Junior”.³⁹

Segundo Cilza Bignotto, no início do século XX muitos jornais e revistas do país mantinham uma seção para divulgar lançamentos de livros. Em suas palavras, o “espaço atendia à demanda de escritores, tipógrafos, livreiros, editores, que enviavam suas mais novas publicações para as redações de periódicos, às quais pediam divulgação dos títulos”⁴⁰. A prática era antiga: os primeiros jornais brasileiros, criados após 1808, já reservavam espaço para anunciar as novas obras que, por vezes, eram avaliadas com mais cuidado por resenhas ou artigos críticos elaborados pela redação, mas que, na maioria das vezes, limitavam-se a divulgar apenas os títulos aos leitores, o que já era uma boa publicidade para os autores. Os periódicos podiam tanto construir como alimentar a fama de escritores publicando seus textos, louvando-os, estampando seus retratos em fotos ou ilustrações. Hoje, essas seções dos periódicos permitem vislumbrar o fluxo de títulos e também perceber como jornais e revistas atuavam para promover determinados autores junto ao público⁴¹.

Nesse sentido, é possível acompanhar a divulgação dos livros de Augusto de Lima Júnior, inclusive suas primeiras publicações, na seção de livros novos do jornal carioca *A Noite*, o que foi possível mapear a partir de uma busca no site da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional⁴². As notas publicadas pelo referido jornal mantinham sempre o tom elogioso para divulgar os trabalhos produzidos pelo escritor mineiro, como é possível observar na referida nota acima sobre o recém-lançado *Mariana*, e nelas realçavam os aspectos de suas narrativas ligados à religiosidade e/ou à memória e à história de Minas Gerais.

39 *A Noite*, Rio de Janeiro, 03 de março de 1932, p. 8.

40 BIGNOTTO, Cilza. *Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo, Editora Unesp, 2018, p.16.

41 Idem.

42 Exemplares digitalizados da coleção de periódicos brasileiros podem ser consultados no site da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.

O romance *Mariana*, lançado pelas Escolas Profissionais Salesianas, de Niterói, em 1932, foi o quinto livro publicado por Lima Júnior, ainda na fase inicial de suas investidas narrativas literárias e historiográficas. Antes dele, o autor publicou os seguintes títulos: *Dom Bosco e sua arte educativa* (1929), *A ilusão vermelha e a Rerum Novarum* (1931), além dos romances *A cidade antiga* (1931) – que é o único, entre estes, não diretamente vinculado a temáticas católicas, posto que se trata de um livro sobre a cidade de Ouro Preto – e *Mansuetude*, que foi publicado no mesmo ano que *Mariana*, em 1932, pouco antes deste.

Não foi possível consultar a primeira edição de *Mariana*, muito rara, durante o andamento desta pesquisa⁴³. Sua segunda edição, contudo, ainda que não seja de fácil acesso, pôde ser consultada sem maiores dificuldades, e apresenta características peculiares desde a sua capa, assinada pelo renomado pintor austríaco Hans Nöbauer⁴⁴. Uma capa marcante, por sinal, impressa em intenso tom de cor de rosa, que revela o desenho de uma paisagem, com a perspectiva do interior de uma torre de sino de igreja.

Em primeiro plano tem-se um grande sino, semelhante aos de algumas das igrejas setecentistas marianenses. Pela posição da cidade na ilustração, que aparece em vista panorâmica, e pelos detalhes do próprio sino, trata-se, muito provavelmente, da torre da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que fica no alto de uma colina da cidade. Em segundo plano, vê-se uma sucessão de bispos (os seis preladados já falecidos que o bispado de Mariana contava até a edição do romance), numa espécie de nuvem, como se estivessem pairando sobre a cidade em procissão, em direção ao céu e de frente para a torre da igreja. Por fim, em terceiro

43 Mesmo com intensa pesquisa, a primeira edição do livro não foi localizada no Brasil durante a execução deste trabalho. Encontrou-se um exemplar da mesma somente fora do país, na Biblioteca Nacional de Portugal. Contudo, diante da pandemia de Covid-19 e o necessário fechamento das instituições para contenção do vírus, não foi possível conseguir uma cópia da mesma em tempo hábil para consulta.

44 Johann Hans Nöbauer (1893-1971) nasceu em Viena, onde se diplomou na Escola de Belas Artes. Em 1921 chegou ao Brasil em missão do governo austríaco para pesquisar sobre a fauna e a flora brasileira. O pintor se instalou no Rio de Janeiro e, convocado a retornar para a Áustria, recusou-se e ficou no Brasil a publicar seus desenhos na imprensa e a ilustrar livros infantis. Entre finais da década de 1920 e meados da década de 1930, o pintor integrou o grupo de artistas que recebia encomendas de interessados pelo registro documental das construções dos tempos coloniais. Segundo Magalhães, é “desse período que datam suas obras representando paisagens e edificações das cidades do interior de Minas Gerais, que tiveram sua história ligada à economia mineradora, realizadas sob encomenda do Palácio Episcopal de Mariana, do Governo Federal e do Museu Histórico Nacional”. MAGALHÃES, Aline Montenegro. Pinturas de Hans Nobauer. Documentos de arquitetura colonial na coleção do Museu Histórico Nacional. *Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo, 2014, p. 3-4. Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvd-enparq-3/htm/Artigos/ST/ST-PCI-009-05-MAGALHAES.pdf>> Acesso em: 26 jul 2021.

plano, mais distante e, por conseguinte, em tamanho reduzido, a paisagem da cidade de Mariana, com suas edificações e colinas. A capa apresenta ainda o nome do livro, homônimo à cidade, acima da ilustração e acoplado a ela; o gênero da obra e o nome do autor, ao lado do desenho; e, abaixo, a expressão em latim “Sustinuit Crucem”, que faz parte de um texto de São Francisco de Assis e que, grosso modo, refere-se à ideia de Jesus Cristo ter escolhido enfrentar a cruz, suportar este sacrifício, em vez de aceitar os prazeres oferecidos a ele⁴⁵.

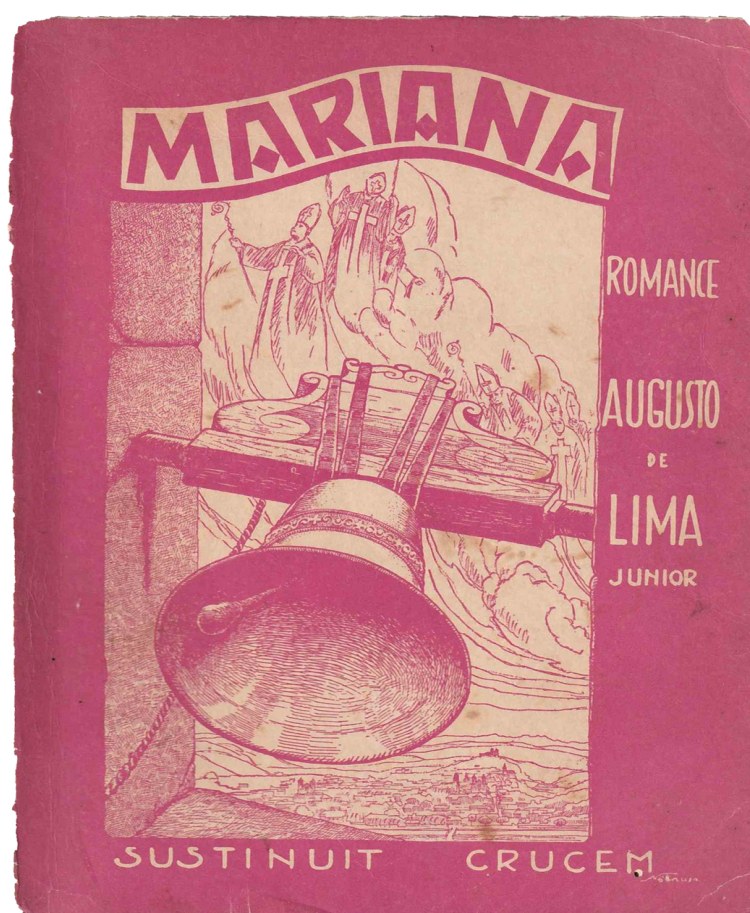


Fig. I – Capa da segunda edição do livro *Mariana*. Fonte: Fotografia de acervo pessoal.

45 Sacrum Commmercium S. Francisci cum domina Paupertat – 31. Disponível em: <http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=2547&parent_id=2514> Acesso em: 25 jul. 2021.

A temática católica, como se pode notar, teve papel central no início da produção de livros de Lima Júnior, intelectual com “forte espírito religioso e de formação salesiana”⁴⁶. Não é fortuito, portanto, que a nota do jornal *A Noite* tenha buscado enfatizar este aspecto em especial no novo romance do autor. Apesar de revelar que a cidade cujo nome figura no título tenha “nesse livro a sua história com seus grandes vultos, história que surge naturalmente do enredo do romance suave e cheio de beleza”⁴⁷, o periódico relacionou diretamente *Mariana* ao título anterior lançado pelo autor, *Mansuetude*, que é apontado em sua divulgação no jornal como um livro de “educação cristã”, afinado com as publicações católicas anteriores do autor. A divulgação do romance em *A Noite* saiu no dia 25 de janeiro de 1932 e afirmava:

Melhor titulo não encontraria Augusto de Lima Junior para esse seu ultimo trabalho, iluminado por uma grande doçura evangelica. / Livro feito de um desejo bom de trazer o bem a todos aquelles que o leiam. *Livro de educação christã escripto com admiravel comprehensão humana.* / Mansuetude gira em torno da conversão de Augustus no convivio espiritual dos salesianos de Dom Bosco. / *O autor dá-nos uma visão clara da sociedade, com o seu falso catholicismo;* estuda os homens e o meio offerecendo interessantes observações. / [...] / *Com a publicação de Mansuetude as letras catholicas ficam devendo muito ao seu autor, que tem livros de grande merecimento.*⁴⁸

Embora haja a comparação estabelecida no periódico carioca entre os livros *Mariana* e *Mansuetude*, é possível se aventar a hipótese de que o romance sobre a primeira cidade de Minas se configurou como uma espécie de “ponto de virada” na temática empreendida dentro do conjunto de obras de Lima Júnior, o que se pode inferir a partir de uma análise das notas divulgadas no mesmo periódico sobre os livros lançados pelo autor nessa primeira fase, que corresponde às obras publicadas por ele até o ano de 1940. Ora, se *Mariana* apresenta um tema relacionado à religiosidade católica, apresenta igualmente aspectos da memória e da história da cidade. E, a despeito do seu primeiro romance, *A cidade antiga*, já ter apresentado questões concernentes à cultura mineira, parece ter sido a partir de *Mariana* que o autor se firmou por este eixo temático entre memórias e histórias ligadas a Minas, ainda que o teor católico permaneça em alguma medida na maior parte de suas narrativas.

46 Nas palavras da professora Beatriz Coelho (UFMG), no prefácio que escreveu para a edição comentada do livro de Lima Júnior sobre Nossa Senhora. LIMA JÚNIOR, Op. Cit., 2008.

47 *A Noite*, Rio de Janeiro, 03 de março de 1932, p. 8.

48 *A Noite*, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1932, p. 5. Grifos nossos.

Após *Mariana*, o autor publicou pela Portella, em 1934, um livro de ensaios históricos intitulado *Visões do passado*. E, em 1935, lançou pela Schimidt Editor o livro *Histórias e lendas*, que recebeu uma nota de destaque em *A Noite*, nota esta que veio na parte alta e central da página do periódico, com uma foto estampada do autor.



Fig. II – Fotografia de Augusto de Lima Júnior. Fonte: Jornal *A Noite*, edição de 12/07/1935, p. 2.

Embaixo da fotografia, após uma menção elogiosa ao romance *Mariana* – que foi a última obra do autor divulgada no periódico, cerca de três anos antes – o jornal apresentou *Histórias e Lendas* e buscou ressaltar os aspectos “históricos” e “lendários” das “tradições mineiras” que foram trabalhados por Lima Júnior em seu novo livro:

Depois de “*Mariana*”, romance que mereceu da crítica referências sobremaneira honrosas, Augusto de Lima Júnior oferece ao publico brasileiro, em “*Historias e Lendas*”, *trechos de admiravel suggestão emotiva referente ao acervo historico e lendario de Minas Geraes*. / Em linguagem

animada, expressiva, de colorido intenso, o autor compõe *narrativas empolgantes*, nas quaes se encontram, do mesmo passo, *informações preciosas atinentes às tradições mineiras*. [...] O autor, criado nesse ambiente de sugestões tão variadas e formosas, aproveita com mão de mestre o que encontra de melhor quilate. *Lendas, episodios, preciosos legados oraes de um passado palpitante de pittoresco e de tragedia*, tudo elle apresenta com a tinta melhor e o mais vivo *sentimento de fidelidade historica*. [...] / “Historias e Lendas” está fadado, taes a riqueza de variedade de motivos, a exito completo em todo o Brasil.⁴⁹

No mês seguinte ao lançamento de *Histórias e Lendas*, saiu, na sessão de livros novos do mesmo periódico, a nota de apresentação do primeiro livro de poemas do autor, publicado pela Pimenta de Mello & C.. A obra fora intitulada *Canções da Grupiara* e nela o autor buscou cantar as paisagens e memórias mineiras, fator ressaltado pelo periódico, que o chamou de “poeta”, na ocasião:

Augusto de Lima Júnior, filho de um grande poeta, e *também poeta*, dá em seguida a um *livro de prosa sobre historias e lendas do torrão mineiro*, outro de *poemas calcados sobre motivos de Minas Geraes*. *Todos elles trazem o colorido da região bem amada do poeta, e constituem exaltações do ambiente de seu berço e seu namoro espiritual*. / [...].⁵⁰

O escritor lançaria mais um livro ainda no mesmo ano. Em 18 de setembro de 1935, *A Noite* apresenta ao público leitor *Soledade*. O livro recebeu uma divulgação detalhada de sua trama, que chama a atenção pela semelhança que apresenta com o romance *Mariana*, embora isso não tenha sido destacado pelo jornal. O novo título, pela descrição da nota, apresenta a história de um rapaz que saiu do interior mineiro e foi viver uma vida de venturas e desventuras na capital do país, que culmina tragicamente com sua morte. O enredo é praticamente o oposto, portanto, ao de *Mariana*, que apresenta a história de um rapaz que saiu da capital do país para morar no interior de Minas e passou por uma espécie de “renascimento” a partir das novas experiências vividas no local. A trama construída em *Mariana* não foi sequer mencionada pela crítica quando o romance foi divulgado nas páginas do jornal, que se atentou somente aos padrões religiosos nela abordados, como vimos anteriormente. Três anos depois, desvinculadas as obras do autor da temática puramente

49 Idem. Grifos nossos.

50 *A Noite*, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1935, p. 5. Grifos nossos.

religiosa e realçado seu caráter literário mais amplo, o jornal buscou descrever com minúcias a trama que envolve o herói do novo romance de Lima Júnior, as quais se aproximam (por contraste) da história do protagonista de *Mariana*⁵¹. De acordo com o periódico,

“Soledade” resume a historia dolorida de existencia mediocre, o lento desencanto de uma creatura em que a força imaginaria supera de muito a energia de acção. Conduzido pelo primeiro daquelles factores psychologicos, o heróe da novella decide abandonar a terra natal, uma longe, modesta povoação mineira, e vir para a capital do paiz, onde presume facilidades abertas a todos os forasteiros. A imaginação excitada acena-lhe com o projecto de illudir a humildade de uma condição social hereditaria. Desde essa primeira decisão, executada de um folego, começa o martyrio obscuro daquella vida quieta, sem vibração, arrastada entre a monotonia dos deveres modestos e o esmaecimento do sonho juvenil. O heróe conhece, um a um, os tropeços da vida num grande centro. Padece das injustiças e brutalidades de um systema social desconhecido na sua aldeia apagada e honesta. E como carrega humildade irremediavel, nutrida no temperamento e na tradição ancestral, curva-se ás injuncções, amarga em silencio os dissabores, reduz-se pouco a pouco a uma especie de farrapo humano, degrada-se da desillusão á miseria, e termina seu fadario no necroterio. A trama por que se desdobra a existencia do provinciano desradicado não conta colorido mais vivo na descrição ou no motivo psychologico. É singela, desprerenciosa, [--]samente traçada, o que não lhe desmerece a emoção. Ali se vê, por prisma claro, um aspecto da vida humana – o desenlear do destino de um homem timido, recatado, virtuoso, que se dilue, desapercibido, no tumulto social. Falhado na ambição, na amizade, no amor, o heróe de “Soledade” é simile de tantos outros que não avistamos, mas que rolam por ahi seus fados de penuria.⁵²

Após *Soledade*, foi publicado no ano seguinte, 1936, aquele que viria a se tornar o romance mais conhecido de Augusto de Lima Júnior, ainda hoje encontrado em livrarias de Minas Gerais, sobretudo em suas cidades históricas. Trata-se de *O amor infeliz de Marília e Dirceu*, livro que recebeu ampla publicidade nas páginas do periódico *A Noite* provavelmente por ter saído pela editora homônima que, possivelmente, pertencia ao jornal – e que recebeu cinco edições ao longo do tempo. Entre as várias notas de divulgação, destacamos a seguinte, que divulga uma das ilustrações do romance:

51 A história de Eugênio Harden, protagonista de *Mariana*, será discutida no segundo capítulo desta dissertação.

52 *A Noite*, Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1935, p. 2. Grifos nossos.

O amor infeliz de
Marília e Dirceu



O amor infeliz de Dirceu e Marília é um episódio sentimental, vivido na convulsão da inconfidência mineira.

Obra primorosa, devida aos encantamentos do espirito culto de Augusto de Lima Junior, profundo conhecedor da historia e da terra mineira, é ainda, toda ella, revivida por illustrações colhidas pelo desenhista Seth, nos proprios locaes das occurrencias.

A' venda em todas as
livrarias do Brasil

Fig. III – Propaganda do livro *O amor infeliz de Marília e Dirceu*. Fonte: *Jornal A Noite*, s/n.

O livro ilustrado *O Amor infeliz de Marília e Dirceu* recebeu uma nota crítica no jornal *A Noite* no dia 15 de abril de 1936, a maior e mais detalhada entre todas as divulgações dos livros de Lima Júnior lançadas pelo periódico. Nela, foram destacados os elementos de uma “memória” mineira que recebeu uma “reconstituição fiel” do seu autor, os “personagens e costumes da época” enquadrados por este escritor que é um “estudioso dos fastos históricos mineiros” e que, por isso, buscou narrar com “verdade histórica”:

O drama politico da Inconfidencia fixou na historia brasileira typos de relevo espiritual inconfundivel, cujas *memorias* proseguem reverenciadas com exaltação. *Entre ellas Augusto de Lima Junior tomou para motivo de seu livro a mais suave e ao mesmo tempo a que encerra mais vivos signaes de sugestão sentimental: Thomaz Antonio Gonzaga. / [...] / Augusto de Lima Junior, estudioso dos fastos historicos mineiros, compoz em “O Amor Infeliz de Marilia e Dirceu” uma reconstituição fiel desse romance vivido no*

ambiente colonial, em meio a uma sociedade em formação, apresentando as deficiências e as perturbadoras seduçções do alvorecer das nacionalidades. *Elle desdobra aos olhos encantados da gente moderna a graça pittoresca de Villa Rica, os personagens e os costumes da época, enquadrando desse modo a novella de Marília e Dirceu com o zelo constante da verdade historica.* Os poemas allusivos do grande lyrico, que reflectem as preocupações intimas do inconfidente, fazem-se transparentes pela situação e pelo commentario, descobrindo sob suas rimas o fundo das almas e a fatalidade dos acontecimentos. / “O Amor Infeliz de Marília e Dirceu” é um livro de vibrante interesse humano e do melhor estofo literario, sendo de realçar a contribuição do desenhista Alvaro Martins (Seth) que o illumina com uma serie de desenhos valiosos.⁵³

A publicação de *O amor infeliz de Marília e Dirceu* em 1936 encerra o que pode ser entendido como uma primeira fase do escritor, a qual abrange obras literárias sobre Minas Gerais. As notas de divulgação dos livros de Lima Júnior anunciadas no jornal *A Noite* são importantes referências para a compreensão desse período, no qual foram publicados dez livros, oito deles literários, entre os anos de 1929 e 1936. Ao analisar as notas do jornal, percebe-se que temas relacionados a memórias, lendas, histórias e costumes da terra mineira foram os que deram o principal contorno da escrita literária do autor, juntamente com a temática religiosa que percorre grande parte de suas narrativas. A partir de 1940 – ano de lançamento do seu principal livro histórico sobre Minas, *A Capitania das Minas Gerais* – Lima Júnior esteve menos envolvido com a escrita literária do que com pesquisas históricas sobre seu estado. Várias obras historiográficas foram por ele lançados a partir de então, ainda que tenha publicado dois livros literários de tom memorialístico no final de sua vida, nos idos da década de 1960: *Quando os ipês florescem* (coletânea de crônicas, lançada em 1965) e *Canções do tempo antigo* (livro de poesias, publicado em 1966). A seguir, será discutida a relação de Lima Júnior com Minas Gerais e como ele se tornou um escritor memorialista a partir da ligação estabelecida por ele com as paisagens de sua terra.

53 *A Noite*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1936, s/n. Grifos nossos.

1.3 O memorialismo de Lima Júnior

Filho do político e também escritor Antônio Augusto de Lima e de Vera Monteiro de Barros Suckow de Lima, Augusto de Lima Júnior nasceu em fins do século XIX, no ano de 1889, na cidade mineira de Leopoldina, e passou a maior parte da infância na cidade de Ouro Preto. Graduou-se em Belo Horizonte, na Faculdade de Direito de Minas Gerais, aos 21 anos e, em 1911, foi morar com sua família no Rio de Janeiro, onde posteriormente se casou e fez carreira jurídica nas forças armadas. Contudo, no ano de 1929, retornou a Minas para tratar de sua saúde e passou a morar temporariamente em Cachoeira do Campo⁵⁴ antes de um retorno definitivo ao Rio, fato que exige um olhar mais atento, pois, segundo Luís Augusto de Lima, no texto introdutório escrito por ele na recente reedição do livro *História de Nossa Senhora*, a reaproximação de Lima Júnior com o território mineiro trouxe implicações decisivas em sua trajetória enquanto escritor:

Esse novo contato direto com os cenários da sua infância e do passado de sua terra deixou marcas profundas no seu caráter ufanista no que se refere à História de Minas Gerais. A partir de 1930, paralelamente às suas atividades de procurador no Tribunal Marítimo, cargo em que se aposenta em 1944, passa a publicar, no Rio de Janeiro, livros de poesia e romances ambientados nas velhas cidades mineiras que ele tanto conhecia. Dessa época em diante esteve sempre comprometido com a pesquisa histórica e tomava parte ativa no processo de valorização e preservação dos antigos sítios históricos mineiros.⁵⁵

No prefácio da primeira edição do livro *A Capitania das Minas Gerais*, o próprio Augusto de Lima Júnior descreveu como o retorno às paisagens de sua juventude teria como resultado o despertar de suas memórias adormecidas, que iriam influenciar diretamente em sua disposição para se tornar um escritor das paisagens mineiras. Vale lembrar que Lima Júnior enfatizava seu vínculo afetivo com as paisagens narradas nos prefácios de suas obras, o que as torna, portanto, locais privilegiados para se mapear suas memórias e autobiografia⁵⁶.

54 Distrito da cidade de Ouro Preto-MG onde o autor estudou quando criança, em regime de internato.

55 LIMA, Luís Augusto de. “Augusto de Lima Júnior e sua coleção de gravuras de Nossa Senhora”. In: LIMA JÚNIOR, Op. Cit., 2008, p. 17-18. Os dados biográficos do escritor mineiro, citados no parágrafo anterior, também foram retirados deste texto.

56 Camila Ferreira sugere a utilização do conceito de “ilusão biográfica”, do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para compreender tais textos de Lima Júnior, na qual a pessoa e a nação (que, neste caso, pode ser

O fragmento a seguir, destacado do prefácio do livro *A Capitania das Minas Gerais*, é longo, mas se configura como importante documento, posto que revela essa escrita em primeira pessoa que acompanha a maior parte dos livros do autor. Este texto em especial foi escrito por Lima Júnior em 1940, num momento em que se encontrava ainda mais distante de sua terra natal, na cidade de Lisboa, em Portugal:

Em 1929, fui convalescer de grave moléstia num pequeno povoado próximo de Ouro Preto, o Arraial de Cachoeira do Campo [...]. / Eu escolhera essa localidade para minha convalescença, arrastado por essa inexplicável atração que a terra de meus antepassados sempre exerceu sobre mim. / [...] / A paisagem triste que eu buscara me era tão familiar e a volta, que eu fazia a essa melancólica paragem, era de certo modo uma volta ao passado. / O que buscara, fora justamente, solidão e tranquilidade que o espírito atormentado num corpo deprimido pela moléstia reclamara. / Em todos os lados, tudo quanto caía sob meus olhos evocava a lembrança das gerações desaparecidas [...] / Peregrinando por aqueles ermos eu me sentia cada vez mais preso a eles, por uma afeição que crescia quanto melhor eu ia compreendendo o sentido daquelas ruínas e despojos. / [...] E a paisagem colonial de Minas Gerais, que eu bem conhecia, desenhava-se com nitidez em minha imaginação. / [...] / Foi por isso que, desde esses dias incertos de 1929, fui procurar estudar a formação de minha província natal, a Capitania do Ouro, a terra de meus antepassados, os aventureiros de 1700, cujas cinzas repousam nas covas rasas das naves dessas grandes e silenciosas capelas de torres brancas e sinos roucos dos arraiais fundados por eles. / Eu lhes pertencia a eles e a essa terra que exerce sobre mim tão forte domínio, ela e sua paisagem, à sua gente, a tudo quando diz respeito às românticas paragens de Minas Gerais.⁵⁷

O fragmento acima revela uma doença que implica retorno às paisagens da infância. Um corpo, portanto, atravessado por memórias. Revisitadas, recordadas, (re)criadas. E a necessidade de se escrever o vivido. Ou, a necessidade de se escrever a lembrança, este acontecimento sem limites a que se refere Walter Benjamin em *A imagem de Proust*, pois, diria ele, “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o

compreendida como a “pátria” Minas) são simultaneamente construídas pela confecção do texto. A historiadora também adverte que isto se trata de uma prática recorrente na cultura historiográfica brasileira do século XIX. O vínculo pessoal/nacional vinha sempre inscrito nos prefácios com fins de se justificar a obra que se apresentava e tal sinceridade afetiva se configura como um artifício retórico para concretizar um pacto com o leitor. FERREIRA, Camila. Op. Cit. 2017, p. 33 e ss.

57 LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. Op. Cit., 1978, p. 13-15.

que veio antes e depois”⁵⁸. Esta conjuntura permeada por memórias a que se refere Lima Júnior parece ter contribuído decisivamente para que ele se tornasse um escritor ou, no limite, esse foi o discurso criado por ele para justificar seu interesse em publicar livros sobre o estado a partir de então. Fato é que uma vasta produção bibliográfica, como foi apresentado na sessão anterior, foi lançada pelo autor a partir de 1929, após este retorno mais demorado à região: poesias, crônicas, lendas, romances e estudos historiográficos que abrangeram uma diversidade de temas sobre Minas, através dos quais o autor fixou por meio da escrita o que ele considerava importante de ser lembrado quanto à memória e à história de Minas Gerais.

Em suas obras literárias observam-se constantes evocações às suas memórias pessoais nos cenários de sua terra, como na crônica intitulada “Recordações”:

Quando vem o Natal, fico a relembrar tempos distantes, vividos naquelas serranias de Vila Rica, diante do majestoso cenário de montes e penhascos sôbre os quais nossos antepassados firmaram enormes igrejas de pedra, cheias de Santos semi-escondidos nos penumbrados nichos retábulos. / Ficam a cantar em minha memória, todos aquêles veneráveis sinos de bronze que batiam dia e noite pelos vivos e pelos mortos. E eu considero como somos felizes, nós que possuímos lembrança e apêgo às coisas simples e puras que nos deliciaram os primeiros anos de existência. Elas surgem na tarde da vida e nos ferem o coração com saudades. Mas essa recordação que nos punge, enche também de doces ecos os recantos de nossa alma desiludida. / [...].⁵⁹

De acordo com Sheila Dias Maciel, em seu artigo “Sobre a tradição da escrita de *memórias* no Brasil”, as memórias são “uma forma narrativa literária que promove um retorno temporal por parte do eu-narrador com intuito de evocar pessoas e acontecimentos que sejam representativos para um momento posterior, do qual este eu-narrador escreve”⁶⁰. Segundo a autora, o gênero se apresenta a partir de uma diversidade de escolhas e soluções narrativas, deixando de ser apenas um depósito de fatos do passado. A memória se insere na retórica, supera o armazenamento de dados, e, assim, é possível se reconhecer sua dimensão criativa⁶¹. Além disso, são assegurados a ela o valor de instrumento e objeto de poder, o que se relaciona

58 BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 37

59 LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. *Quando os ipês florescem*. Belo Horizonte: Edição do autor, 1965, p. 49.

60 MACIEL, Sheila Dias. Sobre a tradição da escrita de *memórias* no Brasil. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013, p. 551.

61 Idem.

com a recordação e a tradição, com sua capacidade de “conservar informações que podem servir ao ser humano, como forma de libertação”⁶². Para Maciel, as vertentes de criação e de poder, inerentes ao campo da memória, servem para se compreender sua natureza plural. E observar a produção de memórias no Brasil é “lidar com essa forma de elaboração humana em que o homem, textualizando e significando o real, também se significa e se reconhece”⁶³.

Nesse sentido, é possível observar, no caso das memórias narradas por Augusto de Lima Júnior, que elas são elaboradas com elementos definidores de certa melancolia, saudosismo, nostalgia, ufanismo, religiosidade, os quais são realçados a partir de sua intrínseca relação com os cenários de sua infância, como se pode notar no poema “Sinos”, publicado por ele em 1966 no livro *Canções do Tempo Antigo*:

*Sons de sinos que ouvi quando criança,
Soar, languidamente, em compassados,
Tristes dobres plangentes de finados,
De piedosa oração dando lembrança!
Cristalinos, vibrantes, repicados,
Toques alegres cheios de esperança!
Também a vós minha memória alcança,
Sinos de procissões e batizados.
Longe do velho pátrio campanário,
O coração gemendo de saudade,
Vou cumprindo sereno o meu fadário.
Quanta vês vos evoco nos meus sonhos,
Companheiros de infância e mocidade,
Velhos sinos, alegres ou tristonhos!*⁶⁴

Este poema escrito em primeira pessoa foi publicado pelo autor já nos anos finais de sua vida e evoca a memória dos sinos das igrejas católicas – tão marcantes na paisagem sonora das cidades históricas mineiras – os quais atravessam, por sua vez, as memórias de infância e juventude do autor. O livro *Canções do Tempo Antigo* reúne vários poemas memorialísticos que o autor escreveu ao longo de sua vida. Em nota introdutória intitulada “Antes...”, Lima Júnior afirma que tais poemas foram escritos por ele no decorrer de sua vida e guardados por sua esposa até que fossem reunidos e publicados na obra em questão, que a

62 Ibidem, p. 552.

63 Idem.

64 LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Canções do Tempo Antigo*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1969. p. 31. Grifos nossos.

homenageia⁶⁵. A capa da obra é composta por uma fotografia panorâmica da cidade de Ouro Preto, onde o autor morou quando criança, com a famosa paisagem do Pico do Itacolomi ao fundo, como se pode observar na imagem a seguir:



Fig. IV – Capa do livro *Canções do Tempo Antigo*, 1966. Fonte: Fotografia de acervo pessoal.

Entre os vários poemas compilados na obra, dois evidenciam diretamente sua relação com a paisagem do estado. No primeiro deles, “Paisagem de Minas”, o autor parece montar uma espécie de cartografia da região, ao descrever suas serras, montanhas, a vegetação local,

65 “Horas mortas da noite... Dias alegres ou tristes... Flôres e espinhos de uma vida... Amor e Saudade... / Tudo se foi metamorfoseando em palavras que ela recolhia e guardava nos escaninhos do seu contador de lembranças... Agora, reúnem-se estes pobres poemas de amor e saudade, como legado sentimental aos netos e bisnetos. / Mas todos vão como homenagem àquela que os guardou através dos anos e que sempre sorria de felicidade, quando eu lhe recitava os versos de Rosemond Gerard, que lhe declamei em nosso primeiro encontro, de dezembro de 1911 e depois durante toda a nossa vida conjugal de meio século.” *Ibidem*, p. 3.

as fazendas e criações de gado, as edificações religiosas, além das brumas tão características da região de Ouro Preto. O pertencimento mútuo entre o autor e a terra mineira são igualmente marcados em várias partes do poema, num tom ufanista, exclamativo e que destaca a importância da memória em suas reflexões:

Serras e montes, vastas cordilheiras,
Rochosos picos e grotões profundos,
[...]
Como é formosa minha terra!
Pela manhã, nas brumas, a fumaça,
[...]
Nas vastas fazendas de casas de pedras,
De muros caídos, telhados escuros,
Coqueiros em fila, aos grupos, sozinhos,
A beira do rêgo; babús em touceiras,
O bosque das jaboticabeiras,
[...]
A igreja matriz com suas tôrres quadradas,
E o sino tocando! Que sinos saudosos,
Os sinos que tocam nas tôrres de Minas!
Depois outra serra fazendo a paisagem
[...]
São lindas as flôres! É Deus que as cultiva.
As rôxas quaresmas, ipês amarelos,
São tantas as flôres, são tantas as côres,
[...]
Que rios bonitos de águas tão claras,
Que montes formosos de pedras tão nuas!
Que velhas cidades tão cheias de lendas!
Que noites de lua tão cheias de poemas!
Se eu pudesse cantar toda a beleza,
De minha grande terra abençoada,
Seria o poeta mais feliz do mundo!
Amo-a com ternura,
[...]
Guardo a paisagem sua, na memória,
Amo-a nos fastos rútilos da história,
E garboso, insolente, envaidecido,
De tanta cousa que ela tem de belo,
Posso dizer: Minas querida,
És minha terra!⁶⁶

Em outro poema, a marcante relação com a paisagem mineira já é estabelecida desde o título: “Eu e a paisagem”. Nele, o eu-lírico faz uma contemplação do cenário a partir de um

66 Ibidem, p. 89-91.

ponto elevado, que lhe possibilita uma vista ampla que o leva a indagações filosóficas sobre si, talvez em busca de um tempo passado, de experiências de vida que são revisitadas com grande melancolia em meio a mudanças que não são propriamente bem recebidas por ele. O elo, contudo, permanece ao final, a despeito de todas as transformações decorridas, posto que é dado por sua relação com a própria paisagem mineira:

O que faço neste alto de montanha,
Neste adro de igreja silenciosa?
Corro os olhos por sôbre a serra
Mergulho o olhar pelos sombrios vales,
Esvoaço os olhos sôbre o casario,
Caminho pelas ruas sem pisá-las;
Vejo os riachos apressados deslizando
Em curvas, escondendo-se, correndo,
Entre grotas, vargedos e gargantas,
Para depressa serem afluentes
De outros córregos mais que logo adiante
Vão ser afluentes
Dos grandes rios correndo para o Oceano
Que é a Eternidade para os rios...
Que faço neste alto de montanha,
Sozinho, procurando o que não há?
Tudo passou. Tudo mudou. Tudo acabou.
E ficamos os dois: eu e a paisagem.⁶⁷

O tema da memória, como se pode observar, é recorrente e marcante na escrita de Augusto de Lima Júnior. Suas memórias pessoais são, muitas vezes – seja em paratextos de seus livros, seja na escrita memorialística de seus poemas e crônicas – articuladas às memórias por ele narradas sobre a terra mineira, suas paisagens e histórias. É o caso, por exemplo, das crônicas que compõem o livro intitulado *Quando os ipês florescem*, citado anteriormente. Na capa da obra observa-se uma fotografia da cidade de Ouro Preto, mais especificamente com a casa onde o autor morou durante a infância à esquerda e a ponte que a antecede, em rua situada no histórico bairro do Rosário.

⁶⁷ Ibidem, p. 107. Este poema apresenta elementos comuns com o final do romance *Mariana*, quando o protagonista deste, Eugênio Harden, sobe em um dos pontos mais altos do centro da cidade, na Praça da Igreja de São Pedro, e faz uma contemplação da paisagem e reflete sobre seu próprio destino.

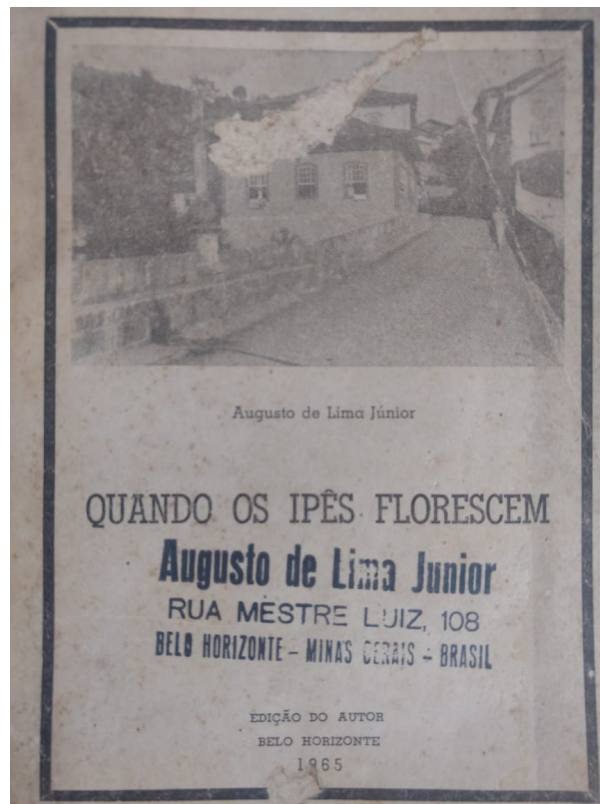


Fig. V – Capa do livro *Quando os ipês florescem*, 1965. Fonte: Fotografia de acervo pessoal.

Neste livro, há uma crônica intitulada “Saúde”, na qual o autor aborda diretamente o tema da memória, da saudade dos tempos de infância e como alguns objetos, paisagens, sons e aromas podem fazer acessar as recordações de suas experiências.

SAUDADE é a angústia da alma, sugerida pela recordação de um bem perdido. [...] / Assim durante toda a vida se vão acumulando os motivos de recordação desses bens perdidos. Somente os homens sociáveis são saudosos. Só os capazes de apêgo às pequeninas coisas dignas de afeição se mostram suscetíveis à saudade. Quantas vezes, um som metálico vulgar nos sugere a memória da tonalidade de um soar e nos conduz de novo a distantes terras e longínquos tempos, ressurgindo mortos, restaurando paisagens, transformando-as, movendo-nos num passado remoto, fazendo com que toquemos flôres e sintamos os seus perfumes nessa transladação ideal que em nós opera a tristeza da saudade! Uma curva de caminho, uma árvore isolada, uma casa antiga, uma ária, uma espiral de fumaça nos céus, entram em nossa alma pelos olhos do corpo e nela se multiplicam em visões que desfilam em dolorosas evocações.⁶⁸

68 LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. Op. Cit., 1965, p. 19-21.

É possível observar, portanto, que o tema da memória perpassa toda a obra de Augusto de Lima Júnior, assumindo diferentes formas e gêneros, como crônicas, poesias, ou mesmo em paratextos, como os prefácios de seus livros literários ou históricos. Em tais textos, o autor apresenta suas memórias pessoais num gesto de inscrever o que lhe atravessava enquanto sujeito, sobretudo no que tange às experiências vividas nos cenários de sua infância em terras mineiras.

Algo diferente, contudo, ocorre na escrita de *Mariana*. Ao escolher o romance como gênero da narrativa, o autor extrapola a memória em primeira pessoa e nele consegue unir a memória e a história por meio da ficção literária. Mas, como eram escritos os romances brasileiros nos anos 1930, época da publicação de *Mariana*? Quais eram as principais questões abordadas pelas obras? Lima Júnior, neste romance, dialogava com os problemas lançados pela geração de romancistas contemporâneos seus? Estas são as questões a serem discutidas na próxima sessão, que inaugura o segundo capítulo desta dissertação.

FICÇÃO, HISTÓRIA, MEMÓRIA: O ROMANCE MARIANA

– Assim é – redarguiu Sansão –, mas uma coisa é escrever como poeta, e outra como historiador; o poeta pode contar ou cantar as coisas não como foram, mas como deviam ser, e o historiador há de escrevê-las, não como deviam ser, mas como foram, sem acrescentar nem tirar à verdade a mínima coisa.

Miguel de Cervantes

Contudo, podemos estar certos de que, por mais longo que seja o curso percorrido, o nosso tempo não é nem o do fim da história, nem o do fim da política e nem mesmo o do fim da arte, e de que no que toca ao romance histórico a necessidade irá produzir mais invenção, de modo que insuspeitadas novas formas do gênero inevitavelmente irão abrir seus caminhos.

Fredric Jameson

2.1 O romance brasileiro nos anos 1930

A década de 1930 é marcada como um período de intensas discussões promovidas no âmbito da literatura brasileira. O crítico João Luiz Lafetá, em seu clássico livro *1930: a crítica e o modernismo*, apresenta o romance de 30 como parte integrante do movimento modernista brasileiro, dentro do qual, ainda que não se trate de momentos estanques, teria ocorrido uma ênfase no projeto estético durante a chamada fase heroica dos anos 20 – com preocupações relacionadas às modificações operadas na linguagem – e, nos anos 30, com ênfase no projeto ideológico – diretamente atado ao pensamento, à visão de mundo de sua época⁶⁹. De acordo com Lafetá,

⁶⁹ Ibidem, p. 44. LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000, p. 19 e 20.

a década de 20 inaugura no Brasil a nossa modernidade; a década de 30, ao mesmo tempo que incorpora e desenvolve alguns aspectos das doutrinas modernistas, inicia também o seu processo de diluição. E no fundo desse segundo pressuposto, encontra-se a observação que procura explicar tal diluição: a consciência estética, pressionada com violência pela problemática política e social, cede lugar à consciência ideológica.⁷⁰

A consciência ideológica, conforme Lafetá, manifesta-se por ângulos diferentes. De um lado encontram-se escritores e intelectuais movidos a discutir os problemas sociais por meio de ensaios históricos e sociológicos, romances de denúncia, poesias militantes e de combate, além da descrição das figuras do proletário e do camponês⁷¹. Trata-se, de acordo com Luís Bueno, “do romance social, de cunho neonaturalista, preocupado em representar, quase sem intermediação, aspectos da sociedade brasileira na forma de narrativas que beiram a reportagem ou o estudo sociológico”⁷². Por outro lado, há a literatura espiritualista, essencialista, católica, o tradicionalismo, as teses do integralismo, como formas de reagir contra a própria modernização⁷³. No romance *Mariana*, Augusto de Lima Júnior não passa ao largo dessa discussão; ele dialoga de maneira evidente com o debate promovido pelos romancistas do período.

A obra narra em primeiro plano a história ficcional de Eugênio Harden, um jovem do Rio de Janeiro que após a morte de seus pais foi morar no interior de Minas, na cidade histórica de Mariana, para ficar sob tutela de seu tio materno, Cônego Jeremias. O protagonista chega à cidade no momento de um alvoroço causado pela morte do bispo, Dom Silvério, e das consequências da chegada do novo prelado, que causara intensas transformações nas tradições locais.

A primeira ideia do tio de Eugênio seria conseguir, com auxílio de Dom Silvério, que ele ingressasse como aluno na Escola de Minas de Ouro Preto e encontrasse um trabalho na região. Com a morte do bispo, contudo, Cônego Jeremias não viu outra saída a não ser induzir

70 LAFETÁ, João Luiz. Op. Cit., 2000, p. 38.

71 Ibidem, p. 28-30.

72 BUENO, Luís. Op. Cit., 2015, p. 19. Houve também no período, não se pode desconsiderar, a tendência da qual pouco se fala, segundo Bueno, que é o chamado romance intimista ou psicológico, mas que foi uma via tão secundária que “não teve forças para estabelecer-se como forma possível de desenvolvimento do romance no Brasil”. Idem.

73 LAFETÁ, João Luiz. Op. Cit., 2000, p. 28-30.

o sobrinho a entrar para o Seminário que havia na cidade, a fim de seguir carreira eclesiástica. Eugênio, moço vindo da capital do país, acostumado com uma vida cosmopolita, nada simpatizou por essa ideia, como é possível notar no seguinte fragmento:

À medida que se passavam os dias, e se aproximava a ocasião em que deveria ingressar no Seminário, crescia a angústia no coração de Eugênio, e uma acentuada cólera, se vinha formando contra as coisas religiosas. Embora a fé se mantivesse intacta, a ideia religiosa se lhe antolhava como causa daquele sofrimento que o vinha torturando desde que se positivara a perspectiva do enclausuramento nas paredes do pardieiro encravado no fundo do vale.⁷⁴

Eugênio se apaixonou por uma moça da cidade, Isaura, que por sua vez não nutria os mesmos sentimentos pelo rapaz, posto que sua maior vontade era entrar para um convento e se tornar uma noviça, como se observa na passagem a seguir:

Enquanto Eugênio, em seus devaneios amorosos, fixava-se sobre a figura encantadora de Isaura, esta se despercebia inteiramente dos sentimentos que atormentavam o coração do sobrinho do Cônego Jeremias. / [...] Isaura não amava, nem deixava de amar Eugênio. Não vira nêlo senão o membro de uma família tradicionalmente amiga da sua e que fôra recebido em sua casa, por êsse motivo.⁷⁵

Diante da tensão entre entrar ou não para o seminário, conquistar ou não Isaura, Eugênio percorria a cidade, dia após dia, enquanto refletia sobre a decisão que precisava tomar: “E o tempo ia passando e Eugênio ajudava-o a passar, subindo e descendo ladeiras, a olhar para as montanhas escalavradas [...]”⁷⁶.

O jovem continua por um tempo a sua saga pela cidade, a percorrer suas ladeiras e a tecer contato com a comunidade local, com seus costumes, suas memórias e histórias, enquanto busca uma solução para seus problemas e pensa se deveria ou não entrar para o seminário. Até que ele resolve, enfim, ultrapassar os muros impostos e entrar para a instituição eclesiástica, ainda que a contragosto, mas com a permissão do novo bispo (que conhecia seu amor por Isaura e seu desejo de não se tornar padre), para sair assim que seu velho tio Cônego falecesse.

74 LIMA JÚNIOR, Augusto de. Op. Cit., 1966, p. 107.

75 Ibidem, p. 127.

76 Ibidem, p. 60.

O ambiente do seminário, contudo, após um difícil período de adaptação⁷⁷, revela-se a Eugênio de maneira instigante, como um local de pessoas com profundas buscas filosóficas, o que mudará suas convicções e acenderá nele, por fim, o desejo de se tornar um padre; não como seu velho tio, mas como o novo bispo local, Dom Salesius – que representava para ele o que havia de mais “moderno” dentro da Igreja Católica – ou mesmo, como os padres do seminário ao qual adentrara. Eugênio, na vida sacerdotal, se encontra.

Integrado na vida do instituto, fazendo, com regularidade, os estudos que lhe tinham sido designados, convivendo naquele ambiente de pensadores profundos e de almas generosas, *Eugênio sofreu uma radical transformação psíquica*. Sentia atração pela vida sacerdotal, desejava-a, mas com intensidade, absorvendo-o inteiramente, *refundindo sua personalidade e remodelando-lhe a existência*. / A Filosofia abriu-lhe o cérebro às mais requintadas elocubrações e as leituras místicas levantavam na sua alma a ponta do véu que ocultava à sua materialidade o infinito de belezas do amor divino.⁷⁸

Mas um novo desafio surge: convencer aos padres do seminário e ao próprio bispo D. Salesius que sua vocação sacerdotal havia, de fato, sido despertada. Após a mudança psicológica do jovem, ocorrida dentro do seminário, sua busca por Isaura se encerra; e ele começa sua busca pela batina, o que o manterá, ainda por um tempo, em constante inquietação, dentro deste novo ambiente.

Nesses seis meses de seminário, modificara-se inteiramente, e naquele momento só uma coisa lhe fazia incômodos. Era estar sem a batina que todos vestiam, desde o pequeno do seminário menor, até o Irmão Lazarista, encarregado da portaria. Sentia-se um corpo estranho com aquêles trajes civis, no meio da comunidade e chegou a ponderar ao Padre-Reitor que aquilo lhe não ficava bem.⁷⁹

Enquanto aguarda ansiosamente a resolução do bispo sobre a questão da batina, o jovem seminarista reflete sobre as mudanças ocorridas em seu interior e sobre os possíveis rumos de sua vida: “Mesmo que lhe fôssem oferecidas as maiores vantagens no mundo,

77 “Durante todo o dia, o nôvo seminarista apresentava um aspecto abatido, barba crescida, olheiras fundas, despertando a atenção dos colegas superiores.” Ibidem, p. 140.

78 Ibidem, p. 157. Grifos nossos.

79 Ibidem, p. 148.

Eugênio as dispensaria, se elas lhe exigissem o sacrifício dos ideais que alimentava, de dedicar-se ao mister do Senhor”⁸⁰.

No instante em que Eugênio procura o bispo a fim implorar que lhe fosse concedida a batina sacerdotal, D. Salesius então, oferece ao jovem um bom emprego no Rio de Janeiro, conseguido por intermédio de um amigo. Mas Eugênio, de fato, toma a resoluta decisão de renunciá-lo:

– Meus ideais? Meus ideais não estão mais nisso, D. Salesius! Afirmando-me que me sinto chamado por Deus a seu serviço e que a resolução que tomei é firme e inabalável. Pelo amor de Deus, não me submeto a mais provas. Não sou mais uma criança e minhas resoluções são fruto de uma meditação profunda e demorada. Aspiro à vida missionária, ao sacrifício, à aproximação de Deus.

[...]

– Nunca mais viu Isaura, ou melhor, a noviça Teresa de Jesus? Indagou o Arcebispo.

– Vi-a muitas vezes e em algumas delas ajudava a missa em que a serva de Deus recebeu a comunhão. Senti remorsos, D. Salesius, por ter outrora levantado meus olhos profanos para a noiva de Jesus. Ele já me perdoou, porque eu não o sabia...⁸¹

Após a tão almejada aprovação do bispo, que o encaminha para a continuação dos estudos sacerdotais em outra instituição eclesiástica, Eugênio, por fim, se acalma. O último capítulo, curiosamente intitulado “Um fim lógico” – evidenciando, ao que parece, que o desfecho da história da personagem já estava dado desde o início; além de fornecer a noção de uma certa racionalidade em sua decisão de seguir a vida sacerdotal como carreira –, mostra este novo Eugênio partindo da cidade, após a experiência transformadora acontecida em Mariana, ou, no limite, no seminário de Mariana:

Eugênio recebera a ordem de partir para o Caraça a fim de iniciar o noviciado [...] / *Estava, agora, satisfeito e tranquilo*, não obstante a saudade dos amigos que conquistara. Padre Lázaro, em nome dos demais, levou-o até a estação onde o trem-de-ferro se preparava para a partida. / [...] / Eugênio, da janela do carro, ia aproveitando os últimos instantes da visão da cidade. / Depois, enfiou-se o trem pelos desfiladeiros, e de quando em vez abriam-se claros, onde a vista descortinava a cidade santa. / [...] / E foi assim que o

80 Ibidem, p. 169-170.

81 Ibidem, p. 171.

sobrinho do Cônego Jeremias deixou Mariana, para entregar-se às mãos de Nossa Senhora Mãe dos Homens, na Serra do Caraça.⁸²

Com este desfecho e, mais precisamente, com estas palavras finais, encerra-se o romance *Mariana*. A partir da leitura da obra, é possível se observar que toda a trama gira em torno das experiências vividas pela comunidade católica da cidade, o que dialoga diretamente com as discussões promovidas pelos romancistas católicos dos anos 1930. Em um tempo de transformações ocasionadas com a chegada do novo bispo, que rompe declaradamente com algumas tradições, a tensão entre o arcaico e o moderno é sempre colocada em destaque na trama. Um dos capítulos, inclusive, leva o título de “O novo e o velho”, e revela o choque cultural entre o velho Cônego Jeremias e seu jovem sobrinho recém chegado da capital do país, os quais, em um dado momento neste capítulo, discutem sobre o novo bispo que chegaria à cidade. Conversa esta que evidencia lados opostos:

– [...] O nôvo Arcebispo, D. Salesius, para ser franco, não me impressiona bem. As informações que tenho dêle é que é metido a modernista e muito sem recolhimento! Como é que um homem que está sempre rindo, pode ter consciência de sua responsabilidade?

– Mas, meu tio, não vejo nisso nenhum inconveniente nem demonstra incapacidade essa alegria sadia das almas bem formadas! Modernista! Mas a Igreja Católica é mais do que aliada ao progresso, ela é uma animadora dêle, uma propulsora de tudo quanto é avançado! Depois, os tempos são outros! - falou Eugênio, fixando o rosto do tio, onde se desenhava uma absoluta oposição ao que lhe dizia o sobrinho.

– Não me venhas para cá com essas doutrinas. Progresso e progressos! Destruição das boas normas, a subversão da hierarquia, o desgoverno, tudo isso que anda por aí! É atrás dessas coisas, dêsses liberalismos, que o mundo vive em crises que não se resolvem mais.⁸³

Em outro momento do romance, a tensão entre cidade grande e interior é igualmente colocada em cheque, quando o Cônego Jeremias relata ao sobrinho que há trinta anos ele não ia ao Rio de Janeiro, cidade de onde vem Eugênio, e os dois discutem, assim, sobre os costumes da capital:

– E não perdi nada com isso! As cidades grandes estão inteiramente arruinadas pelos maus costumes e a própria noção de família, do respeito devido aos lares, se dissolve no materialismo contemporâneo.

[...]

82 LIMA JÚNIOR, Augusto de. Op. Cit., 1966, p. 175. Grifos nossos.

83 Ibidem, p. 41-42.

– Não é tanto assim, meu caro tio! No Rio de Janeiro existe de tudo e, se em parte é verdade isso que o senhor afirmou, por outro lado lá vive também uma quantidade ponderável de gente da mais absoluta moralidade, com um sentimento religioso profundo e com uma regra de costumes puríssimos! A virtude nesses lugares grandes é consolidada pela experiência, avivada pela observação do vício, que provoca e alimenta contra êle, nas almas bem formadas, um asco profundo. O próprio descaramento com que lá se ostenta a corrupção, levanta uma barreira entre os seus adeptos e os que o aborrecem.⁸⁴

Eugênio, ainda que apresente desde o início as inclinações para o lado considerado pela obra como moderno dentro do catolicismo, pode ser considerado um herói que vai mediar lados opostos, uma vez que vem de fora e não pertence à comunidade católica local. A falta de identificação de Eugênio com o ambiente era tamanha, que o jovem chegou a se questionar sobre os motivos pelos quais ele teria se apaixonado por uma moça da cidade:

Achava aquilo esquisito; como é que ficara assim impressionado por uma mocinha da roça, sem trato, sem atavios, sem nada... Mas achava-a bonita. Por quê? Êle não sabia. Só tinha certeza de que aquêlo rostinho simples e meigo lhe agradara, talvez pela candura que dêle se evolava, pela quase espiritualidade de suas delicadas feições, pelo timbre deliciosamente agradável de sua voz.⁸⁵

Sua experiência na cidade histórica mineira coloca em contato os dois lados do conflito: a tradição católica marianense e as novas ideias e condutas advindas com o novo prelado. Trata-se do embate entre o “velho” e o “novo”, cisão esta (entre campo e cidade, entre o arcaico e o moderno) que, de acordo com Luís Bueno, teve presença constante nos romances dos anos 30⁸⁶. Em uma análise sobre o romance do escritor Ranulpho Prata, *Dentro da vida*, publicado em 1922, Luís Bueno faz uma observação que muito se assemelha, nesse sentido, ao que ocorre em *Mariana*:

Primeiro de tudo, o que faz lembrar certos romances de 30 é o seu tom de depoimento – numas vezes artificialmente pungente, mas noutras buscando uma surpreendente economia de expressão e sentimento – que atravessa toda a narrativa. Depois, a escolha do tipo a partir do qual se constrói o protagonista, Bento: um garoto pobre, filho de operários, que chega a ser menino de rua por causa da morte dos pais. [...] Também a trajetória desse personagem incorpora um dos veios temáticos mais fortes dos anos 30, o

84 Ibidem, p. 53.

85 Ibidem, p. 60.

86 BUENO, Luís. Op. Cit., 2015, p. 128.

conflito entre campo e cidade. Depois de conseguir formar-se médico, Bento vai para o interior de Minas Gerais e temos então um certo tipo de crônica regional que conta com o registro do cotidiano de um lugarejo no interior, e não do pitoresco de certas narrativas regionalistas do início do século.⁸⁷

Em tempos de transformações sociais com a chegada da modernidade, a solução dada pelo autor de *Mariana* para os impasses do momento é a saída espiritualista, mais precisamente, a solução católica, sem abrir mão, contudo, de uma revelação da escolha por meio de uma ótica historicista. O jovem em formação, o sujeito de fora da comunidade e, portanto, alheio aos seus costumes, se encontra na vida religiosa, transforma-se e encerra o romance a seguir para uma nova aventura, ao decidir ir para o Santuário do Caraça com intuito de continuar sua formação sacerdotal.

A cisão, portanto, entre o arcaico e o moderno é apresentada na obra dentro da experiência católica, ao se diferenciar práticas mais “tradicionais” e uma certa “modernização” dentro do catolicismo; e é no próprio catolicismo, por fim, que se encontra a saída para os problemas representados no contexto em questão.

Nesse sentido, convém destacar uma certa ambivalência presente no romance de Lima Júnior. Se, por um lado, há uma proposta tradicional e espiritualista frente às mudanças da modernidade, há também o apontamento de um caminho considerado por seu autor mais “moderno” dentro do próprio catolicismo, quando são retratadas, de um lado, as práticas tradicionais da comunidade e, do outro, a renovação advinda com a chegada do novo bispo ou, ainda, as novas experiências de Eugênio no ambiente religioso e intelectual do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte.

Por meio dessa trama ambivalente, elaborada em torno da personagem de Eugênio Harden, a obra dialoga com as discussões ideológicas promovidas pelos romances escritos nos anos de 1930, colocando-se ao lado dos romances católicos publicados no período. O enredo é tecido com personagens fictícios e reais, em meio a um evento integrante da memória recente da comunidade e que apresenta, ainda, narrativas históricas sobre Mariana, a primeira cidade de Minas Gerais. Afinal, seria esta obra um romance histórico? Entre o velho e o novo, como o romance opera com a representação do tempo na narrativa? É o que será discutido na sequência deste estudo.

87 Ibidem, p. 84-85.

2.2 “Romance histórico”, “história romanceada” ou “a própria história amenizada”

No dia 28 de fevereiro de 1932, o periódico carioca *Jornal do Commercio* lançou em suas páginas uma crítica abrangente sobre *Mariana*, na qual anunciou, já em suas primeiras linhas, uma certa dificuldade para se definir o gênero da narrativa, ao advertir: “É um *romance histórico*, uma *história romanceada*, ou a *própria história amenizada* por um trecho ligeiro de romance. Cremos que a obra do Sr. Augusto de Lima Júnior deve ser incluída neste último modo”⁸⁸. Na sequência do texto, algumas considerações sobre o conteúdo da narrativa foram revelados através do olhar desse crítico anônimo, que não é identificado pelo jornal, mas que provavelmente fazia parte da rede de sociabilidade do escritor mineiro, hipótese aventada pela semelhante visão que partilham sobre os fatos narrados, no sentido de se preservar tradições e enaltecer a religiosidade católica mineira através da escrita de sua história. A passagem é longa, mas apresenta vários elementos que interessam ao estudo sobre a obra, além de se configurar como memória de uma das recepções que ela obteve quando publicada em 1932:

O autor [de *Mariana*] fez, sem dúvida, um trabalho de valor indiscutível e possui para o genero meritorias qualidades. Sabe observar, tem agudeza, *senso da vida e da realidade*, narra com facilidade e distribue, moderada e oportunamente, uma pequena dose de ironia, que não molesta e faz sorrir. *Mas o que vale principalmente neste romance é o conhecimento perfeito que o autor possui da historia da cidade veneravel [...]. / É esta cidade, nesse seu aspecto tranquillo, com as velhas igrejas, as maravilhosas obras de talha, com seus conegos, suas intrigas, [...], mas tambem com suas tradições de virtude [...] que o Sr. Augusto de Lima Junior evoca neste romance, que prende, faz ler num trato, levando o leitor a viver no ambiente simples, edificante. [...] / A narrativa, por diante serve para dar ensejo às descrições historicas, ás visões de arte colonial, á encantadora analyse da vida dos clerigos [...]* e outros episodios para avivar bem no leitor o ambiente dessa cidade severa, tradicional, ecclesiastica. [...] / *No correr de toda essa magnifica evocação da tradicional cidade mineira, há uma ligeira intriga amorosa, tão tenue, que desaparece antes de findar a novella;* seus jovens protagonistas, envolvidos pelo ambiente religioso, seguem, um para a vida sacerdotal e outro para o convento do Carmo. [...] / *É a própria alma da cidade tradicional, religiosa, ecclesiastica, que o Sr. Augusto de Lima Junior, com o pretexto de uma historia de amor insignificante, evoca e faz*

88 *Jornal do Commercio*, 28 de fevereiro de 1932. p. 3. Grifos nossos.

palpitar nessas paginas delicadas e emotivas de onde reçuma um suave perfume de mysterio e devoção.⁸⁹

Para melhor compreender esta crítica, que anuncia uma narrativa sobre a história e os costumes da cidade mineira, escrita “com o pretexto de uma história de amor insignificante”, além de ponderar se se trata ou não de um romance histórico, é preciso retornar ao romance e discutir sobre os gêneros que se intercalam em sua narrativa.

2.2.1 O plurilinguismo no romance

Mariana apresenta, ao longo de vinte e dois capítulos, três eixos narrativos principais, que se articulam em sua estrutura, num jogo que alterna diferentes temporalidades e também elementos ficcionais e factuais, quais sejam:

- 1) A morte do estimado bispo da igreja católica marianense, Dom Silvério, e a chegada do novo prelado que promove mudanças em algumas tradições locais, evento este da memória recente da cidade (posto que ocorrido, de fato, dez anos antes da publicação do romance, em 1922) e que serve de pano de fundo da trama, por meio do qual são apresentados vários elementos da memória coletiva e de costumes ligados à tradição católica da comunidade;
- 2) A intriga ficcional que gira em torno da personagem Eugênio Harden, que percorre a cidade observando a paisagem, a comunidade e os costumes locais em busca de uma saída para seus problemas, em especial, o de seguir ou não uma vida eclesiástica, dilemas estes que estão diretamente ligados ao pano de fundo da referida sucessão ocorrida no bispado;
- 3) Narrativas históricas sobre a ocupação do território marianense, a criação do primeiro bispado, a construção da Catedral da Sé, a criação do Seminário da Boa Morte. Os capítulos nos quais se desenvolvem essas narrativas são elaborados conforme os moldes da cultura histórica do século XIX, que ainda eram mantidos pelos institutos históricos no início do século XX, visando a articular a citação de fontes documentais para se denotar um tom de

89 Idem. Grifos nossos.

veracidade dos fatos, juntamente com uma narrativa que apresenta os feitos gloriosos de determinados períodos do passado.

A partir da observação desses elementos que compõem *Mariana*, é possível compreender o porquê de uma certa confusão sobre o gênero que o definiria, uma vez que ele apresenta, ancorando os três eixos narrativos que se intercalam em sua estrutura, a *memória*, a *ficção* e a *história*.

Mikhail Bakhtin, ao se referir às dificuldades particulares que o estudo do romance apresenta, justamente pela singularidade do próprio objeto, afirma que ele se configura como um “gênero por se constituir, e ainda inacabado. [...] A ossatura do romance enquanto gênero ainda está longe de ser consolidada, e não podemos ainda prever todas as suas possibilidades plásticas”⁹⁰. O romance apresenta, inclusive, a possibilidade de parodiar gêneros, eliminar ou integrar outros à sua construção particular, reinterpretando-os e dando-lhes outro tom⁹¹. Não parece fortuito, portanto, que Augusto de Lima Júnior tenha escolhido o romance, esse gênero híbrido, para narrar os eventos ligados às transformações ocorridas na comunidade católica marianense, juntamente com a história da cidade, seus costumes e memórias, e ainda criar uma trama ficcional que une memória e história numa obra literária. O plurilinguismo por gêneros intercalados é, portanto, algo marcante no romance *Mariana*.

De acordo com Bakhtin, qualquer gênero, em princípio, pode ser introduzido na estrutura do romance, sejam os literários (como novelas, contos, poemas, entre outros), sejam os extraliterários (como textos históricos, religiosos, científicos, etc.). Eles conservam sua elasticidade estrutural, sua autonomia, além da originalidade linguística e estilística quando introduzidos no romance⁹². Existe, contudo, um grupo especial de gêneros que exercem um papel estrutural importante nos romances e que podem determinar a estrutura do conjunto, criando variantes particulares do gênero romanesco, como a confissão, o diário, o relato de viagens, as cartas, entre outros. Eles podem não só entrar no romance como seu elemento

90 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998. p. 397.

91 Ibidem, p. 399.

92 Ibidem, p. 124.

estrutural básico, como podem determinar a forma do romance como um todo (romance-confissão, romance-diário, romance-epistolar, etc.)⁹³:

O papel desses gêneros intercalados é tão grande que pode parecer que o romance esteja privado da sua primeira abordagem verbal da realidade e precise de uma elaboração preliminar desta realidade por intermédio de outros gêneros, ele mesmo sendo apenas uma unificação sincrética, em segundo grau, desses gêneros verbais primeiros. Todos esses gêneros que entram no romance introduzem nele as suas linguagens e, portanto, estratificam a sua unidade linguística e aprofundam de um modo novo o plurilinguismo.⁹⁴

No caso de *Mariana*, assim como foi destacado pela crítica publicada no *Jornal do Commercio*, o autor opera com a história em toda a obra, fazendo com que este gênero seja intercalado em sua estrutura. Tratam-se de narrativas que, a princípio, escapam ao eixo da trama romanesca e apresentam a história da ocupação do território marianense, a criação do bispado local, ou ainda a construção de algumas edificações religiosas. O terceiro capítulo do livro, intitulado “As glórias do Ribeirão do Carmo”, é um exemplo da narrativa histórica que compõe o romance e do qual se extrai o seguinte fragmento, que dá início ao capítulo:

Em 1698, João Lopes de Lima, morador em Atibaia, em São Paulo, [...] descobriu e ocupou o ribeirão que denominou de Nossa Senhora do Carmo, por nêle ter chegado a 16 de julho do ano citado [...]. / Não fôra em vão que os destemidos viageiros se atiravam à aventura gloriosa dessa descoberta, onde o ouro desejado se manifestou em opulentos depósitos. Como um presságio dos destinos gloriosos da cidade ilustre que se perpetuaria nas margens do ribeirão riquíssimo, profetizando a primazia espiritual, perpétua e indestrutível dêsse recanto lendário, sôbre tôda a terra mineira, aí se erguera a primeira capela definitiva, o primeiro templo cristão, onde a hóstia se ergueria em holocausto perene à salvação dos povos, através das idades, na doce Minas Gerais. / O Ribeirão do Carmo foi se povoando em suas margens, e enriquecendo seus moradores. O arraial cresce; as igrejas, as capelas, as casas vão surgindo, vão se aglomerando e a prosperidade abarrotou as algibeiras. / [...] O Arraial do Carmo recebe Albuquerque, que o eleva à categoria de Vila, em 8 de abril de 1711. Povoase Minas Gerais. / [...] Em vinte e três de abril de 1745, propunha D. João V à Santa Sé, a criação do Bispado, nessa mesma data elevando a Vila do Carmo à hierarquia de Cidade, porque o bispo não podia ser vilão... [...].⁹⁵

93 Idem.

94 Ibidem, p. 125.

95 LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. Op. Cit., 1966. p. 31-32.

É possível observar nos trechos históricos apresentados na obra um forte apelo às glórias de um passado determinado, o enaltecimento da religiosidade católica, juntamente à necessidade de atribuir provas documentais para conferir veracidade aos fatos narrados. Nesse sentido, algumas páginas sobre a história local são compostas através da utilização de fontes referenciadas, como, por exemplo, os trabalhos do historiador marianense Cônego Raimundo Trindade, ou mesmo por meio da importante memória histórica escrita ainda no século XVIII pelo clérigo Francisco Ribeiro da Silva, denominada *Áureo Trono Episcopal*.

O livro de Raimundo Trindade, *História da Arquidiocese de Mariana*, é citado como fonte em nota de rodapé no capítulo 13, intitulado “O Seminário de Mariana”, dedicado a narrar a história da instituição e os acontecimentos mais marcantes desde a sua fundação⁹⁶. Já o documento histórico *Áureo Trono Episcopal*, que narra os festejos de posse do primeiro bispo de Mariana (Dom Frei Manoel da Cruz, em 1748), foi mencionado como fonte no próprio corpo do texto. Três páginas do romance *Mariana* – quais sejam, as páginas entre 34 e 36 da edição de 1966 – são dedicadas a citar diretamente, entre aspas, trechos do documento setecentista. As demais páginas historiográficas apresentadas no romance não aparecem com seus escritos entre aspas, o que pressupõe, embora não se possa confirmar tal hipótese, que tenham sido escritas pelo próprio autor do romance, que também era historiador, seja com base em suas próprias pesquisas arquivísticas, seja por meio de consultas a livros de renomados historiadores mineiros que escreveram sobre Mariana, como, por exemplo, o historiador marianense Salomão de Vasconcelos, autor de várias obras sobre a cidade e tido por Lima Júnior como seu próprio “mestre”, como foi mencionado no primeiro capítulo desta dissertação.

É interessante notar que, ao longo dessas narrativas históricas, o narrador remonta ao passado mais antigo da história de Mariana, ao século XVII ou XVIII; utiliza fontes documentais entre aspas, em alguns casos; e finaliza o texto retornando ao tempo presente, o que oferece a ideia de um continuum no tempo. Um tempo que está em vias de ser interrompido pelas transformações nas tradições seculares que irão dividi-lo, e que aludem à trama do romance. O trecho a seguir, extraído do capítulo que apresenta a história da criação

96 Cf.: LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. Op. Cit., 1966. p. 101.

da Vila do Carmo (que antecede a cidade de Mariana) e também do seu primeiro bispado, é um exemplo disso:

“De uma para as duas horas depois do meio-dia, entrou S. Excelência na cidade, cujos moradores se felicitavam uns aos outros com muitos parabéns de verem completas as suas esperanças, com a venturosa posse de seu Excelentíssimo Prelado. / [...]” / “Isto continuou variamente alegre e luzido espetáculo em agrado dos olhos; em lisonja dos ouvidos se oferecia ao mesmo tempo a contenciosa harmonia dos sinos e concertos de música, que publicamente pelas ruas e casas, competiam com as métricas vozes dos poetas, os quais, principalmente, debaixo das janelas e junto do Palácio de S. Excelência, explicavam em discretos metros, o elevado motivo de tanto júbilo.” / O Clérigo, Presbítero e Cônego da Nova Sé Marianense, Francisco Ribeiro da Silva, autor da memória descritiva, *Áureo Trono Episcopal*, donde se extraíram os trechos acima, descreve em seguida as ornamentações [...] / E prosseguiram as festas e, no final delas, pôde o Sr. D. Frei Manoel da Cruz iniciar o gôverno do seu rebanho, governo êsse que foi dos mais profícuos em resultados espirituais e materiais para a diocese a que êle serviu com ânimo dedicado. / *Guardou a velha cidade a lembrança do cerimonial tão nobre e manteve-o, embora sem o luxo primitivo, até D. Silvério Gomes Pimenta, o último Bispo que chegou a cavalo, em Mariana.*⁹⁷

A narrativa da trama protagonizada por Eugênio é interrompida quando se inicia este capítulo, que apresenta a história da criação do bispado e a chegada do primeiro bispo em Mariana por meio da citação direta do documento setecentista *Áureo Trono Episcopal*, articulada com a voz do narrador do romance, que encerra o capítulo a reforçar a ideia de que, por quase trezentos anos, a tradição do cerimonial de posse dos bispos marianenses se manteve a mesma – “até D. Silvério Gomes Pimenta, o último Bispo que chegou a cavalo, em Mariana”⁹⁸, situação essa da memória recente da cidade e que se relaciona com o desenrolar da trama do romance. Afinal, é a morte de D. Silvério e a chegada de seu substituto que causa um alvoroço na cidade e vai repercutir na vida de Eugênio Harden, personagem fictício em torno do qual a trama se desenvolve.

Já no capítulo em que se narra a história do seminário de Mariana, por intermédio de uma mistura de vozes e de tempos narrativos, o narrador novamente retorna ao século XVIII, utiliza em citação direta trechos do livro *História da Arquidiocese de Mariana* e finaliza o

97 Ibidem, p. 34-37. Grifos nossos.

98 Ibidem, p. 37.

capítulo a retomar a trama ficcional, no tempo presente, sobre a personagem Eugênio, que estaria prestes a entrar para o seminário a contragosto e cheio de paixões:

Dois anos depois de sua posse, aos vinte dias do mês de dezembro de 1750, fundava-se em Mariana o Seminário Nossa Senhora da Boa Morte, título com que se abriu e que até hoje conserva. / “O Seminário de Mariana é o estabelecimento de instrução e de educação mais antigo e de maiores créditos no Estado de Minas e foi, num período de quase cem anos, o único a beneficiá-lo com a instrução de seus filhos. [...]” / D. Viçoso ao chegar a Mariana, depois de uma sede vacante assaz longa, encontrou-a em dissolução moral. O Seminário refletindo êsse estado do ambiente era uma péssima sementeira. [...] / Quanto bem derramaram a capacidade, a bondade e o zêlo apostolar de D. Antônio Ferreira Viçoso, português de nascimento, que veio para Mariana simples padre lazarista, sendo mais tarde seu bispo, merecendo de D. Silvério, aquelas linhas de ouro de sua ‘vida!’ [...] / Lazaristas! Filhos de S. Vicente, recebei Eugênio, o sobrinho do velho Cônego Jeremias que a Providência Divina nos vai pôr nas mãos. / Cuidado com êle, que o Demônio está vigilante e disputa-o à glória de Deus!⁹⁹

Um aspecto também a ser levado em conta na composição de *Mariana* é o de que alguns moradores da cidade à época da morte do bispo Dom Silvério, pano de fundo da trama, tornaram-se personagens do romance e tiveram nele seus nomes “velados por pseudônimos”, nas palavras do autor, por ainda estarem vivos quando se torna pública a primeira edição do livro, dez anos depois dos eventos narrados¹⁰⁰. É o caso, por exemplo, da personagem Monsenhor Jardim, evidente alusão a Monsenhor Horta, um membro do clero local bastante conhecido ainda nos dias de hoje na cidade, tanto por seus feitos ainda em vida na comunidade, quanto por hoje dar nome a várias instituições filantrópicas locais. Ou, ainda, o bispo Dom Helvécio, que na trama é Dom Salesius (nome dado provavelmente por seu pertencimento à congregação salesiana). Outro caso, para citar apenas mais um entre vários, é o do historiador e também eclesiástico, Cônego Trindade, que é ao mesmo tempo personagem, Cônego Trinitas, e referência bibliográfica citada em meio ao romance, já que vários textos seus sobre a história de Mariana são incorporados à trama para narrar a ocupação do território ou alguns marcos de sua história, como citado anteriormente. Percebe-se, contudo, que, embora o autor informe que usará pseudônimos, não há, de fato, esforço para

99 Ibidem, p. 101-106.

100 Ibidem, p. 09.

esconder a identidade do sujeito apresentado como personagem. O recurso serve mais como piscadela para o leitor: trata-se de uma história com forte teor documental.

Nesse sentido, com base em tais elementos apresentados na obra, eis que surge a seguinte pergunta: seria *Mariana* um romance histórico, por apresentar matéria de extração histórica de maneira tão destacada em sua estrutura narrativa, além de relacionar personagens fictícias com personagens reais? Afinal, quais características definem um romance histórico? Para essa discussão, convém recorrer às importantes informações apresentadas por Georgy Lukács em seu clássico livro, *O romance histórico*, além de outros autores que se debruçaram mais recentemente sobre o tema.

2.2.2 Romance histórico

De acordo com Georgy Lukács, embora nos séculos XVII e XVIII já houvesse romances com temática histórica, o romance histórico surgiu no início do século XIX por volta da época da queda de Napoleão, com a publicação da obra *Waverley*, de Walter Scott, em 1814¹⁰¹. Segundo Lukács, o surgimento da obra de Scott teve como base a convulsão do ser e da consciência dos homens ocorrida em toda Europa naquele período, pois entre 1789 e 1814, as nações europeias viveram mais revoluções do que em séculos inteiros, a começar com a Revolução Francesa, depois as guerras revolucionárias e, por fim, a ascensão e a queda de Napoleão. A celeridade das mudanças teria feito da história uma experiência das massas em escala europeia, fortalecendo o sentimento de que existe uma história, de que ela é um processo ininterrupto de mudanças e de que ela interfere diretamente na vida de cada pessoa¹⁰². Essas foram as bases que possibilitaram o surgimento do romance histórico scottiano que, diferentemente da concepção romântica, segundo a qual as grandes personagens da história deveriam ser os heróis principais¹⁰³, configurar-se-ia como continuação direta do romance social realista do século XVIII¹⁰⁴.

101 LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 33.

102 Ibidem, p. 38; 46-47.

103 Ibidem, p. 102.

104 Ibidem, p. 47.

Walter Scott representa em seus romances, de acordo com Lukács, as grandes crises da vida histórica da sociedade, com destaque para potências sociais inimigas que visam a destruir-se mutuamente¹⁰⁵. Daí a importância composicional do seu protagonista intermediário, justamente porque tem por tarefa mediar os extremos da luta que ocupa o romance, colocando em contato os dois lados do conflito. “Por meio da trama, que tem esse herói como ponto central, procura-se e encontra-se um solo neutro sobre o qual forças sociais opostas possam estabelecer uma relação humana entre si”¹⁰⁶. Ainda nas palavras do teórico húngaro,

O ‘herói’ do romance scottiano é sempre um gentleman inglês mediano, mais ou menos medíocre. Em geral, este possui certa inteligência prática, porém não excepcional, certa firmeza moral e honestidade que beiram o sacrifício, mas jamais alcançam o nível de uma paixão humana arrebatadora, de uma devoção entusiasmada a uma causa grandiosa.¹⁰⁷

Lukács esclarece que, ao figurar as crises históricas da vida nacional, o grande objetivo ficcional de Scott é “mostrar a grandeza humana que se desnuda em seus representantes significativos, a partir da comoção de toda a vida da nação”¹⁰⁸. O romance histórico não seria constituído, portanto, de um simples relato dos grandes acontecimentos históricos. Mais do que isso, nele se operaria o “despertar ficcional” dos homens que os protagonizaram, ao figurar as motivações sociais e humanas a partir das quais os homens pensaram, sentiram e agiram de maneira precisa, representando o acontecimento em sua realidade histórica¹⁰⁹. Diferentemente da maneira romântica, que explica uma época por meio de seus grandes representantes, o romance scottiano preocupa-se em apresentar o ser da época com base na figuração da vida cotidiana do povo, com suas alegrias, tristezas, crises e desorientações¹¹⁰. No limite, o que importa para o romance histórico é

evidenciar, por meios ficcionais, a existência, o ser-precisamente-assim das circunstâncias e das personagens históricas. O que em Scott se chamou de maneira muito superficial de ‘verdade da atmosfera’ é, na realidade, essa evidência ficcional da realidade histórica. É a figuração da ampla base vital

105 Ibidem, p. 53.

106 Idem.

107 Ibidem, p. 49.

108 Ibidem, p. 70.

109 Ibidem, p. 60.

110 Ibidem, p. 56.

dos acontecimentos históricos, com suas sinuosidades e complexidades, suas múltiplas correlações com as personagens em ação.¹¹¹

Em escala mundial, Walter Scott se tornou um dos escritores mais populares e mais lidos de seu tempo, influenciando fortemente toda a literatura europeia. Os escritores mais significativos do período encontraram caminhos em sua produção por meio da figuração histórica scottiana¹¹². Mas foi Balzac, segundo Lukács, que desenvolveu de maneira mais evidente o impulso que Scott deu ao romance, criando “um tipo superior e até então inédito de romance realista”¹¹³. Em suas palavras:

A influência de Walter Scott sobre Balzac é extraordinariamente forte. Pode-se dizer até que a forma específica do romance balzaquiano surgiu durante uma discussão ideológica e artística com Walter Scott. [...]. Em Balzac, o centro do enredo não é ocupado pelos chefes aristocráticos da revolta reacionária dos camponeses, tampouco por um grupo de líderes da França republicana, mas, *por um lado, pelo povo primitivo, atrasado, supersticioso e fanático da Bretanha e, por outro, pelo simples soldado da República, profundamente convicto e modestamente heroico.*¹¹⁴

Com Balzac, portanto, a era do romance histórico clássico se encerra. Ele retorna, sim, mas de um jeito diferente, agora com a representação da sociedade contemporânea, o que, para Lukács, seria a elevação do romance histórico a um patamar superior¹¹⁵.

A temática histórica de Walter Scott expressa apenas o sentimento de que a verdadeira compreensão dos problemas da sociedade do presente só pode surgir da compreensão de sua pré-história, da história do surgimento dessa sociedade. Por essa razão, como vimos, esse romance histórico, como expressão ficcional da historização do sentimento da vida, da compreensão cada vez mais histórica dos problemas da sociedade presente, conduziu a uma forma mais elevada do romance com temática contemporânea, como em Balzac e Tolstói.¹¹⁶

Sendo assim, a partir da leitura da obra de Lukács – que aponta as características do romance histórico de Walter Scott e de como Balzac, sob a influência deste, teria se

111 Ibidem, p. 62.

112 Ibidem, p. 84.

113 Ibidem, p. 106.

114 Idem. Grifos nossos.

115 Ibidem, p. 109.

116 Ibidem, p. 282.

concentrado na representação da sociedade contemporânea no romance – convém retornar ao romance de Augusto de Lima Júnior, a fim de observar alguns aspectos em comum.

Como já foi dito anteriormente, *Mariana* apresenta um enredo que decorre em um tempo de transformação social ocasionada pela morte de seu bispo e a chegada do sucessor, que decide romper com algumas tradições locais mantidas por séculos, mais precisamente, desde a fundação do bispado, que, por sua vez, coincide com a criação da própria cidade. A celeridade das mudanças faz, portanto, com que o presente se torne histórico, em um tempo que une passado e futuro em lados sociais opostos. Para se compreender os problemas da sociedade no presente, a história da comunidade é narrada desde o seu início, em capítulos que se mesclam com a narrativa ficcional.

A maneira como o romance é iniciado reflete bem a tentativa de representação de um passado, de um tempo que é histórico. Trata-se de uma narrativa que, visivelmente, busca ser reconhecida também como documento, posto que mimetiza o modo de escrita de várias fontes históricas setecentistas, que são constantemente consultadas por pesquisadores da história de Mariana e/ou de Minas Gerais.

Referindo-se ao dia da morte de Dom Silvério, que é o tempo presente do romance, no ano de 1922, assim se inicia o primeiro capítulo, intitulado “Uma tarde triste”: “Naquela tarde, morna e cinzenta, de trinta de agosto do ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, novecentos e vinte e dois, pairava pelos ares da leal Cidade de Mariana uma tristeza incerta que contaminava tudo”¹¹⁷. Ora, a utilização de frases como “ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil, [...]”, ou “leal Cidade de Mariana” são recorrentes na abertura de documentos oficiais do século XVIII e XIX, como testamentos, termos de irmandades, atas de câmara, entre outros¹¹⁸. Expressões estas que aparecem no

117 LIMA JÚNIOR, Augusto de. Op. Cit., 1966, p. 15.

118 Como exemplo de documento setecentista que se inicia de maneira semelhante, tem-se o *Auto da rematação da obra da ponte do Seminário desta cidade, que rematou José Pereira Arouca pela quantia de 450\$000*, que começa com a seguinte frase: “Ano de nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil setecentos e oitenta e um anos, aos vinte e oito dias do mês de março do dito ano, nesta Leal Cidade de Mariana, em casas da Câmara dela, e os vereadores e procurador atuais adiante assinados [...], para mandarem proceder na rematação da obra da ponte do Seminário desta cidade [...]”. GONÇALVES, Andrea Lisly; OLIVEIRA, Ronald. (orgs.). *Termo de Mariana: história & documentação*. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 2004, p. 250.

romance após o uso do adjunto adverbial de tempo “Naquela tarde”, que desloca o leitor do presente para uma viagem a um tempo passado.

Nesse sentido, é interessante notar o que Alcmeno Bastos chama de um hibridismo incontornável que acompanha o romance histórico: como romance, é ficção, já que a matéria narrada resulta da livre invenção do escritor e delega “a um narrador, normalmente em terceira pessoa, a responsabilidade pela mimese do real humano”; e, como histórico, escapa dos limites da ficcionalidade e se pretende documento, uma vez que nele o leitor reencontra “elementos verídicos (datas, nomes, eventos, lugares etc.) tomados de empréstimo à história”¹¹⁹.

Assim como ocorre nos romances históricos de Walter Scott, ou nos romances de Balzac, *Mariana* apresenta o ser da época, o povo, em sua vida cotidiana, com suas alegrias e tristezas, seus costumes e ideias. As crises da vida histórica da sociedade, com destaque para potências sociais opostas, são também representadas no romance: de um lado, têm-se o clero local, as beatas e a comunidade católica da cidade, que não aceitam as mudanças promovidas pelo novo bispo; e, de outro, encontra-se D. Salesius, que aposenta os velhos padres e cônegos e inicia uma série de reformas nas edificações eclesiásticas, além de romper com importantes tradições.

O fragmento a seguir evidencia o desconforto do clero local com a primeira e contundente mudança promovida por Dom Salesius. De imediato, ele já rompe com uma importante tradição de mais de dois séculos, ao fazer sua entrada triunfal na cidade em um trem, metáfora do progresso e da modernidade, em vez de vir a cavalo, como era o costume até então:

– [...] Está tudo perdido! Retrucou o Cônego. Pois não é que S. Ex.^a anuncia que vem de trem-de-ferro! Como é que há de ser o cerimonial! O telegrama também está numa linguagem um tanto profana... Êstes “abraços” não são do ritual! / Estamos diante de uma hipótese nova, esta do Arcebispo! Até D. Silvério a coisa era outra! Ia-se à divisa do município ao encontro do prelado e de lá vinha êle, cercado do séquito de cavaleiros, foguetes, música, padres, povo, etc. Agora vem êste de trem-de-ferro! É a primeira vez que isso se dá. Vou convocar o Cabido, e decidir com êle, qual a atitude que deveremos tomar.¹²⁰

119 BASTOS, Alcmeno. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: EdUERJ. 2007, p. 67.

120 Ibidem, p. 62-63.

Em outro momento da trama, o assunto da chegada do bispo por trem é discutido pelo clero, que se reúne para tratar especificamente deste assunto polêmico:

Expôs, então, o Cônego Jeremias a delicadeza do caso sobre que eram chamados a resolver: / – Desde a fundação do Bispado, os Prelados vinham a cavalo de Ouro Preto, sendo recebidos com o cerimonial conhecido de todos, conforme era de uso secular. Agora, porém, com o trem-de-ferro ali, a coisa ia ser inteiramente transtornada. [...] Além disso, tratando-se de um modo novo de “chegar”, não previsto nos formulários antigos que se referiam apenas à chegada do prelado “a cavalo”, êle [o Cônego Jeremias] não queria assumir a responsabilidade de *alterar costumes imemoriais*, sem que fôsse apoiado pela autoridade de seus pares. / [...] E como não havia mais a deliberar, dissolveu-se a reunião, notando-se em todos os semblantes uma certa esperança no êxito da missão Fraga. Êste, arrumou as malas e partiu célere para encontrar-se com seu novo pastor e fazer-lhe ver a inconveniência de quaisquer inovações que poderiam trazer desgostos a S. Ex.^a, que não deveria chegar logo, *quebrando velhas tradições*. / Três dias depois do embarque do Cônego Fraga chegou um telegrama seu, avisando de que o Prelado não concordava com as sugestões do Cabido e que iria mesmo de trem. / *Foi um pânico em Mariana* e contra essa deliberação ergueu-se um clamor geral de *santa indignação*. *Chorou-se então, mais do que nunca a morte de D. Silvério*.¹²¹

Já o próximo excerto, que dá início ao capítulo intitulado “A renovação”, mostra a perspectiva do novo bispo diante do que ele considerava arcaico dentro do bispado de Mariana:

Mal se empossara o novo bispo, e ei-lo dedicado às mais intensas atividades. / Comovera-se ante os sofrimentos dos velhos cônegos, arrastando-se penosamente para satisfazerem seus deveres, e tratou de aposentá-los, conservando-lhes as prerrogativas e vantagens. Para seus lugares, no côm, vinham outros mais moços e ágeis, que pudessem trabalhar na renovação que as necessidades e o prestígio da Igreja exigiam. / No antigo palácio ia uma azáfama intensa de arrumação, catalogação e limpeza nos arquivos, nos velhos móveis, enquanto, pelos telhados, pedreiros e carapinas remendavam a velharia, escorando traves e vedando goteiras. No alto de São Pedro amontoavam-se pedras, cal, materiais diversos e as velhas igrejas eram inspecionadas cuidadosamente para que se lhes remediasse o estado. Circulares, boletins dirigiam-se ao clero, com avisos, conselhos e advertências, para que o serviço de Deus se realizasse de acôrdo com os preceitos e para que cada pároco sentisse que seu Pastor era vigilante. / Tal movimento causara profundos aborrecimentos a quase tôda a gente, que, sem analisar com isenção, ou talvez por incapacidade de julgar, preferia

121 Ibidem, p. 78-79. Grifos nossos.

simplesmente condenar o autor de tudo aquilo com um anátema: / - Fiteiro.¹²²

E aí entra a importância composicional do protagonista intermediário do romance, Eugênio, que tem por objetivo mediar os extremos da luta, colocando em contato os dois lados do conflito, ao circular entre um ambiente e outro, numa tensão constante. Por um lado, ele começa a se afeiçoar à figura de Dom Salesius, que representava pra ele o que poderia haver de mais moderno dentro do catolicismo:

Eugênio, no meio daquela atmosfera hostil que se ia formando em torno de D. Salesius, começava a sentir uma intensa simpatia por êle, colocando-se francamente ao seu lado em tôdas as discussões que se tratavam na cidade, a propósito da deliberação que tomara de chegar de trem e não a cavalo. A idéia de um Bispo môço, alegre, progressista, livre em suas deliberações, sem preconceitos, nem superstições, entusiasmava-o e conquistava-lhe a boa-vontade”.¹²³

Por outro lado, Eugênio não tem a intenção de magoar seu velho tio Cônego, que lhe impunha a entrada para o seminário, e isso pode ser notado em suas conversas com o próprio bispo Dom Salesius:

Sopitando a emoção que lhe perturbava a palavra, esforçou-se Eugênio por narrar [a Dom Salesius] a sua contrariedade.
[...]
- Coitadinho! Por que não me disse isso há mais tempo! Querer casar-se com Isaura não é crime! Posso até ajudar as coisas! A entrada para o seminário fica cancelada! Vamos pensar em outra coisa...
- Não D. Salesius! Isso magoaria meu tio. Esperemos que êle morra.¹²⁴

Mas, afinal, é possível classificar *Mariana* como um romance histórico, uma vez que apresenta esta estrutura narrativa que se assemelha à dos romances históricos do século XIX? Fica difícil precisar, já que o romance de Lima Júnior representa eventos ocorridos apenas dez anos antes de sua publicação, sendo, portanto, contemporâneos ao tempo de vida do autor, o que ainda é uma questão polêmica dentro da conceituação do gênero.

De acordo com Donizeth Santos, o distanciamento cronológico em relação à realidade histórica evocada, exigido por uma grande parte dos críticos e teóricos para que um romance seja qualificado como histórico, é um assunto ainda controverso dentro da Teoria e da Crítica

122 LIMA JÚNIOR, Augusto de. Op. Cit., 1966, p. 87.

123 Ibidem, p. 79.

124 Ibidem, p. 111-112.

Literária¹²⁵. E é possível que esta seja a grande problemática referente à conceituação do romance histórico, uma vez que essa exigência de que o tempo retratado no romance seja um período não vivido pelo romancista, tornou-se, segundo Santos, mais importante que o diálogo estabelecido pela narrativa com a história¹²⁶.

Para compreender esta questão, Donizeth Santos recorre à obra de Lukács, que, em certa medida, definiu as bases teóricas do gênero, e esclarece que, para o teórico húngaro, “importa para um romance ser histórico não o fato histórico em si, e sim as transformações que ele provocou na vida de uma determinada sociedade numa determinada época”¹²⁷. O mais importante, então, é que o autor “represente literariamente como as pessoas que viveram um acontecimento histórico foram afetadas por ele e como reagiram a ele, através do entrelaçamento entre história e ficção”¹²⁸. Lukács, além de não estabelecer em sua obra qual o tempo de distanciamento necessário entre autor e evento narrado para que um romance seja qualificado como histórico, enalteceu o romance de Balzac como um tipo superior de romance histórico, ao representar o presente como história¹²⁹.

Dessa forma, para Georgy Lukács o fator determinante de um romance histórico é o modo de representação literária e a maneira com que a ficção dialoga com a história e não o distanciamento temporal entre o fato narrado e o período de vida do autor. Sendo assim, desde que haja a especificidade histórica do tempo da ação condicionando o modo de ser e agir das personagens, conforme observou Marilene Weinhardt (1995), com a interseção entre os acontecimentos históricos e as exigências individuais agrupadas em sociedade, segundo Frederic Jameson (2007), um romance pode ser considerado histórico mesmo que aborde um período diretamente vivido pelo escritor, como mostra o exemplo de Balzac.¹³⁰

Tudo leva a crer, segundo Santos, que a delimitação temporal como requisito primordial para a conceituação do romance histórico tenha sido inaugurada com um ensaio publicado sobre o tema pelo espanhol Amado Alonso, em 1942, e que foi interpretado posteriormente por Donald McGrady, em 1962, como sendo o sub-gênero uma narrativa que

125 SANTOS, Donizeth. O romance histórico e a problemática do distanciamento temporal entre o fato narrado e o período de vida do autor. *Línguas & Letras*. Vol. 13, nº 25, p. 187-203, 2º sem. 2012, p. 188.

126 Ibidem, p. 189.

127 Ibidem, p. 190.

128 Idem.

129 Ibidem, p. 189-191.

130 Ibidem, p. 191-192.

representa um modo de vida passado a um tempo anterior ao autor¹³¹. Desde então, vários outros teóricos lançaram discussão sobre o tema, entre os que corroboram e os que refutam a ideia. Mas, a definição, de acordo com Donizeth Santos, que mais tem causado polêmica e que aponta o distanciamento cronológico entre fato narrado e o tempo de vida do autor como necessário para a conceituação do romance histórico é a do argentino Enrique Anderson Imbert, publicada em 1951 e constantemente evocada por outros teóricos dos anos de 1990 pra cá¹³².

O debate sobre a questão continua vivo, e alguns estudos mais recentes têm discutido a polêmica do distanciamento temporal, lançando considerações sobre sua impertinência. É o caso, por exemplo, de Frederic Jameson, em “O romance histórico ainda é possível?”, para o qual o que conta é a abordagem de um grande acontecimento histórico entrelaçado com a ficção¹³³. Neste artigo, publicado em 2007, Jameson afirma que o romance histórico não deve mostrar existências individuais ou acontecimentos históricos, mas a “interseção de ambos: o evento precisa trespassar e transfixar de um só golpe o tempo existencial dos indivíduos e seus destinos”. Ele não será, portanto, a descrição dos costumes e valores de um povo em um determinado momento histórico, ou a história das vidas de indivíduos comuns em situações de grandes crises, ou a história privada das grandes figuras históricas. O gênero pode incluir todos esses aspectos, mas apenas sob a condição de que eles tenham sido “organizados em uma oposição entre um plano público ou histórico (definido seja por costumes, eventos, crises ou líderes) e um plano existencial ou individual representado por aquela categoria narrativa que chamamos de personagens”. A arte do romance histórico consiste, para Jameson, na “habilidade e engenhosidade com que a sua interseção é configurada e exprimida; e isso não é uma técnica nem uma forma, mas uma invenção singular, que precisa ser produzida de modo novo e inesperado em cada caso [...]”¹³⁴.

Outro estudo recente que retoma a discussão sobre a contemporaneidade entre a vida do autor e os fatos narrados é o de Alcmeno Bastos, *Introdução ao romance histórico*. Nele, além de buscar uma explicação para a exigência de que a matéria narrada no romance

131 Ibidem, p. 192-193.

132 Ibidem, p. 193.

133 Ibidem, p. 195.

134 JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos estudos*. São Paulo, n. 77, p. 185-203, março de 2007, p. 191-192.

histórico esteja distanciada no tempo, Bastos vai de encontro a esta ideia e chega a classificar como “insólita” a separação dos romances que compõem a trilogia *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, entre romances históricos ou não, pelo fato de apenas um deles abordar acontecimentos passados e dois deles narrarem eventos contemporâneos ao autor¹³⁵.

Alcmeno Bastos busca, em seu livro, apresentar uma conceituação da modalidade que, para ele, pode ser ancorada nos seguintes pontos: a matéria narrada deve ser de extração histórica e deve integrar o acervo de memórias de uma comunidade, “de modo a permitir o reconhecimento dos componentes que já eram familiares ao leitor medianamente informado sobre a vida social, histórica, dessa comunidade”; a trajetória das personagens relevantes da trama deve ser “associada de modo inextricável ao destino político da comunidade de que façam parte, quer seja atribuída a essas personagens a função de elemento determinante do processo histórico, quer apareçam elas como elementos determinados por esse processo histórico”; deve haver também “a presença de marcas registradas, isto é, nomes próprios (de pessoas, de instituições, de eventos), datas históricas, topônimos etc.” que sejam reconhecíveis pelo leitor informado sobre a história da comunidade; “a matéria narrada deve ser ‘remota’, a despeito da impossibilidade de se determinar com precisão cronológica a remotividade de um fato histórico”; e, por fim, “a narrativa deve apresentar um tom conclusivo quanto aos eventos históricos focalizados”¹³⁶.

Voltando ao artigo de Donizeth Santos, ao fazer uma reconstituição do debate sobre o distanciamento temporal entre a vida do romancista e os eventos por ele narrados ser considerado um ponto definidor da conceituação do romance histórico, o autor mostra que há não somente divergências entre críticos literários sobre o tema, como também incoerências e contradições dentro dos critérios estabelecidos por eles¹³⁷. Nesse sentido, o autor evoca, ao final de seu estudo, a necessidade urgente de discussão e revisão de certos requisitos que não cabem mais nos dias de hoje, além de se colocar entre os que consideram obsoleto o requisito do distanciamento temporal para definir um romance histórico.

Na presente pesquisa sobre o romance *Mariana*, compreende-se – do mesmo modo que Donizeth Santos e o conjunto de teóricos levantados por ele que partilham da ideia – que a especificidade do romance histórico está no modo de representação literária que entrelaça

135 Ibidem, p. 197-199.

136 BASTOS, Alcmeno. Op. Cit., 2007, p. 67.

137 Ibidem, p. 200.

ficção e história, ao se narrar como um determinado evento histórico condicionou o modo de ser e agir das pessoas afetadas por ele, mesmo que aborde um período diretamente vivido por seu autor, como é o caso da obra de Augusto de Lima Júnior. Neste sentido, é possível afirmar que *Mariana* é um romance histórico, tal qual os romances de Balzac, que representam o contemporâneo também como histórico. Para se compreender os problemas do presente, buscou-se narrar, em *Mariana*, a história da comunidade desde o seu início. Trata-se da crise histórica da comunidade (que, com a chegada da modernidade, vê sendo quebradas algumas de suas tradições mais antigas) e a representação dos costumes locais, por meio de uma trama ficcional que se entrelaça à história e também à memória da cidade, além de trazer um protagonista intermediário que coloca em contato os lados opostos que são apresentados em conflito.

Mas, além da representação da sociedade contemporânea de modo historicista, outros aspectos chamam a atenção no que tange às influências que Balzac parece ter desempenhado na composição de *Mariana*. É o que se pretende apresentar na próxima sessão, que encerra este capítulo.

2.2.3 Balzac como modelo para Lima Júnior

No ano de 1931, um ano antes do lançamento de *Mariana*, o jornal carioca *A Noite* publicou uma nota crítica em virtude do lançamento do romance de Lima Júnior denominado *A cidade antiga*, no qual o autor versa sobre a cidade de Ouro Preto:

Entrevistado ao voltar da America, André Maurois afirmou que somente um romancista – [...] *um Balzac americano* – lhes daria a conhecer a alma do novo continente. [...] / Compreendeu isso o Sr. Augusto de Lima Junior e procurou utilizar-se do romance para estudar o ambiente [...] do Brasil.¹³⁸

Esta curiosa nota, que aproxima a ficção de Lima Júnior daquela escrita pelo renomado escritor francês, serve como ponto de partida para a discussão desta sessão, que pretende

138 *Jornal A Noite*. Segunda-feira, 1º de junho de 1931. Grifos nossos.

destacar como a narrativa de Balzac pode ter servido como uma espécie de modelo para o autor de *Mariana*.

Erich Auerbach, em meio a outras importantes análises apresentadas em seu clássico ensaio “Na mansão de La Mole”, discute sobre o projeto mantido por Balzac de escrever uma história social dos costumes por meio da escrita ficcional. Segundo Auerbach, o escritor francês da geração romântica “tomou a representação da vida contemporânea como uma tarefa pessoal e pode ser considerado, juntamente com Stendhal, como o criador do realismo moderno”. Como exemplo da sua maneira de representar, Auerbach destaca o retrato de Mme Vauquer, a dona da pensão do romance *O Pai Goriot*, publicado em 1834. Neste romance, Balzac apresenta uma ampla descrição do bairro onde se encontra a pensão, da casa em si e de dois aposentos do térreo¹³⁹, do qual se extrai o seguinte fragmento, que destaca a sala da residência de Mme Vauquer:

Nada é mais triste à vista que essa sala mobiliada com poltronas e cadeiras estofadas com crina, com riscas alternativamente opacas e luzidias. [...] Essa sala, muito mal assoalhada, tem as paredes revestidas de madeira até uma certa altura. A parte superior é coberta com um papel envernizado representando as principais cenas de *Telêmaco*, com suas personagens clássicas coloridas. [...] / A chaminé de pedra [...] é ornada de dois vasos cheios de flores artificiais, envelhecidas [...]. Essa primeira peça exala um odor sem nome na língua e que se deveria chamar *o odor de pensão*. [...] / Para explicar o quanto esse mobiliário está velho, rachado, apodrecido, oscilante, carcomido, manco, zarolho, inválido, moribundo, seria necessário fazer uma descrição que retardaria o interesse dessa história e que o leitor apressado não perdoaria. [...] Reina ali, enfim, a miséria sem poesia; uma miséria econômica, concentrada, gasta, que não tem ainda lodo, mas manchas; que não tem buracos nem andrajos, mas uma podridão envelhecida.¹⁴⁰

Segundo Auerbach, do conjunto desta descrição “resulta uma impressão intensa de desconsolada pobreza, desgaste e rancidez, sendo que, juntamente com a descrição material, sugere-se também a atmosfera moral”. A descrição meticulosa da dona da pensão é feita sob o motivo da harmonia entre a sua pessoa e o espaço em que se encontra a pensão, ou seja, o meio¹⁴¹. Nas palavras de Auerbach,

139 AUERBACH, Erich. Na mansão de La Mole. In.: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 419.

140 BALZAC, Honoré de. *O Pai Goriot*. In: *A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2012, p. 30- 32.

141 AUERBACH, Erich. Op. Cit., 2015, p. 420.

Esta harmonia é sugerida da forma mais penetrante: em primeiro lugar, o aspecto gasto, gordo, sujamente quente e sexualmente repulsivo do seu corpo e das suas roupas, o que concorda com o ar da habitação, que ela respira sem nojo; pouco mais tarde, em ligação com o rosto e com os gestos faciais, o motivo é considerado de forma um pouco mais moralista, a saber, acentuando energicamente a relação mútua entre pessoa e meio [...]. Segue-se uma interpretação mais médica, na qual o *embonpoint blafard* de Mme Vauquer, como produto da sua vida, é comparado com o tifo como consequência das exalações de um hospital. Finalmente, o seu saiote é valorizado como uma espécie de síntese das diferentes especialidades da pensão, como antegosto dos produtos da cozinha e como prenúncio dos hóspedes da pensão. Este saiote, torna-se, por um instante, símbolo do meio e depois, o conjunto todo é ainda resumido na frase: *Quand elle est là, ce spectacle est complet*; não é necessário esperar o café da manhã e os hóspedes; tudo isso já está incluído na sua pessoa.¹⁴²

Em *Mariana*, observa-se que as descrições pormenorizadas dos ambientes são também estratégias utilizadas pelo autor, ao que parece, relacionando-os com as pessoas que os habitam. Nesse sentido, tem-se, por exemplo, a descrição da casa do tio de Eugênio, o Cônego Jeremias que, embora bem menos detalhada que a descrição da pensão de Mme Vauquer em *O Pai Goriot*, apresenta algumas semelhanças em relação a esta. A figura do Cônego Jeremias é constantemente representada na trama como uma espécie de ruína: seu aspecto é envelhecido; suas batinas são rasgadas, estragadas pela ação do tempo; seu caminhar é lento e custoso, fruto do desgaste causado pelo reumatismo. E a sua casa é assim descrita, através da perspectiva de seu sobrinho, numa espécie de relação com o próprio cônego e também com a visão que até então se tem na obra sobre a cidade:

Ficando a sós, sentou-se Eugênio numa cadeira de braços e pôs-se a reparar no aspecto da habitação que, bem a contragosto, ia compartilhar com o tio Cônego. / Um sobrado velho, carcomido, mal ataviado. / A sala assoalhada com largas tábuas firmadas por grosseiros pregos cujas cabeças se erguiam fora do nível do chão, o fôrro de esteira, as paredes caiadas onde se penduravam velhas fotografias descoloridas, e dois quadros a óleo grosseiramente pintados com os retratos de um homem e de uma mulher, provavelmente seus avós. [...] Oleogravuras de Nossa Senhora do Carmo, do Coração de Jesus, da Sagrada Família, de São Sebastião, e uma outra, mostrando a morte do *Justo*, cercado de anjos, e a do *Pecador*, assediado por demônios [...] / E enquanto corria o olhar, ia pensando em sua situação desde a morte de seu pai. [...] Quanto tempo seria obrigado a ficar naquela pasmaceira onde só se viam padres, velhas beatas e sinos e em lugar dos cheiros característicos da civilização, só sentiria os de incenso e velas de

142 Ibidem, p. 421.

cêra! / Levantou-se e foi até a janela. Correu os olhos sobre a cidade velha, desgraciosa, deserta e monologou: / - Horrível! Afinal de contas pode-se dizer que é um lugar onde em redor das numerosas igrejas se encontram algumas casas...¹⁴³

Ao observar os romances *Mariana* e *O Pai Goriot*, as aproximações e contrastes entre ambos são instigantes, costuradas pela história de seus heróis que compartilham, inclusive, o mesmo nome. Eugênio de Rastignac vive suas venturas e desventuras ao sair do interior em busca de uma vida na metrópole, enquanto Eugênio Harden sai da metrópole, a contragosto, para uma vida no interior. A relação amorosa apresentada nos romances mostra de um lado uma paixão consumada, ligada a vícios e almas corrompidas, no caso de Rastignac e Delfina; e um amor idealizado, não consumado, ligado não ao corpo, mas à alma da figura de “mulher anjo”, no caso de Eugênio e Isaura. E a curiosa oposição entre as cidades de Paris – cidade luz, do requinte, dos grandes bailes e palacetes, mas que corrompe a alma e os costumes morais – e Mariana – cidade descrita, a princípio, como feia, velha, em visível ruína arquitetônica e que, no entanto, eleva a alma, transforma o homem para o bem, é “o coração de Minas”, a “capital espiritual das montanhas mineiras”¹⁴⁴. Estes são alguns dos contrastes. Mas é possível observar algumas aproximações diretas além do nome dos protagonistas, como é o caso da descrição da casa do Cônego Jeremias, tio de Eugênio, e a descrição pormenorizada, conforme observada por Auerbach, da pensão da Mme. Vauquer. Por fim, a cena final de *O Pai Goriot* parece ter servido também como modelo para Lima Júnior. Os últimos parágrafos do romance francês apresentam a seguinte cena do seu personagem que, ao observar a vista do alto da cidade, lança-se numa espécie de afrontoso desafio em relação a ela:

Ficando só, Rastignac encaminhou-se para a parte alta do cemitério e de lá viu Paris, tortuosamente deitada ao longo das duas margens do Sena, onde as luzes começavam a brilhar. Seus olhos fixaram quase avidamente entre a colina da Place Vendôme e os Invalides, no ponto em que vivia aquela bela sociedade na qual quisera penetrar. Lançou àquela colmeia sussurrante um olhar que parecia sugar-lhe antecipadamente o mel e proferiu esta frase suprema: / - Agora é entre nós dois! / E como num primeiro ato de desafio à sociedade, Rastignac foi jantar à casa da sra. de Nucingen.¹⁴⁵

143 LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. Op. Cit., 1966. p. 43-44.

144 Idem, p. 172.

145 BALZAC, Honoré. Op. Cit., 2012, p. 321.

Já um dos trechos finais de *Mariana* apresenta Eugênio Harden também a contemplar a vista do alto da cidade, com suas luzes, mas numa espécie de redenção e de trégua em relação à mesma, que ele antes rejeitara:

Do adro da igreja, olhou a cidade que se estendia a seus pés, banhada pela luz solar da esplendorosa manhã. / [...] - Eugênio viu a velha cidade dos Bispos e dos Cônegos, dos padres e seminaristas, sob o seu aspecto real que êle antes desconhecia. Estava ali o coração católico de Minas, a capital espiritual da gente heróica das montanhas; ali se materializavam dois séculos de formação e de riquezas, de sofrimentos e de glórias, vividas à sombra daqueles campanários, cujos sinos roufenhos eram como que a própria voz do passado, assistindo e guiando o presente para assegurar o futuro. Não só o futuro transitório da vida terrena; sobretudo a vida eterna, em cuja esperança os sofrimentos se acalmam e a dor se mitiga. [...] / E Eugênio contemplando a velha Mariana, que êle detestara e que agora venerava com a mais profunda afeição, descobriu-se, saudando a Rainha dos Céus, advertido pelo sino da grande Sé que batia o meio-dia.¹⁴⁶

Balzac parece ter sido um modelo para Lima Júnior quanto ao historicismo, a fixação dos costumes e o modo de representar a harmonia entre personagens e ambientes, embora o romance *Mariana* não seja completamente modelado conforme as obras do escritor francês. Não cabe nesta dissertação fazer uma análise mais aprofundada do diálogo entre as duas obras. O intuito, neste caso, é apresentar como Lima Júnior parece ter dialogado com diferentes tradições, inclusive a tradição realista do século XIX.

No capítulo seguinte, têm-se como objetivo discutir sobre a representação da memória em *Mariana*. Com base no conceito de “lugares de memória” do historiador francês Pierre Nora, visamos a analisar como Augusto de Lima Júnior buscou fixar os costumes e as práticas cotidianas da comunidade católica marianense, antes que eles se perdessem em meio à ação do tempo e das mudanças sociais.

146 LIMA JÚNIOR, Augusto de. Op. Cit., 1966, p. 172-173.

MARIANA COMO “LUGAR DE MEMÓRIA”

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas [...], é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações.

Pierre Nora

*Eu não nasci para viver na barulhada,
De uma cidade grande.
Gosto da paz abençoada,
Do deserto onde o espírito se expande.*

Augusto de Lima Júnior

3.1 Memórias fixadas no romance

Em uma análise feita sobre o prefácio do romance de Plínio Salgado, *O Estrangeiro*, publicado no ano de 1926, Luís Bueno afirma que as observações contidas nele poderiam abrir muitos dos romances escritos nos anos de 1930, pois o “livro procura *fixar aspectos da vida paulista* nos últimos dez anos. [...] / [...] como depoimento, *num instante de tamanha inquietude* e necessidade de discussão”¹⁴⁷.

De acordo com Bueno, a expressão “fixar” é utilizada, neste caso, no “sentido de apreender e registrar uma certa realidade social historicamente circunscrita – o mesmo termo, aliás, empregado por Jorge Amado já em sua maturidade, na apresentação de *São Jorge dos*

147 Salgado, P. *O Estrangeiro*. Apud: BUENO, Luís. Op. Cit., 2015, p. 83.

Ilhéus”¹⁴⁸. Já a noção de “instante de inquietude” representa o fato de se participar de um momento considerado definidor¹⁴⁹.

Mariana, romance que, como estes, também foi publicado no contexto da literatura brasileira dos anos 1930 e que, conforme foi discutido no capítulo anterior, dialoga com o debate promovido no período, apresenta um prefácio muito semelhante a estes em sua segunda edição¹⁵⁰. Nas palavras de seu autor,

MARIANA é um romance no qual pretendi *fixar a vida da ilustre cidade, no instante das transformações* que se seguiram à morte do grande Prelado que foi Dom Silvério Gomes Pimenta. / Nesse instante, aparece a figura de Dom Helvécio Gomes de Oliveira, que assinalou seu episcopado com grandes realizações apostólicas e culturais, que vêm sendo continuadas pelo atual Arcebispo Dom Oscar de Oliveira. / Os personagens velados por pseudônimos, a exceção de dois, já se encontram na Vida Eterna. / De 1932, data da primeira edição, até o dia de hoje, muita coisa mudou em Mariana. Mas a alma da veneranda cidade, sua santidade, sua poesia, não se transformaram¹⁵¹.

Este prefácio, que afirma a intenção de Augusto de Lima Júnior de fixar a vida da cidade num instante de transformações, convida o leitor a olhar para o corpo da própria narrativa, que se assemelha a uma tentativa de “fotografar” o tempo, os costumes e as paisagens da cidade. O autor apresenta sua obra como aquela que tem o objetivo de “capturar” um instante vivido, antes que ele se altere completamente e se perca após as transformações decorridas na comunidade. Trata-se de um enredo que evidencia uma memória orgânica, ainda viva, posto que tão curta a distância entre o tempo em que se passaram os eventos e o tempo em que eles foram fixados pela escrita de Lima Júnior.

Tal escrita, ao que parece, busca funcionar como um “meio de eternização e suporte da memória”, conforme discussão apresentada por Aleida Assmann, em um dos capítulos de seu livro *Espaços da recordação*¹⁵². De acordo com Assmann, a noção da escrita como um meio (*medium*) seguro da memória vem de um passado distante e remonta aos antigos egípcios que,

148 BUENO, Luís. Op. Cit., 2015, p. 84.

149 Idem.

150 A segunda edição foi lançada em 1966. Não foi possível confirmar se esta frase consta também no prefácio da primeira edição, de 1932, já que não foi viável sua consulta durante a pesquisa.

151 LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. Op. Cit., 1966. p. 09.

152 ASSMANN, Aleida. Escrita. In: *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p. 199.

ao olhar para sua própria cultura em um lapso temporal de mais de mil anos, observavam que construções e monumentos jaziam em ruínas, mas que seus textos mais remotos ainda eram copiados, lidos e estudados. Deste modo, constataram que até mesmo a escrita feita sobre um papiro frágil poderia ser mais duradoura que caros túmulos com suntuosas ornamentações. “Nos escritos dos literatos mais tardios, tornou-se um *topos* fixo a noção de que a escrita permanece intocada pela ação destrutiva do tempo e de que ela representa um *medium* único para a imortalidade”¹⁵³. Assmann afirma que

a escrita não é só *medium* de eternização, ela é também um suporte da memória. A escrita é, ao mesmo tempo, *medium* e metáfora da memória. O procedimento da anotação e da inscrição é a mais antiga e, através da longa história das mídias, ainda hoje a mais atual metáfora da memória.¹⁵⁴

Em *Mariana*, a escrita que busca fixar a vida cotidiana, os costumes e paisagens da cidade é feita a partir de um enquadramento muito específico, entre memórias que deveriam ser lembradas ou apagadas, junto a um conteúdo também inventado, dado o caráter ficcional da narrativa, além do teor historiográfico que acompanha a obra, conforme discussão apresentada no capítulo anterior.

Para compreender a representação da memória no romance, buscou-se o conceito de “lugares de memória”, do historiador francês Pierre Nora, no artigo “Entre memória e história: a problemática dos lugares”¹⁵⁵. De acordo com Nora, a curiosidade sobre os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada ao momento de aceleração da história. Trata-se do “arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado [...]”¹⁵⁶. Nesse sentido, a fixação da vida na cidade num singular instante, à qual se refere Lima Júnior, parece ser

153 Ibidem, p. 195.

154 Ibidem, p. 199. A noção da escrita como suporte e metáfora da memória encontrou também alguns opositores ao longo do tempo, que viam-na como contrária à memória, conforme aponta Assmann. “Embora, no entanto, o gesto de escrever e gravar seja tão análogo à memória, a ponto de ser considerado a mais importante metáfora da memória, o *medium* da escrita também foi visto como antípoda, como antagonista e destruidor da memória”.

155 NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez .1993.

156 Ibidem, p. 07.

contemplada por essa vontade de criar uma cristalização da memória coletiva por meio da escrita literária, antes que ela se perdesse no contexto de transformações vivenciadas pela comunidade em questão, o que pode levar o romance a funcionar como um “lugar de memória”: um espaço material e simbólico que guarda uma memória pertencente a uma coletividade.

Nora adverte que, desde que haja “rastros, distância, mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória, mas dentro da história” e que, longe de serem sinônimos, tudo opõe uma à outra¹⁵⁷:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas.¹⁵⁸

A noção de lugares de memória emergiu, segundo Nora, com a “desritualização” do mundo. Trata-se do momento preciso onde desaparece um imenso capital em que se vivia na intimidade de uma memória, para se viver apenas sob o olhar de uma história reconstituída. “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há mais memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. Se o que os lugares de memória defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. E se a história não se apoderasse deles para deformá-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória, pois é este vai-e-vem que os constitui de modo singular: “momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não

157 Ibidem, p. 09.

158 Idem.

mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva”.¹⁵⁹ O jogo entre a memória e a história é, portanto, o que constitui os lugares de memória e os torna, conforme afirma Nora, mistos, híbridos e mutantes, “intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. Anéis de Moebius enrolados sobre si mesmos”¹⁶⁰.

A memória registrada em *Mariana* é ampla. A cada capítulo são fixados no romance não apenas os eventos diretamente relacionados à morte e à sucessão do prelado, pano de fundo da trama, mas também são descritas edificações características da cidade histórica, lendas da comunidade, personagens da história local, costumes da população – um amplo material pertencente a uma memória que é coletiva, relacional e marcadamente ligada, deve-se enfatizar, a um determinado grupo social. De acordo com Nora, a “memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada”¹⁶¹. Assim, é relevante ressaltar que a memória narrada em *Mariana* gira em torno da comunidade católica que havia na cidade e que todo traço de vida descrito se relaciona, de algum modo, com a igreja e suas tradições, apagando-se qualquer vestígio de outras identidades e culturas locais. O autor, católico fervoroso, esteve sempre envolvido com a temática religiosa, como foi destacado no primeiro capítulo desta dissertação, e é a memória da comunidade católica marianense e seus costumes que ele busca fixar no romance.

Não se pode descartar de todo a hipótese de que algumas memórias familiares do próprio autor estariam relacionadas, em alguma medida, com certas memórias coletivas da primeira cidade mineira. Ainda no prefácio da edição de 1966, Lima Júnior afirma que uma de suas motivações pessoais para escrever o livro *Mariana* seria a ligação afetiva mantida por ele junto à cidade, por ter sido nela que seu pai, o político e letrado mineiro Augusto de Lima, fez sua estreia literária, ainda nos anos em que compunha o corpo discente do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte¹⁶². O autor narra no romance, por exemplo, alguns “causos”,

159 Ibidem, p. 10-13.

160 Ibidem, p. 22.

161 Idem.

162 LIMA JÚNIOR, Augusto de Lima. Op. Cit., 1966. p. 09.

lendas e gírias relacionados ao cotidiano do Seminário ainda no século XIX. Teriam tais lendas – como a que supõe ter sido o santo católico São José a doar a batina para Dom Silvério, na ocasião ainda seminarista, no dia de sua ordenação para padre – chegado ao autor por intermédio de seu próprio pai, que lá também passou alguns anos de sua vida como estudante¹⁶³? Circulariam elas ainda na cidade no momento em que Lima Júnior as fixava nas páginas do romance?

O autor articula ao enredo de *Mariana* algumas experiências singulares vivenciadas pela comunidade, a começar com a descrição do ato fúnebre do bispo Dom Silvério, que ocupa várias páginas do romance. O ritual é caracterizado por adornos, objetos e comportamentos que pertencem a uma tradição que remonta ao século XVIII, quando se criou, em Mariana, o primeiro bispado em terras mineiras:

Defronte ao arcaz da sacristia, os cônegos do Cabido, paramentavam-se para, incorporados, receberem, à porta da catedral, os despojos do prelado morto. / Paramentou-se também o Decano e, à frente do Cabido, encaminharam-se para a igreja, vestindo todos roquete e capelo, precedidos pela cruz. / [...] Irmandades e associações religiosas com suas cruces, tocheiros e insígnias abriam o préstito. Depois, os seminaristas e padres, em longas filas, vestindo as alvas sobrepelizes, empunhando velas, silenciosos, lentos como uma lúgubre guarda-de-honra. / Após, os cônegos, com suas vestes roxas, e capas de asperge, carregando o ataúde de D. Silvério. Seguiam-no os fâmulos, levando as insígnias do defunto veladas em crepe, a Cruz Arquiepiscopal, a Mitra, a Candeia e o chapéu. [...].¹⁶⁴

A “Folhinha de Mariana”, calendário impresso anualmente na cidade, famoso pois circula desde 1870, recebeu menção e foi fixado nas páginas do romance, uma vez que

163 “Há uma... digamos uma lenda, continuou Padre Simão, depois de hesitar um pouco, que se refere a um milagre de S. José feito ao então Padre Silvério... / – Como assim? – indagou Eugênio. / Padre Simão, esfregando as mãos para tirar a terra, que nelas se apegara no trato das plantas, falou: / – Não quero emprestar nenhuma autoridade ao que vou lhe contar, fazendo-o, apenas, como uma lenda que corre mundo, sem que dela se possa apresentar nenhum testemunho. Lenda piedosa, apenas. / [...] / – Quero, entretanto, contar-lhe no próprio local a história da batina nova do Padre Silvério, porteiro do Seminário, mais tarde Arcebispo de Mariana e Membro da Academia Brasileira de Letras, o grande estilista da vida de D. Viçoso e da ‘Prática da Confissão’. / [...] Nunca se consegui descobrir o autor do donativo. Muito pouca gente, porém, ainda hoje, poria dúvida de que foi o próprio S. José quem mimoseou seu devoto, fazendo-o receber a ordenação sacerdotal com uma batina novinha em fôlha, em pé de igualdade com seus companheiros de turma. / – Encantadora lenda, Padre Simão! A gente fica sem saber como pensar, tão lógica ela é e tão digno era o Padre Silvério dêsse milagre”. Ibidem, p. 134-137.

164 Ibidem, p. 27.

também faz parte das tradições locais, sendo referência para muitos personagens envolvidos na trama:

O Cônego Jeremias apresentou o sobrinho aos padres que ali se encontravam, e ao velho Moraes, escrevente, arquivista e encarregado da “Folhinha do Bispado de Mariana”, que há perto de quarenta anos, regia a vida do povo, em todos os recantos de Minas, marcando as festas, o quantum dos impostos, o bom e o mau tempo em suas “informações”. Tão prestigiosa publicação exercia forte poderio no ânimo da gente simples do interior, e se o Congresso Nacional mudasse o valor de um impôsto, ou o Papa alterasse uma data de festa religiosa, se a “Folhinha de Mariana” não registrasse a novidade, ninguém arrancaria do povo um vintém, de mais ou de menos, do designado nela, nem havia Vigário com o topête de executar Bula Pontifícia que não estivesse referendada pelo seguro calendário.¹⁶⁵

Outra memória escolhida para ser representada no romance narra o estranhamento causado com a chegada dos primeiros automóveis na interiorana cidade, ainda no início do século XX. Em um fragmento específico, o narrador abre um diálogo, em tom bastante nostálgico, entre dois personagens da comunidade, Cônego Jeremias e Monsenhor Jardim, que conversavam sobre o assunto e apresentavam posturas diferentes sobre um prenúncio de modernidade na cidade:

Ficavam os dois velhos amigos, depois, a conversar, algum tempo, comentando as novidades da terra [...]. / A última novidade tinha sido o automóvel que chegara para D. Salesius, que nele agora percorria as obras que se faziam em todos os pontos da cidade sob suas vistas vigilantes.
– É bem macio o tal automóvel, dizia Monsenhor Jardim ao Cônego Jeremias. O do Nassif sacode muito mais. Depois, é todo fechadinho, de sorte que, em dia de chuva, é um arranjo. [...]
– Nessa é que não caio eu! Não sou homem mais para essas violências. Esses modernismos não vão comigo. Isso é bom para os moços, Monsenhor.
E o tempo ia-se passando nesses cavacos inocentes, banais, todas as manhãs e o dedinho de prosa dos dois velhos.¹⁶⁶

Outras memórias locais são igualmente representadas no romance. É o caso do fragmento a seguir, em que dona Policena – que, junto com a filha Isaura, são personagens representativas da comunidade que gira em torno da igreja – recebe em sua casa o Cônego Jeremias, tio de Eugênio, para que ela costure sua batina rasgada e para que conversem sobre

165 Ibidem, p. 48.

166 Ibidem, p. 118 e 119.

os possíveis rumos da igreja e de toda a vida ao seu redor, após a morte do bispo. A passagem é longa, mas apresenta muitos elementos importantes que configuram uma memória da comunidade, como os aspectos das casas, além de fragmentos da vida cotidiana das pessoas, rotina, costumes, o modo peculiar como conversam e recebem visitas em seus lares, a importância atribuída às suas rezas diárias.

A casa de D. Policena ficava perto [da igreja] e foi em pouco atingida. / Era uma pequena construção antiga, de um só pavimento, à qual davam acesso três degraus de lajes já roídas pelo uso. À soleira, despediram-se das outras componentes do grupo, dirigindo-se D. Policena, sua filha Isaura e o Cônego Jeremias à porta da casa que a primeira abriu. Na pequena sala-de-visitadas instalou-se o velho padre na melhor cadeira que pôde encontrar, enquanto D. Policena e a Isaura iam à procura dos petrechos de costura na cesta colocada a um canto. [...] / Isaura chegava à sala com a bandeja do café, quando D. Policena terminava o ajuste da batina. / – Está mal, mal, mas como é provisório, passa. Agora, uma xicarazinha de café, disse ela apresentando a bandeja ao sacerdote. Pode tomar sem susto que eu não torro café com ‘esturro’. / Cônego Jeremias degustou demoradamente o conteúdo da xícara. / D. Policena, como se se lembrasse de uma falta, interpelou Isaura: / – Ora essa, menina! Não trouxe nem uma ‘quitanda’ para o Senhor Cônego! / – Não faz mal, tornou o padre. Não comeria nada. Estou indisposto com tudo isso! / Agora, dê-me licença que me vá. Estou com o Breviário atrasado. Muito e muito agradecido pelo incômodo. Olhe, reze, reze muito, para Nossa Senhora nos poupar desgraças. Agarre-se com a Senhora do Carmo que nos há de valer a todos. / Despediu-se e saindo à rua, pôs-se a caminhar de novo, vagarosamente, ladeira acima, em direção à sua casa na Rua de S. Francisco. / D. Policena e Isaura acompanharam-no com a vista algum tempo sem dizer nada. / Depois, fechando a porta, encaminharam-se até o quatinho da sala onde um oratório velho se enchia de santos, que rodeavam confusamente um crucifixo antigo. / Uma lamparina de azeite iluminava fracamente o recinto. / D. Policena olhou Isaura e, pegando-lhe do braço, falou: / – Ouviu o que disse o Senhor Cônego? É assim mesmo, minha filha! Vamos rezar o terço e pedir ao Céu que nos proteja nesta hora difícil. / Ajoelharam-se mãe e filha e enquanto os sinos começavam de novo a dobrar a finados, D. Policena com o rosário da Terra Santa entre os dedos começou: / – “Neste primeiro mistério doloroso contemplamos...”¹⁶⁷

A obra representa também um grupo bem específico que havia na cidade, do qual Dona Policena fazia parte, que são denominadas no romance de “capoteiras”. A descrição para se fixar tal memória é feita pelo narrador, que se mostra distanciado em relação a essas mulheres, como em uma caricatura, fazendo a crítica, neste caso, de maneira bastante risonha e caricatural, como se pode observar no seguinte fragmento:

167 Ibidem, p. 19-23.

Eram assim cognominadas as beatas que, ao primeiro sinal do sino, pela madrugada, corriam a ouvir a missa, envolvidas em grandes capotes de golas levantadas para as proteger do frio, o que se tornara quase um uniforme entre elas. Uma espécie de guarda-pretoriana dos podêres celestiais, exercendo uma severa fiscalização sôbre o merecimento das outras almas, cuja entrada no céu dependeria de seu “placet”, elas, as zeladoras das igrejas, as provisoras, provedoras, ornamentadoras, sempre vigilantes pela vida alheia, que cercavam de comentários edificantes, iniciados sempre pelo “Não é por falar mal, mas...” E depois do “mas” lá vinha o rosário de censuras aos atos do ausente, reais ou filhos da invencionice.¹⁶⁸

O romance descreve, igualmente, o ambiente e a rotina dos padres e seminaristas do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, instituição de grande importância na cidade, posto que servia à instrução sacerdotal desde o século XVIII. Nota-se que o narrador não se detém na informação de que Eugênio recebe a cópia das regras, mas revela também sua leitura, exibindo para o leitor a pormenorização da rotina.

O Padre Lázaro, em seu gabinete de trabalho, depois de amavelmente o advertir acêrca das obrigações da vida no Seminário, deu-lhe, além de um exemplar do regulamento, uma cópia do horário, levou-o até o ‘cubículo’ que lhe estava reservado, onde o deixou a sós. Era um quartinho pequeno, com uma só janela deitando para um pátio, de paredes caiadas, forrado de esteira. Uma cama de ferro bastante usada, um pequeno móvel tôsko onde se viam um jarro e uma bacia e um cabide pregado à parede, onde ainda se penduravam um crucifixo e uma estampa em oleogravura representando a Virgem Maria. Uma lâmpada elétrica pendida do teto iluminava-o. Sob ela, Eugênio folheou o regulamento com certa indiferença e depois deteve-se com atenção lendo o horário: / – “Às 5 horas o irmão toca o sino para o despertar. Um dos regentes bate palmas e diz: “Benedicamus Domino”. Os alunos respondem: “Deo gratias”. Lavam o rosto, penteiam-se, arranjam as camas até 5,15 horas momento em que se dá no sino o sinal de prontidão. [...] / Às 10,30h. almoço. Depois do almoço há recreio até meio-dia, começando pelo “Benedicamus”. Ao meio-dia, depois de rezado o “Angelus” começa o estudo que vai até 1,00h. [...] / Aos domingos há Bênção Solene do SS. às 8,15h. ao invés da leitura espiritual. Segue-se a oração da noite e... deitar.”¹⁶⁹

Outro elemento também representativo da memória e que aparece ao longo de toda a narrativa é o som dos sinos das igrejas setecentistas da cidade de Mariana. Seja em toques fúnebres no enterro do bispo, seja em toques festivos no cerimonial de posse do novo prelado,

168 Ibidem, p. 51.

169 Ibidem, p. 138-139.

seja para marcar as horas no dia-a-dia, ou mesmo para comunicar à comunidade o horário das rezas, lá estão os sinos a tocar em todo o romance, como no exemplo a seguir, extraído do início da obra, quando se narra o badalar dos sinos que anunciam a morte do bispo. A importância do toque dos sinos é tamanha que, neste fragmento, eles adquirem características humanas e “choram” a morte de Dom Silvério:

E as tôrres do Carmo e de S. Francisco acompanharam o sino grande da Sé; e os campanários do Rosário, das Mercês, de Santana, de Santo Antônio, de Nossa Senhora da Agonia, da Confraria, todos os velhos sinos pendurados por ali ao serviço de Deus, desde a primeira capelinha de taipa, até o último bateador feliz, todos êles obedeceram ao chantre-mor da metropolita e puseram-se a chorar a morte de D. Silvério Gomes Pimenta, o último Bispo de Mariana e seu primeiro Arcebispo.¹⁷⁰

Conforme aponta Pierre Nora, as discussões no campo da memória estavam em alta no início do século XX na Europa, com publicações como as de Bergson na filosofia, de Freud na psicanálise ou na literatura autobiográfica de Proust. A aparição da memória no centro das reflexões se deu, segundo Nora, em virtude das intensas transformações vividas na sociedade europeia desde o fim do século XIX, “quando se sentem os abalos decisivos dos equilíbrios tradicionais, particularmente o desabamento do mundo rural”¹⁷¹. No Brasil não é diferente e a memória também se torna assunto recorrente na literatura do começo do novecentos. Nesse sentido, é possível observar que Lima Júnior buscou fixar memórias da comunidade católica marianense justamente em um período de mudança significativa em suas tradições, o que se liga diretamente ao anseio por cristalizar experiências antes que elas desapareçam. Sobre esta questão, Nora afirma que

À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história.¹⁷²

Lima Júnior, portanto, reuniu no romance *Mariana* uma série de experiências vivenciadas pela comunidade católica da cidade antes que elas se perdessem em meio às

170 Ibidem, p. 16.

171 NORA, Pierre. Op. Cit., p. 17-18.

172 Ibidem, p. 15.

mudanças do contexto em questão, uma vez que elas eram transmitidas somente dentro do grupo ao qual pertenciam e, portanto, de maneiras restritas. Nesse sentido, observa-se que os sinos, as conversas, as práticas cotidianas, os costumes, que poderiam não ser compreendidos por pessoas de fora da comunidade, são apresentados e fixados por meio de sua escrita literária. Em um momento em que a historiografia mineira, possivelmente, ainda não se ocupava da história social dos costumes, Lima Júnior utiliza o romance, este gênero híbrido, para salvaguardar uma memória que poderia, no limite, se tornar histórica ao longo do tempo. Assim, compreende-se a obra como um “lugar de memória”. Trata-se de um lugar que é, conforme Nora define, material, simbólico, ligado a um determinado grupo social e que reúne em si as memórias de uma coletividade, articulando passado, presente e futuro por meio, neste caso, do artifício da escrita. Na próxima sessão, têm-se como objetivo apresentar como são feitas as composições de personagens e ambientes dentro deste romance híbrido, que apresenta a memória e a história de Mariana, junto ao conteúdo ficcional da narrativa.

3.2 “O novo e o velho”

Antonio Candido, em “A personagem do romance”, afirma que, da leitura de um romance, fica, geralmente, a impressão de uma série de fatos organizados em um enredo e de personagens que vivem tais fatos. Quando se pensa em enredo, pensa-se, ao mesmo tempo, nas personagens; e quando se pensa nas personagens, pensa-se “na vida que vivem, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma certa duração temporal, referida a determinadas condições de ambiente”¹⁷³.

O enredo de *Mariana* apresenta um grupo pequeno de personagens: alguns padres, pessoas comuns da comunidade, bispo, e, em meio a estes, Eugênio, um jovem vindo da capital do país, que vai circular entre uns e outros.

De acordo com Antonio Candido, existem duas famílias de personagens, que, no século XVIII, eram chamadas de “personagens de natureza” e “personagens de costumes”. Por

173 CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio, et. al.. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 54. Grifos nossos.

personagens de natureza, compreende-se as que são apresentadas por – além de seus traços superficiais – seu modo íntimo de ser, por sua existência profunda e não pelo mecanismo de suas relações. Tais personagens não são imediatamente identificáveis e seu autor “precisa, a cada mudança do seu modo de ser, lançar mão de uma caracterização diferente, geralmente analítica, não pitoresca” – o que conhecemos como “personagens esféricas”, mais complexas e, portanto, capazes de surpreender ao leitor¹⁷⁴.

As “personagens de costumes”, por outro lado, são aquelas apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente marcados e escolhidos; enfim, por tudo aquilo que as distingue vistas de fora. Uma vez fixados seus traços, a cada vez que a personagem surge na ação, basta ao autor evocar algum deles. Tais personagens são divertidas, pitorescas e, em suma, são dominadas por uma característica invariável e desde o início revelada – elas “permanecem inalteradas no espírito porque não mudam com as circunstâncias”, por isso conhecidas como “personagens planas”¹⁷⁵.

A natureza da composição da personagem depende, como aponta Candido, da concepção do romance e das intenções do romancista. Quando o interesse do autor é traçar um panorama dos costumes, a personagem será composta por sua visão dos meios que conhece e da observação de pessoas com comportamentos que lhe pareçam significativos. Ela será, portanto, menos aprofundada psicologicamente. Mas, se o autor estiver menos interessado no panorama social do que nos problemas humanos e em como eles são vividos pelos sujeitos, a personagem tenderá a complicar-se e sua singularidade será destacada sobre o pano fundo social¹⁷⁶.

No caso do romance *Mariana*, que tem o intuito de representar a vida cotidiana e os costumes de uma comunidade, é possível observar que as personagens são compostas de maneira plana, sem grandes complexidades psicológicas. Suas características são bem delineadas, apresentadas desde o início de sua aparição na trama e retomadas a cada vez que ressurgem ao longo da narrativa. As características de cada uma delas, ao que parece, também se articulam com os ambientes aos quais pertencem. Nesse sentido, têm-se em *Mariana* dois

174 Ibidem, p. 61-63.

175 Idem.

176 Ibidem, p. 74.

núcleos antagônicos, que podem ser divididos entre “O novo e o velho”, conforme nome dado a um dos capítulos da trama, que tem por objetivo evidenciar essa oposição.

Assim, têm-se o Cônego Jeremias – o maior oponente das mudanças que começam a acontecer na comunidade – como principal personagem do núcleo descrito como “velho”. A cada momento em que ele aparece na narrativa, são realçados aspectos ligados à sua decrepitude, juntamente a ambientes mal iluminados ou envelhecidos, como é possível observar no seguinte fragmento, que o apresenta no início da trama:

Pela íngreme Ladeira das Mercês, carregando a custo o pêso de seus oitenta e cinco anos, o Cônego Jeremias, Decano do Cabido, arrastava os passos, penosamente, apoiado a uma grossa bengala/ [...] / E monologava: / – Sim Senhor! E fico eu ainda aqui pelo mundo a purgar meus pecados! / Mas êste reumatismo... Enfim, Nossa Senhora do Carmo sabe o que faz! / Já era noite. A ladeira deserta e mal alumada pela luz elétrica escassa de uns postes extremamente afastados ia sendo galgada com dificuldade pelo velho cônego, cujas juntas tomadas por doses altíssimas de ácido úrico, sucessoras de uma demorada beribéri, moviam-se com dificuldade e dolorosamente. / – Ai! Ai! Murmurava o ancião ao pisar em falso sôbre um capim molhado pelo orvalho, onde os pés não encontravam apoio bem firme...¹⁷⁷

As roupas do Cônego são igualmente destacadas em descrições que as apresentam como velhas, rasgadas, gastas pelo tempo. Suas roupas, juntamente com seu mal humor característico, compõem a imagem da personagem:

O velho sacerdote ia pôr-se de nôvo a caminho, quando falseando o corpo, a uma dor mais aguda no joelho, enfiou a ponta do sapato na batina que se rasgou em largo trecho. / – Que desastre! Minha batina melhor! Remendada sim, mas em ótimo estado! Mas de que tombo escapei! Bonito. Agora como vou celebrar minha missa amanhã! E o Cabido? / Cônego Jeremias enfiou a mão pelo rasgão e verificou a extensão do desastre. Dois palmos e tanto. A baina se desprendera em largo trecho e tornara-se impossível usá-la assim.¹⁷⁸

Junto à velhice, ao reumatismo, à batina rasgada, ao mal humor crônico, soma-se à descrição do Cônego uma certa teimosia em suas convicções e tradicionalismos, que o fazem insistir em alguns pontos, como em continuar em suas atividades sacerdotais, ainda que o corpo pareça não mais suportar, como é possível observar nos fragmentos a seguir:

177 Ibidem, p. 16-17.

178 Ibidem, p. 18.

O Cônego já estava velho, pouco viveria, cheio de achaques como andava, quase se arrastando para mover, sustentado ainda, na atividade, por uma vontade de ferro que o fazia operar verdadeiros milagres de resistência.¹⁷⁹

Mas o Cônego Jeremias não se levantava mais da cama e nem aqueles dias de sol, do comêço de março lhe haviam trazido as esperadas melhoras. A artereosclerose ia minando-lhe o organismo gasto, talvez mais sustentado pela tradição de viver, que por capacidade própria. / Não fôsse o hábito uma segunda natureza, especialmente nos velhos conservadores como era o caso de Cônego Jeremias, virtuoso Decano da Sé Marianense...¹⁸⁰

A descrição da casa do Cônego também parece fazer parte de sua própria descrição, conforme apresentado mais detalhadamente no capítulo anterior. Trata-se de “Um sobrado velho, carcomido, mal ataviado. A sala assoalhada com largas tábuas firmadas por grosseiros pregos cujas cabeças se erguiam fora do nível do chão”¹⁸¹. Personagem e ambiente, neste caso, parecem ter uma relação profunda e são descritos ora pelo narrador onisciente, ora pela visão de Eugênio, ora pelas falas do próprio personagem, que também se afirma em alguns momentos da trama como velho, teimoso e mal humorado¹⁸².

Por outro lado, têm-se a figura de oposição ao velho cônego: o novo bispo, Dom Salesius, que é sempre descrito com portador de qualidades como inteligência, vasta cultura, brandura; além de ser colocado em meio a cenários que sugerem iluminação de ambiente, claridade, reformas, como é possível observar a seguir:

Não obstante ser mômço ainda, as excepcionais qualidades de inteligência e piedade, a vasta cultura e infatigável atividade apostolar do Padre Salesius, na Congregação de D. Bosco, tinham atraído sôbre ele, a atenção da Santa Sé, que o fizera Bispo do Maranhão, de onde vinha, agora, elevado à Arcebispo para a Arquidiocese de Mariana. Educador emérito, Missionário entre os selvagens do Mato Grosso, o novo antístite marianense era um homem extremamente suave, mas possuindo também, uma vontade inquebrantável. Tinha quarenta anos de idade, mas era um experimentado na vida, um psicólogo admirável, conhecendo as virtudes e fraquezas humanas,

179 Ibidem, p. 58.

180 Ibidem, p. 119.

181 Ibidem, p. 43.

182 Ao encontrar-se pela primeira vez com o sobrinho Eugênio, Cônego Jeremias, antes de reconhecê-lo, trata o jovem de maneira tão áspera que o assusta. Após dar-se conta de que se trata do filho de sua irmã, o Cônego busca se retratar com as seguintes palavras: “Eugênio! Eugênio! Meu sobrinho! Ora essa! E eu a assustar-te com minha rabujice! É da idade e dos trabalhos, meu filho! Então vieste! Muito bem! O tio velho há de dar um jeito qualquer!” Ibidem, p. 40. Já a descrição da casa do Cônego, cujo fragmento se encontra no corpo do texto, é feita pelo narrador em discurso indireto livre e mostra a visão de Eugênio sobre a edificação que iria morar a contragosto.

vendo tudo, porém sob o prisma da bondade evangélica que lhe formava a alma privilegiada. [...] / À primeira ordem de colocar a mitra e empunhar o báculo, lá seguira êle para o longínquo Maranhão, deixando seu govêrno na velha Diocese de S. Luís, assinalado por uma das mais notáveis administrações eclesiásticas do Brasil. Figura imponente, ágil e de expressão fácil, tudo conseguia com sua persuasiva brandura e todos tinham satisfação em colaborar com êle. Piedoso, era o primeiro a arrastar os outros pelo bom exemplo, e a virtude, pregava-a, principalmente, pela prática das suas próprias. [...] / Os sinos badalaram as “Ave-Marias”. D. Salesius rezou o Angelus com as mais ternas carícias do coração. Do lado da serra de Ouro Preto, o sol radioso daquele dia não quisera morrer sem também prestar ao jovem prelado as homenagens de suas galas. Um clarão rubro inflamava o céu e as cambiantes de luz, transmutando-se em reflexos que se embatiam sôbre a crista da serra, ofereciam aos olhos um espetáculo arrebatador.¹⁸³

A residência arquiépiscopal que Dom Salesius encontra em sua chegada a Mariana mostra-se velha e também em ruínas, o que não o agrada e o impulsiona a promover uma série de reformas na sede do bispado, com novas edificações que terão maior sintonia com sua ótica mais moderna. Nota-se no fragmento a seguir – no qual ele comenta com Eugênio sobre a construção do novo Palácio dos Bispos que irá lhe servir de morada – o jogo de oposição presente: casa nova e casa velha; lugar úmido e bons ares, linda paisagem.

– Se não está com pressa vamos até o Alto de S. Pedro, olhar a construção da nova casa para minha residência. Compreende-se que esta aqui, é velha e úmida! Lá no alto teremos bons ares e uma linda paisagem! / [...] Saíram e subiram pelo íngreme trilho que vai da Fonte da Samaritana à Esplanada de S. Pedro no morro. Em pouco atingiam o alto onde se detiveram para retomar o alento, depois do esforço da subida. Olhando o panorama, mostrava D. Salesius a cidade, e o Vale do Seminário onde uma vultosa construção começava a erguer suas paredes. / – Ali ficará o nosso grande Seminário, e, Mariana, terá nesse educandário, um estabelecimento perfeito debaixo de todos os pontos-de-vista e que constituirá um motivo de legítimo orgulho não só para a Igreja Católica, como para todos os mineiros. / Estamos formando um clero magnífico, por sua instrução e virtudes, e ali instalarei o seminário-maior, com cursos de altos estudos teológicos e científicos, para maior glória de Deus.¹⁸⁴

Em meio aos lados opostos, encontra-se Eugênio, o protagonista intermediário que não pertence à comunidade local e que vai circular entre um ambiente e outro na cidade de Mariana. Trata-se do sujeito vindo da capital do país, que, a princípio, não se conforma com a

183 Ibidem, p. 83.

184 Ibidem, p. 110-111.

vida na interiorana cidade histórica e, menos ainda, com a imposição de uma vida de clausura dentro de um seminário. A personagem, um jovem em formação, é representada como um sujeito deslocado e cheio de dúvidas e paixões humanas, como evidencia o fragmento a seguir:

[Eugênio] lembrava-se da doença do tio e internamente arriscava prognósticos acêrca da sua marcha. Sentia-se vil neste cálculo, nesse fingimento, nessa hipocrisia perversa que fazia depender, sua libertação, da morte do velho. / Mas era humano, tristemente humano! Não podia ler. Preferia locomover-se, fatigar o corpo em excursões, arriscava-se a adoecer, morrer, acabar, livrar-se de tudo aquilo. Pensava às vêzes em fugir dali, embrenhar-se pelo sertão, tentar a fortuna, a aventura. Uma fôrça oculta, porém, retinha-o submisso aos desejos do Cônego, acovardado, ante aquela violência inconsciente, que lhe impunha o tio, mas à qual não tinha coragem de se subtrair, abatido por paradoxais sentimentos de afeto e ódio ao autor daquele plano cruel de fazê-lo padre. / Sua estrutura moral, contudo, revoltava-se contra a comédia.¹⁸⁵

Enquanto Eugênio circula pelo ambiente proporcionado por seu velho tio (sua casa, a cidade, os costumes das pessoas da comunidade), a impressão que o jovem forma sobre a cidade é que se trata de um local atrasado e em ruínas. Em uma carta escrita a um amigo do Rio, em tom de desabafo, Eugênio descreve suas mais sinceras impressões sobre Mariana:

A mão corria nervosamente sôbre o papel a as palavras traduziam-lhe o estado dalma, onde as coisas se desenhavam sob um aspecto sombrio e lúgubre. / Dizia a carta: ‘Só te posso dizer de Mariana, que é uma cidade triste, e basta êsse nome para entristecer a gente. Imagina sua paisagem: longas e abruptas cordilheiras estéreis e negras, com os cismos sempre metidos nas brumas; campos arenosos, cheios de montículos de cascalho lavado, das minerações auríferas antigas. Casas de rótulas, escuras e acachapadas, sobradinhos mirrados, igrejas enormes e desertas, muros de pedra, musgos onde se aquecem ao sol assustadas lagartixas... cidade morta... / “Pelas ruas alguns transeuntes, burros com cangalhas, carregadas de lenha, mulheres de capa e fichu na cabeça, feias, ariscas, os próprios adolescentes envelhecidos precocemente, padres, seminaristas e mendigos continuamente a arrastarem sua triste miséria à porta do palácio arquiiepiscopal. / Às vezes, pela rua, um cortejo triste. São as meninas do asilo, com suas vestes uniformes, seus chapelões, tôdas iguais, duas a duas, conduzidas pelas Irmãs de S. Vicente de Paula, com seus rosários a desfilarem nos dedos, que seguem a passeio até a Assunção, certamente se chamarão quitérias, Teresas, Martas ou Bernadinas. Só um adorável anjo foge a essa regra, excetua-se admiravelmente. É a Isaura, uma jovem cuja beleza lembra as figuras dos painéis da Renascença e de quem eu te não

185 Ibidem, p. 108.

poderia, nem de longe, dar uma ideia. Mas... tudo o mais, como dizia: triste, arruinado e litúrgico. As casas das esquinas têm nichos com imagens e lâmpadas acesas e, de noite, as cruzes, que andam por tôda a parte, são iluminadas por velas de cêra que lhes ardem aos pés... / E os sinos! Não se calam nunca, soando continuamente dobres e repiques. / Num vale abaixo da cidade está situado o palácio arquiépiscopal. Um horror! Uma construção tôsca, velhíssima, sem arquitetura, de grossas paredes enegrecidas, com a porta sempre cheia de pedintes, mendigos de tôdas as espécies.”¹⁸⁶

É interessante observar que, após esse relato de Eugênio, o narrador onisciente aparece no romance para balizar tais descrições e destacar o caráter enviesado das impressões do jovem:

Tôda a carta era assim. Nela, as impressões estereotipavam o horror que lhe inspirava o ambiente. / Eugênio vira Mariana debaixo e um dos seus aspectos, esquecido ou alheiado aos encantos da cidade pobrezinha, mas cheia de poesia, de tradições, de história, de glórias, fidalga entre as mais fidalgas, velha rainha deposta de seu trono profano, mas sempre ativa e santa no privilégio indisputável de primaz de Minas Gerais na vigaria de Cristo. / Eugênio leu e releu as palavras que escrevera. Desabafara um pouco da dor que lhe agoniava o espírito. Arrependeu-se, porém, da crueldade com que tratara a cidade, berço de seu sangue, terra de seus maiores, onde se acolhera na hora amarga da adversidade. E rasgou a carta.¹⁸⁷

Outra interpretação também dada às mesmas paisagens da cidade é apresentada na trama pelo olhar de Dom Salesius. Ainda que o bispo buscasse promover mudanças em algumas tradições e reformas nas antigas edificações, sua impressão sobre a cidade ressalta certo encanto e beleza. Assim, a imagem que ele oferece a Eugênio começa, pouco a pouco, a mudar as impressões do jovem:

Eugênio, depois da conversa que entretivera com D. Salesius, sentia melhor, interessando-se, mesmo, pelos assuntos locais que até pouco antes lhe faziam horror. / – Como tôdas as velhas cidades mineiras, o que encanta na paisagem é o aspecto interessante dos campanários emergindo do casario, como que dando ideia da absoluta identificação da vida de nossas populações com as instituições religiosas. Vive-se aqui, de parede-e-meia com cemitérios e igrejas! / E como são tôdas lindas! Pena é que estejam abandonadas. Tenho reparado, que neste momento, porém, tôdas estão passando por obras. E enquanto D. Salesius se entretinha em conversa com um pedreiro, o Cônego Trinitas apontava a Eugênio os templos de Mariana

186 Ibidem, p. 90-92.

187 Ibidem, p. 92.

resumindo-lhes a história: / – Tem razão. As igrejas fazem parte da vida do povo. Tôda a existência transcorre ligada a elas, desde o batismo, a primeira comunhão, o casamento, os aniversários, a morte, os sufrágios. De tôdas as alegrias e de tôdas as tristezas da vida de família, de tôdas as solenidades cívicas participam as igrejas com seus sinos e seus ofícios. O católico vive identificado com sua matriz e com a igreja da irmandade que escolheu para filiar-se. [...] ¹⁸⁸

Dom Salesius não é a única figura do romance a exercer grande influência sobre Eugênio. Os padres do seminário e o ambiente da instituição são igualmente decisivos para a formação do jovem. Eles são descritos na narrativa do mesmo modo elogioso atribuído ao bispo e às novas edificações criadas por ele:

Os padres da comunidade [do seminário] eram finos de trato, agradáveis na conversação e tinham um aspecto de suave bondade, que desde logo se presentia ao primeiro contato com êles. Nada de caras carrancudas, severas, ameaçadoras, cheias de ritos de austeridade estudada. / Pelo contrário. Eram afáveis, risonhos, bem conversados, revelando todos uma naturalidade absoluta em seus modos. ¹⁸⁹

Antes de entrar para o seminário, ao que parece, a visão de Eugênio sobre a instituição era ainda marcada pela influência que a convivência com seu tio e nos ambientes em ruínas exerciam sobre ele. O jovem se referia ao educandário como um lugar “odioso a se oferecer aos olhos, com seu aspecto envelhecido, seus renques de arundináceas, seu telhado sempre cheio de urubus”¹⁹⁰. Mas, ao chegar ao educandário, o novo seminarista, acostumado às ruínas da cidade, logo se depara com a visão de encantador jardim, com belas flores, e é recebido por um padre muito diferente de seu velho tio:

Chegando ao pé da escada, viu ao lado dela o Padre Simão, o reitor, que se entretinha com seu canteiro de lírio. Era a distração favorita do sacerdote, a sua paixão profana, o regalo de seus ócios, cultivar aquêlo pedaço estreito de terra, onde êle semeava, cuidava e acariciava com os olhos e com as mãos os alvíssimos lírios que ali vicejavam de modo extraordinário. / [...] Eugênio desculpou-se do atraso com a doença do tio e ficou alguns instantes palestrando com o Padre Simão, que lhe explicava seu gosto pela jardinagem: / – Em minha terra natal, na Holanda, apreciam-se muito as flôres. / Ninguém, mesmo, deixa de cultivá-las em casa, num canteiro em vasos à janela. É meu divertimento cuidar dêsses lírios, que, além do mais,

188 Ibidem, p. 115-116.

189 Ibidem, p. 141.

190 Ibidem, p. 108.

são símbolos de minha missão nesta casa. O reitor de um seminário, Sr. Eugênio, é um jardineiro de lírios. Deve continuamente defender suas flôres das ervas más, dos insetos, de tudo quanto possa prejudicar-lhes o viço e a pureza. O lírio é muito delicado e qualquer coisa o faz amarelecer. Ora, um lírio, sem a alvura imaculada, perde todo o seu valor. Não lhe parece? Concluiu Padre Simão, com sorriso de bondade.¹⁹¹

A convivência com Dom Salesius e com os padres do seminário, além da própria experiência de morar e estudar no Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte – descrito na narrativa como um local cheio de belezas e de profundas buscas intelectuais e espirituais – parecem fazer com que o jovem em formação defina os novos rumos de sua vida, escolhendo o sacerdócio enquanto carreira. Após a transformação inteira de Eugênio, já neste novo ambiente eclesiástico, sua interpretação sobre a cidade também muda profundamente. E, então, nas páginas finais do romance, são apresentadas suas novas impressões através do discurso indireto livre:

Do adro da igreja, [Eugênio] olhou a cidade que se estendia a seus pés, banhada pela luz solar da esplendorosa manhã. / O casario aconchegava-se às igrejas, protegendo-se junto delas, vivendo identificado com elas. / – Eugênio viu a velha cidade dos Bispos e dos Cônegos, dos padres e seminaristas, sob seu aspecto real que êle antes desconhecerá. Estava ali o coração católico de Minas, a capital espiritual da gente heróica das montanhas; ali se materializavam dois séculos de formação e de riquezas, de sofrimentos e de glórias, vividas à sombra daqueles campanários, cujos sinos roufenhos eram como que a própria voz do passado, assistindo e guiando o presente para assegurar o futuro. Não só o futuro transitório da vida terrena; sobretudo a vida eterna, em cuja esperança os sofrimentos se acalmam e a dor se mitiga. De cada um daqueles casarões, velhos, roídos pelo tempo, evolavam-se constantemente ao Céu as preces dos Breviários, dos terços, dos ofícios, das ladainhas, das cândidas e apressadas Ave-Marias das meninas do Asilo. E o Carmelo com suas penitências, seus jejuns, suas freiras de faces pálidas, rezando pelos pecadores inconscientes, que cá fora no mundo se descuidavam de que um dia teriam contas a prestar a Deus! / E o velho Seminário a formar gerações e gerações de padres que se espalhavam depois pelo território mineiro, batizando, pregando a palavra de Deus, consolando os moribundos e abrindo-lhes as portas da eternidade com os merecimentos de Jesus Cristo! / – Cidade nobre, cidade sagrada, cidade de Deus! À sua memória vinham os versículos do Salmo: “Gloriosa dicta sunt de te, civitas Dei!” / E Eugênio contemplando a velha Mariana, que êle detestara e que agora venerava com a mais profunda afeição, descobriu-se,

191 Ibidem, p. 133.

saudando a Rainha dos Céus, advertido pelo sino grande da Sé que batia o meio-dia.¹⁹²

Assim, se a descrição de Mariana era antes dada por ambientes em ruínas, por moradias “velhas e carcomidas”, após a transformação interna de Eugênio, a cidade passa a ser vista por um novo olhar, que revelaria “seu aspecto real”, através da “luz solar”. Se antes o que havia era um “amontoado de casas em volta de igrejas”, agora o casario “aconchegava-se” a elas. Primeira cidade de Minas, era ela seu “coração”. E seu maior valor seria, sobretudo, servir como “capital espiritual” dos mineiros. Nota-se, portanto, que os jogos de oposição entre o velho e o novo são marcantes em todo o romance.

A história de Eugênio Harden, colocada como núcleo, a aventura central em torno da qual se dará o romance, parece ser utilizada pelo autor como uma estratégia para compor o quadro do que seria a grande personagem na narrativa: a própria cidade de Mariana, que tem algumas de suas paisagens, costumes e memórias revelados por meio das minuciosas descrições apresentadas no decorrer do livro. A cidade não muda no decorrer da narrativa; o que muda é o íntimo do personagem e, com isso, seu olhar sobre Mariana. A cidade, à primeira vista, poderia ser encarada por quem não compreende seus costumes e memórias apenas como um lugar em ruínas, mas no qual se ocultava um valor específico dentro da história de Minas Gerais, que seria o “valor espiritual” atribuído pelas convicções culturais do próprio autor. Daí tanta descrição de cenário, tantos capítulos sobre a história de Mariana, tantas memórias e costumes locais, que fazem a história do protagonista Eugênio se tornar diminuta em meio à narrativa.

Em *Mariana*, nota-se uma escrita que busca funcionar como um “lugar de memória”, ao fixar costumes ligados à memória e à história da cidade, por meio de um romance cheio de descrições minuciosas que se sobressaem à trama romanesca. A partir das memórias escolhidas para serem fixadas, a obra parece visar à cristalização de um momento – com suas palavras, cenários e ações –, a fim de reafirmar sua perenidade em meio às mudanças sociais do contexto em questão. Trata-se de uma narrativa, portanto, que também se relaciona com o conjunto de obras de seu autor, que tinha por objetivo narrar certas memórias e paisagens mineiras, além de relacioná-las com suas próprias experiências e convicções culturais.

192 Ibidem, p. 172-173.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito de algumas vezes ter sido decretada a sua morte, a ficção histórica continua a seduzir-nos com a memória dos homens e dos fatos que vieram antes de nós.

Alcmeno Bastos

Lugares portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e de morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do coletivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. Anéis de Moebius enrolados sobre si mesmos.

Pierre Nora

Ao finalizarmos este trabalho, que teve por objetivo compreender a representação da memória elaborada no romance *Mariana* e analisar as estratégias discursivas utilizadas na composição da referida obra, a fim de contribuir para a história da literatura brasileira, algumas considerações podem ser feitas.

Augusto de Lima Júnior foi um importante escritor mineiro do século XX. Sua produção intelectual foi ampla, com mais de 30 obras publicadas entre os gêneros literário e historiográfico, além de artigos jornalísticos. O letrado participou efetivamente de diversos espaços culturais que se ocupavam da memória e da história de Minas Gerais, como a *Revista de História e Arte*, o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, a Academia Mineira de Letras, entre outros. Ele fazia parte de grupos intelectuais comprometidos com a construção, por meio da escrita, de uma identidade singular de Minas Gerais, a chamada *mineiridade*, a qual pretendia definir as supostas características e costumes partilhados pelos mineiros num discurso unificado.

As obras literárias do autor – poesias, contos crônicas, romances –, que muito versam sobre memórias, costumes, experiências e paisagens das cidades históricas mineiras, foram amplamente apagadas ao longo do tempo, embora tenham repercutido no contexto em que foram escritas. Entre tais obras, consta o romance *Mariana*, quinto livro do autor e terceiro de

seus romances. O livro caiu em profundo esquecimento na história da literatura brasileira e na memória coletiva, embora tenha sido publicado em duas edições, tenha recebido notas críticas da imprensa à época e ser uma importante narrativa, posto que guarda aspectos da história e da memória da primeira cidade de Minas Gerais, além de articular memória e história a uma trama ficcional que dialoga com a produção literária brasileira dos anos 1930.

Ao analisar as notas críticas que as obras literárias de Augusto de Lima Júnior receberam no periódico carioca *A Noite*, percebemos que temas relacionados a memórias, lendas, histórias e costumes da terra mineira foram os que deram o principal contorno à sua escrita literária, juntamente com a temática religiosa, que percorre grande parte de suas narrativas. A partir de 1940 – ano de lançamento do seu principal livro histórico sobre Minas, *A Capitania das Minas Gerais* – o letrado esteve menos envolvido com a escrita literária do que com pesquisas históricas sobre seu estado. Várias obras historiográficas foram lançadas por ele a partir de então, embora tenha publicado dois livros literários de tom memorialístico no final de sua vida, nos anos 1960.

O tema da memória foi recorrente e marcante na escrita de Lima Júnior, assumindo diferentes formas e gêneros, como crônicas, poesias, ou mesmo em paratextos, como os prefácios de seus livros literários ou históricos. Em tais textos, o autor apresentava suas memórias pessoais num gesto de inscrever o que lhe atravessava enquanto sujeito, sobretudo no que tange às experiências vividas nos cenários de sua infância no interior de Minas Gerais. Em suas escritas memorialísticas, observamos elementos definidores de certa melancolia, saudosismo, nostalgia, ufanismo, religiosidade, os quais foram realçados por meio de sua intrínseca relação com a terra mineira. Algo diferente, contudo, ocorreu na escrita de *Mariana*. Ao escolher o romance como gênero da narrativa, o autor extrapolou a memória em primeira pessoa e nele conseguiu unir a memória e a história por meio da ficção literária.

No romance sobre a primeira cidade mineira, toda a trama gira em torno das experiências vividas pela comunidade católica local, o que dialoga diretamente com as discussões promovidas pelos romancistas católicos dos anos 1930. Em tempos de transformações sociais com a chegada da modernidade, a solução dada pelo autor de *Mariana* para os impasses do momento foi a saída espiritualista, a solução católica, sem abrir mão, contudo, de uma revelação da escolha por meio de uma ótica historicista. O protagonista intermediário, sujeito de fora da comunidade e, portanto, alheio aos seus costumes, se

encontra na vida religiosa, transforma-se e encerra o romance a seguir para uma nova aventura, ao decidir ir para o Santuário do Caraça com intuito de continuar sua formação sacerdotal. A cisão, portanto, entre o arcaico e o moderno – que, segundo Luís Bueno, foi presença constante nos romances dos anos 1930 – foi apresentada na obra dentro da experiência católica, ao se diferenciar práticas mais “tradicionais” e uma certa “modernização” dentro do catolicismo; e foi no próprio catolicismo, que se colocou a saída para os problemas representados no contexto em questão. Nesse sentido, observamos uma certa ambivalência no romance, já que, por um lado, existe nele uma proposta tradicional e espiritualista frente às mudanças da modernidade; e, por outro, ele aponta um caminho considerado mais “moderno” dentro do próprio catolicismo, com a renovação advinda com a chegada do novo bispo na cidade, frente às práticas mais tradicionais da comunidade.

O romance *Mariana* apresenta, ao longo de seus vinte e dois capítulos, três eixos narrativos que se intercalam em sua estrutura: a *memória* (com elementos da memória coletiva e de costumes ligados à tradição católica da comunidade); a *ficção* (elaborada em torno da personagem Eugênio Harden, que percorre a cidade a tecer contato com os costumes e com a história local) e a *história* (com narrativas sobre a história da cidade de Mariana). O plurilinguismo por gêneros intercalados é, portanto, algo marcante nesta obra de Augusto de Lima Júnior.

Para analisarmos se *Mariana* se trata ou não de um romance histórico, buscamos compreender as especificidades do subgênero com base em trabalhos como os de Georgy Lukács, Fredric Jameson, Alcmeno Bastos e Donizeth Santos. Chegamos à constatação de que a especificidade do romance histórico está no modo de representação literária que entrelaça ficção e história, ao se narrar como um determinado evento histórico condicionou o modo de ser e agir das pessoas afetadas por ele, mesmo que aborde um período diretamente vivido por seu autor, como é o caso da obra de Lima Júnior. Nesse sentido, é possível afirmar que *Mariana* é um romance histórico, tal qual os romances de Balzac, que representam o contemporâneo também como histórico. Para se compreender os problemas do presente, buscou-se narrar, em *Mariana*, a história da comunidade desde o seu início. Trata-se da crise histórica da comunidade (que, com a chegada da modernidade, vê sendo quebradas algumas de suas tradições mais antigas) e a representação dos costumes locais, por meio de uma trama ficcional que se entrelaça à história e também à memória da cidade, além de trazer um

protagonista intermediário que coloca em contato os lados opostos que são apresentados em conflito. Observamos, ainda, que Balzac parece ter sido um modelo para Lima Júnior quanto ao historicismo, à fixação dos costumes e o modo de representar a harmonia entre personagens e ambientes, embora o romance *Mariana* não seja completamente modelado conforme as obras do escritor francês. Não coube nesta dissertação analisar de maneira mais aprofundada o diálogo entre as obras de ambos escritores. O intuito, neste caso, foi apresentar como Lima Júnior parece ter dialogado com diferentes tradições, inclusive a tradição realista do século XIX.

Em *Mariana*, a escrita que busca fixar a vida cotidiana, os costumes e paisagens da cidade é feita a partir de um enquadramento muito específico, entre memórias que deveriam ser lembradas ou apagadas, junto a um conteúdo também inventado, dado o caráter ficcional da narrativa, além do teor historiográfico que acompanha a obra. Para compreender a representação da memória no romance, buscamos o conceito de “lugares de memória”, do historiador francês Pierre Nora. Para ele, a curiosidade sobre os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada ao momento de aceleração da história. Nesse sentido, a fixação da vida da cidade num singular instante, à qual se refere Lima Júnior no prefácio da obra, parece ter sido contemplada por essa vontade de criar uma cristalização da memória coletiva por meio da escrita literária, antes que ela se perdesse no contexto de transformações vivenciadas pela comunidade em questão, o que leva o romance a funcionar como um “lugar de memória”: um espaço material e simbólico que guarda uma memória pertencente a uma coletividade. A memória narrada em *Mariana* gira em torno da comunidade católica que havia na cidade e todo traço de vida descrito se relaciona, em algum modo, com a igreja e suas tradições, apagando-se qualquer vestígio de outras identidades e culturais locais. O autor, católico fervoroso, esteve sempre envolvido com a temática religiosa e é a memória da comunidade católica marianense e seus costumes que ele buscou fixar no romance.

O enredo de *Mariana* apresenta um grupo pequeno de personagens: alguns padres, pessoas comuns da comunidade, bispo, e, em meio a estes, Eugênio, um jovem vindo da capital do país, que vai circular entre uns e outros. Vimos que a natureza da composição da personagem depende, conforme aponta Antonio Candido, da concepção do romance e das intenções do romancista. Quando o interesse do autor é traçar um panorama dos costumes, a personagem será composta por sua visão dos meios que conhece. Ela não será, portanto,

aprofundada psicologicamente. No entanto, se o autor estiver mais interessado nos problemas humanos do que no panorama social, a personagem tenderá a complicar-se e sua singularidade será destacada. No caso de *Mariana*, que tem o objetivo de representar a vida cotidiana e os costumes da comunidade, observamos que as personagens são compostas de maneira plana, sem grandes complexidades psicológicas. Suas características são bem delineadas e apresentadas desde o início de sua aparição na trama. Tais características também parecem se articular com os ambientes aos quais pertencem. Nesse sentido, têm-se na obra dois núcleos antagônicos, que podem ser divididos entre “o novo e o velho”, conforme nome dado a um dos capítulos do romance, que tem por objetivo evidenciar essa oposição. A história de Eugênio Harden, colocada como núcleo da trama, parece ser utilizada como uma estratégia para compor o quadro do que seria a grande personagem na narrativa, que é a própria cidade de Mariana, que tem algumas de suas paisagens, costumes e memórias revelados por meio das descrições apresentadas no decorrer do livro.

Assim, o romance *Mariana* mostrou-nos ser uma importante obra para pensar a representação da memória na escrita literária brasileira do início do século XX. A sua narrativa é de relevância para a cidade em questão, posto que apresenta sua história e memória contadas de uma maneira diferente, pela escrita afetiva que a ficção propicia. A partir desse percurso, seria interessante aprofundar em pesquisas futuras a relação deste romance com outras obras literárias do autor. Longe de querer esgotar os problemas que a obra apresenta, este trabalho pretendeu apresentar algumas possibilidades interpretativas sobre este romance que ainda não havia sido analisado nos estudos literários, com a certeza de que outras interpretações podem ser exploradas em novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- A *NOITE*, Rio de Janeiro, 1º de junho de 1931, p. 07. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
- A *NOITE*, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1932, p. 5. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
- A *NOITE*, Rio de Janeiro, 03 de março de 1932, p. 8. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
- A *NOITE*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1935, p. 2. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
- A *NOITE*, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1935, p. 5. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
- A *NOITE*, Rio de Janeiro, 04 de setembro de 1935, p. 2. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
- A *NOITE*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1936, s/n. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.
- A Noite (Rio de Janeiro, 1911)*. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/artigos/a-noite/>> Acesso em 26 jul. 2021.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Mitologia da mineiridade: o imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ASSMANN, Aleida. Escrita. In: *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- AUERBACH, Erich. Na mansão de La Mole. In.: *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- AUREO Throno Episcopal. In.: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, ano 6, v.2, abr./jun., 1901, p. 379-491.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BALZAC, Honoré de. O Pai Goriot. In: *A comédia humana: estudos de costumes: cenas da vida privada*. 3ª ed. São Paulo: Globo, 2012.

- BASTOS, Alcmemo. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 36-49.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Figuras de autor, figuras de editor: as práticas editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo, Editora Unesp, 2018.
- BUENO, Luis. *Uma história do romance de 30*. São Paulo/Campinas: EDUSP/UNICAMP, 2006.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio, et. al.. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880*. 16ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Azul; São Paulo: FAPESP, 2017.
- FERREIRA, Camila K. R. *A polêmica como patrimônio: Augusto de Lima Júnior e a Revista de História e Arte nos embates da política patrimonial (1930-1966)*. 2014. 215 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2017.
- FONSECA, Cláudia. Damasceno. O espaço urbano de Mariana: sua formação e suas representações. In: *TERMO de Mariana: história e documentação*. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 1998, p. 27-66.
- GONÇALVES, Andrea Lisly; OLIVEIRA, Ronald. (orgs.). *Termo de Mariana: história & documentação*. Mariana: Imprensa Universitária da UFOP, 2004.
- GONÇALVES, Tatiana M. *Crítica, exemplaridade e poética: a escrita da história na pena de Lúcio dos Santos*. 2011. 73f. Monografia (Bacharelado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2011.
- GONÇALVES, Tatiana M.; NICOLAZZI, Fernando. Inventando a historiografia mineira: o Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais em sua ‘primeira fase’, 1907-1927. *Revista de Teoria da História*, v. 6, p. 93-109, 2014.
- GONÇALVES, Tatiana M.; NICOLAZZI, Fernando. O Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais: fundação e ‘primeira fase’, 1907-1927. In: FERREIRA, Antonio Celso; MAHL, Marcelo Lapuente (orgs.). *Os Institutos Históricos e Geográficos: Nação e Região na Historiografia Brasileira*. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2017, p. 175-192.

JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos estudos*. São Paulo, n. 77, p. 185-203, março de 2007.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1932, p. 3. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 02 mai. 2019.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Quando os Ipês florescem*. Belo Horizonte: Edição do autor, 1965.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Mariana*. 2ª ed. Belo Horizonte: Edição do autor, 1966.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *Canções do Tempo Antigo*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1966.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *A Capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978.

LIMA JÚNIOR, Augusto de. *História de Nossa Senhora em Minas Gerais*. Origens das principais invocações. Belo Horizonte: Autêntica; Editora PUC Minas, 2008.

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAIA, Moacir R. C. Uma quinta portuguesa no interior do Brasil ou A saga do ilustrado dom frei Cipriano e o jardim do antigo palácio episcopal no final do século XVIII. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 881-902, out./dez. 2009.

MACIEL, Sheila Dias. Sobre a tradição da escrita de *memórias* no Brasil. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 48, n. 4, p. 551-558, out./dez. 2013.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Pinturas de Hans Nobauer. Documentos de arquitetura colonial na coleção do Museu Histórico Nacional. *Anais do III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-3/htm/Artigos/ST/ST-PCI-009-05-MAGALHAES.pdf>> Acesso em: 26 jul 2021.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. “Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX”. *Revista História da historiografia*, Ouro Preto, n.18, ago. 2015.

REIS, Liana Maria. “Mineiridade: identidade regional e ideologia”. In: *Revista Cadernos de História (PUC Minas)*, Belo Horizonte, v. 9, n. 11, 1º sem. 2007.

SACRUM Commercium S.Francisci cum domina Paupertat – 31. Disponível em:
<http://centrofranciscano.capuchinhosp.org.br/fontes-leitura?id=2547&parent_id=2514>
Acesso em: 25 jul. 2021.

SANTOS, Donizeth. O romance histórico e a problemática do distanciamento temporal entre o fato narrado e o período de vida do autor. *Línguas & Letras*. Vol. 13, nº 25, p. 187-203, 2º sem. 2012.